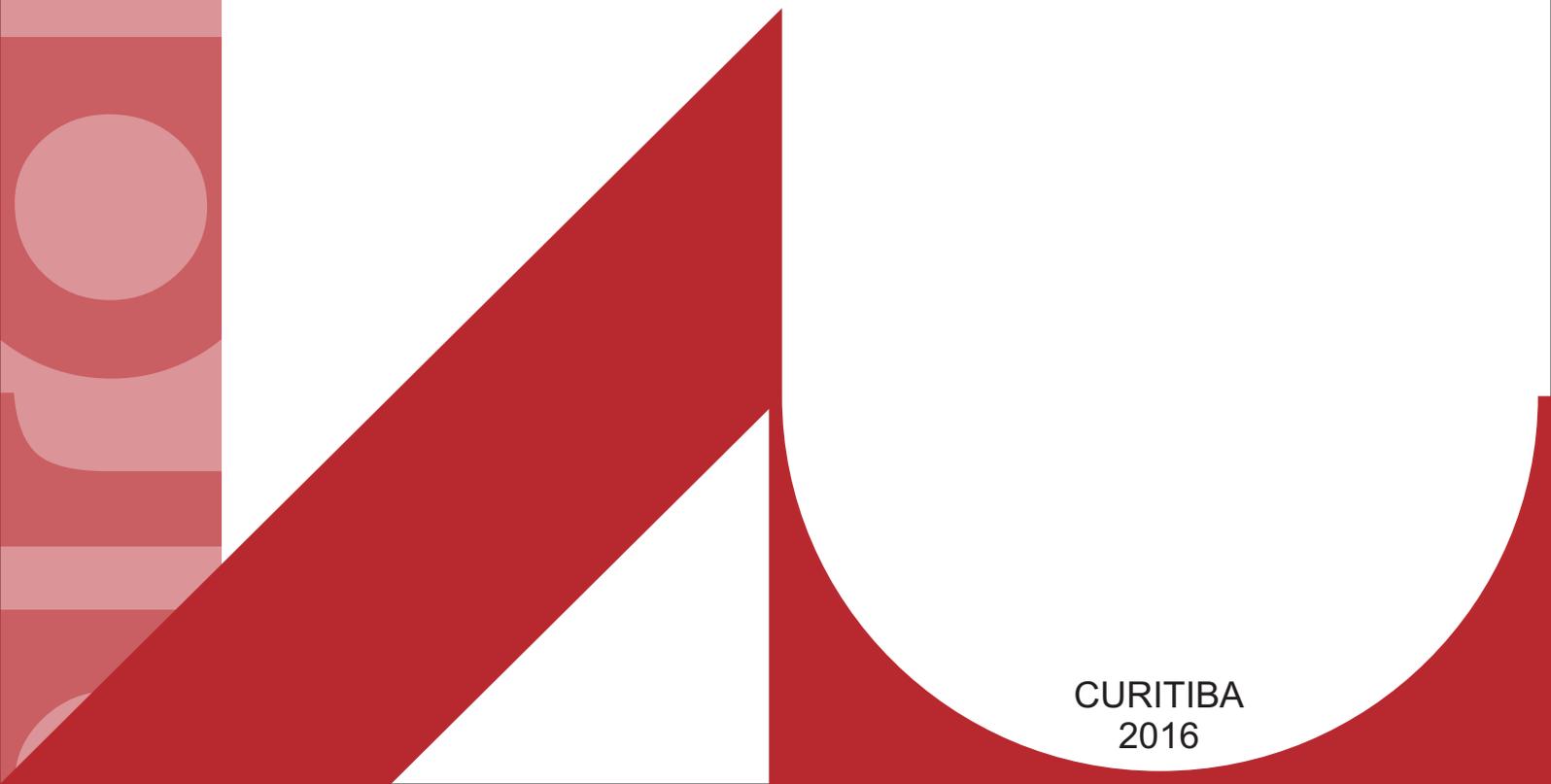


LOUISE MARIA PINTO PIMENTA

HOSTEL EM CURITIBA
HOSPITALIDADE E JUVENTUDE

Tema Final de **Graduação**
Curso de **Arquitetura e Urbanismo**
Universidade Federal do Paraná

Prof. Orientador: Dr. Paulo Marcos Mottos Barnabé



CURITIBA
2016

LOUISE MARIA PINTO PIMENTA

HOSTEL EM CURITIBA

HOSPITALIDADE E JUVENTUDE

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA059) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Paulo Marcos Mottos Barnabé

CURITIBA

2016

Dedico esse trabalho aos meus amores: meus pais,
meu irmão e ao Snape, minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Paulo Barnabé, por ter aceitado meu convite e por ter toda a paciência e atenção sempre que precisei, a qualquer hora.

Agradeço à minha mãe, por sempre ter me incentivado e acreditado em tudo que faço, inclusive nesse trabalho. Por ter me amparado em momentos de ansiedade e de tristeza, sempre me mantendo motivada. Por não ter faltado nunca com amor e carinho, oferecendo seu colo a qualquer momento;

Ao meu pai, por me propiciar toda e qualquer oportunidade de ampliar meus conhecimentos e minhas vivências, me tornando uma pessoa mais completa;

Ao meu irmão por cobrar sempre o meu melhor, pelas risadas e parcerias desde sempre;

Ao meu irmão de quatro patas, Snape, por ter sido meu amigo mais fiel nos últimos 16 anos. Por ter passado noites de trabalho universitário em claro ao meu lado, nunca me deixando sozinha. Por retribuir sempre todo o carinho que dou;

Ao restante da minha família, que mesmo não me vendo com a frequência que eu gostaria, sempre me apoiaram e desejaram o melhor em todas minhas realizações;

Ao meu companheiro de todos os momentos, Thiago, por sempre, mesmo que longe, aumentar minha auto-estima, me confortar, e demonstrar seu carinho, além de estar sempre disponível para me ajudar no que eu precisar;

Aos meus amigos de universidade, principalmente Caio, Daniel, Eduardo, Graziella e Vívian, por terem me aguentado desde o primeiro ano, pelas noites sem dormir, pelos choros, pelas risadas e por terem me ajudado a chegar até aqui;

À Louisy, minha eterna caloura, pela amizade sincera e verdadeira e pelos palpites;

À Luanda, que, mesmo não sendo arquiteta, acabou ajudando, e muito, na minha vida universitária;

À FeNEA e a todos os amigos que conheci nos encontros de arquitetura, por terem me propiciado meus melhores momentos relacionados à universidade, pelas trocas de experiências e por ter me permitido conhecer tantos lugares do Brasil;

Aos amigos de Málaga, por terem feito meu ano de intercâmbio o mais mágico da minha vida.

Obrigada a todos por fazerem parte, não apenas desse trabalho, mas de quem eu sou.

“Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto”

Mistério do Planeta – Novos Baianos

RESUMO

Esta pesquisa consiste na proposta de um *hostel* no bairro São Francisco, em Curitiba, sendo esta a primeira etapa do trabalho final de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná. O conceito de hospitalidade nos meios de hospedagem, a nível internacional e nacional, foi abordado para contextualizar o tema dentro do cenário histórico hoteleiro, além de serem apresentados os diferentes tipos de meios de hospedagem, oficiais ou alternativos. Para melhor compreensão do tema, buscou-se desmembrar questões sobre o *hostel*, que é um tipo de hospedagem considerado novo, explicando suas origens e seu desenvolvimento ao longo da história até os dias atuais, apresentando a recente situação nacional deste mercado. Esta pesquisa busca também apresentar novas possibilidades dentro da arquitetura contemporânea, enfatizando um projeto racional, sustentável e acessível, com foco na sociabilidade, apresentada pelos seus espaços de convivência. O trabalho foi realizado a partir de revisão de referências webgráficas e bibliográficas, projetos correlatos e levantamentos da realidade local. Seu resultado final consiste na elaboração de diretrizes de projeto, que irão embasar a próxima fase do trabalho final de graduação.

Palavras-chave: *Hostel; Albergue da juventude; Hospitalidade; Juventude; Sociabilidade.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....	10
2.1. HOSPITALIDADE NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM	10
2.2. DESENVOLVIMENTO DA HOSPEDAGEM NO BRASIL	14
2.3. CLASSIFICAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM	16
2.3.1. Meios de hospedagem alternativos	17
2.4. REGULAMENTO GERAL DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM	18
2.5. ORGANIZAÇÕES A NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL	19
2.5.1. Federação Internacional de Albergues da Juventude ou Hostelling International (HI)	19
2.5.2. Federação Brasileira de Albergues da Juventude (FBAJ)	20
2.5.3. Associação Paulista de Albergues da Juventude (APAJ)	20
2.5.4. Empresa Brasileira de Turismo (Embratur)	20
2.5.5. Ministério do Turismo	20
2.6. TURISMO NA JUVENTUDE	21
2.6.1. Os <i>backpackers</i> ou mochileiros	22
2.7. O <i>HOSTEL</i> COMO FORMA DE HOSPEDAGEM	24
2.7.1. História do Movimento Alberguista.....	25
2.7.2. Filosofia Alberguista	28
2.7.3. Aspectos arquitetônicos para abertura de <i>hostel</i>	29
3. ANÁLISE DE CORRELATOS	32
3.1. TETRIS CONTAINER HOSTEL	32
3.2. STAYOKAY HOSTEL SOEST	42
3.3. ALBERGUE ID TOWN	48
3.4. CCASA HOSTEL	54
3.5. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS PROJETOS	62

4. ANÁLISE DA REALIDADE	63
4.1. CURITIBA	63
4.1.1. O turismo e a realidade dos <i>hostels</i> na capital paranaense	65
4.2. BAIRRO SÃO FRANCISCO	71
4.3. PROPOSTA DE TERRENO E SEU ENTORNO IMEDIATO	80
5. DIRETRIZES DE PROJETO	92
5.1. PREMISSAS GERAIS	92
5.2. PARÂMETROS DE PROJETO	93
5.2.1. Recepção	93
5.2.2. Áreas de convivência	95
5.2.3. Cozinha coletiva	98
5.2.4. Refeitório	99
5.2.5. Bar	100
5.2.6. Dormitórios	103
5.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	106
5.3.1. Espaços sociais	106
5.3.2. Espaços administrativos	107
5.3.3. Setor de dormitórios	107
5.3.4. Serviços e apoio	108
5.3.5. Estacionamento	108
5.3.6. Área total	108
5.4. ORGANOGRAMA	109
5.5. CONCEPÇÃO ESTRUTURAL	110
5.5.1. Estrutura metálica	110
5.5.2. Fechamento	111
5.5.3. Elementos alternativos	113
5.6. POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO	116
5.6.1. Ensaios de implantações possíveis	117
5.6.2. Ponderações	121
5.7. PROPOSTAS VOLUMÉTRICAS	121
5.7.1. Ensaios de volumetrias possíveis	122
5.7.2. Ponderações	124

5.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
6. REFERÊNCIAS	125
7. FONTES DE ILUSTRAÇÕES	132

1. INTRODUÇÃO

Inserido em contexto de demanda crescente por um meio de hospedagem que possibilite interações sociais, preços acessíveis e mais informalidade nos serviços, sem deixar de lado o conforto e hospitalidade desejados pelos turistas em geral, o *hostel* vem conquistando seu espaço no meio hospitaleiro. Essa demanda parte, principalmente, da juventude que, com seu espírito aventureiro e sua curiosidade em conhecer novos lugares, vem se mostrando um público importante para as cidades que a recebem, seja economicamente, socialmente ou até culturalmente.

Com base nesse contexto, surgiu a proposta para instalação de um *hostel* no bairro São Francisco, em Curitiba. A capital possui infraestrutura adequada para receber esse tipo de hospedagem, além de dispor de estabelecimentos construídos especificamente para esse fim com uma arquitetura contemporânea. A proposta para esse novo edifício permitiria um novo ponto de encontro na cidade e de trocas de experiências, aplicando conceitos de sustentabilidade, acessibilidade, recionalização estrutural e espaços que incentivem a integração dos hóspedes.

2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Neste capítulo apresentam-se o conceito da hospitalidade nos meios de hospedagem, além do seu desenvolvimento histórico a nível internacional e nacional, para melhor compreender o cenário atual. Buscou-se apresentar a hospedagem através do desenvolvimento da hotelaria, que é o maior segmento dentre os meios da área e o que possui mais informações históricas relevantes para compreender o conceito como um todo. Também são apresentadas as diferentes classificações dos meios de hospedagem e a definição de *hostel* – principal foco dessa pesquisa -, esclarecendo seus diferenciais e sua filosofia.

2.1. HOSPITALIDADE NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

A hospitalidade pode ser compreendida em diversos meios. Como exemplo, Nailon (*apud* CAMPOS, 2005, p. 22) define o conceito como algo que está ligado “à provisão de conforto psicológico e fisiológico dentro dos níveis definidos de serviço”. Já para Cornwallis (*apud* CAMPOS, 2005, p.23) “[...] a hospitalidade é o meio, ‘acima de todos os outros’, de iniciar ou consolidar relacionamentos com outras pessoas”.

Dentro deste conceito, quanto analisado no contexto da hospedagem, na relação anfitrião / hóspede, foco da presente pesquisa, Burgess (*apud* CAMPOS 2005, p. 22), descreve essa relação como:

O elemento da interação primária fomentada por calor, amizade, acolhida, cortesia, abertura e comportamento generoso do anfitrião cria um ambiente hospitaleiro. Isso promove um sentido positivo de segurança e conforto oferecido pela estrutura física, desenho, decoração e fácil localização. Finalmente, a oferta de acomodações agradáveis para dormir, comer, relaxar e tomar um bom banho, unida ao oferecimento de bebidas, serviço e entretenimento [...].

A título de curiosidade e para melhor compreensão da forte relação entre a hospitalidade e o serviço de hospedagem, segundo Campos (2005, p. 19 - 20),:

A origem da palavra *hospitalidade* está no latim, em *hospitalis Jupiter*, o deus dos viajantes. A palavra incorporou-se ao vocabulário de alguns idiomas, indicando os serviços da área de hospedagem e alimentação. [...] No Brasil, a identificação desses serviços é feita pela palavra *hotelaria*. Trata-se de outra palavra de origem latina que, de acordo com Belchior e Poyares (1987), [...] servia para designar o lugar onde as pessoas, durante as viagens, conseguiam, em caráter temporário, instalações para se alimentar e descansar. [...] A palavra *hospício* aparece no sentido de hospedaria e

albergue pela primeira vez no século IX. Ainda segundo os mesmos autores, a palavra albergue deriva do gótico *haribergen*, que significa hospedar, ou do árabe, *berge*. Hospício e hotel foram utilizados também na França para designar tanto lugares que abrigavam doentes como estabelecimentos que ofereciam serviços de hospedagem para viajantes.

Castelli (2005) trata da hospitalidade como forma de acolhimento do hóspede no meio de hospedagem. Para ele, acolher bem é a essência de todo o negócio da hotelaria e também da humanidade, já que isso cria aproximação entre os homens. Cita, também, que “[...] segundo Derrida, não existe nem cultura nem laços sociais sem o princípio da hospitalidade”. (p. 12).

De acordo com Lane e Dupré (*apud* CAMPOS, 2005, p. 49), “[...] já na Babilônia no período de 2076 a 405 a.C., [...] apareceram as primeiras leis que regulamentavam as atividades dos estabelecimentos que hospedavam pessoas”. Para esses mesmos autores, o serviço de acomodação ao público ocorreu também na Roma e Grécia antigas, para receber participantes de jogos de atletismo e festivais, além de estabelecimentos para receber militares e outras autoridades.

Já o início da Idade Média, marcado pelo Feudalismo¹, é exposto por Castelli (2005) como um período lamentável para o serviço de hospitalidade, uma vez que, com a invasão dos bárbaros que derrubaram o Império Romano e do Ocidente, o viajante que até então era tratado como hóspede, passa a ser visto como possível ameaça para o feudo, o que resultou no declínio das hospedarias. Mesmo com um cenário não favorável aos viajantes e à hospedaria, ainda assim surgiram alguns meios de hospedagem, oferecidos por ordens religiosas, para atender às necessidades dos peregrinos, que não deixaram de correr riscos para visitar lugares santos.

Este cenário de hospedagem, basicamente com foco nos peregrinos, muda no século XI, durante as Cruzadas², quando “[...] as ordens religiosas receberam um incremento, considerando o seu objetivo de acolher os cruzados, os enfermos, os feridos e também os peregrinos.” (CASTELLI, p. 52). Esse mesmo autor explica que além dos alojamentos, que as ordens religiosas já disponibilizavam nos conventos,

¹ O **feudalismo** foi o sistema socioeconômico dominante na Idade Média. É derivado de feudo: área de direito do senhor sobre as pessoas, coisas e terras. (Grifos da autora, PIREZ, s.d.).

² Chama-se cruzada a qualquer um dos movimentos militares, de caráter parcialmente cristão, que partiram da Europa Ocidental e cujo objetivo era colocar a Terra Santa (nome pelo qual os cristãos denominavam a Palestina) e a cidade de Jerusalém sob a soberania dos cristãos. Estes movimentos estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina estava sob controle dos turcos muçulmanos. (SÓ HISTÓRIA, s.d.).

surgem os *hospitiae* (*hospitium*), que eram casas nas quais os monges abrigavam os viajantes, consideradas precursoras da hotelaria.

A partir do período entre o século VIII ao XI, ainda segundo o autor citado, surge o direito de albergagem ou hospitalidade compulsória. Entre os séculos XI e XIV, com o desenvolvimento da economia e o progresso do comércio internacional, as tabernas tiveram seu número ampliado, não se limitando a fornecer víveres, mas também pousadas. “Muitas vilas e cidades surgiram a partir dessas tabernas, instaladas ao longo das vias de comunicação, como já havia acontecido na Antiguidade, principalmente na época do grande Império Romano [...]” (CASTELLI, p. 64). Neste período, afirma ainda que ocorreram alguns fatos importantes para a história da hospitalidade:

a forma primitiva de hospitalidade que predominava no início da Idade Média foi, aos poucos, recuperando sua importância e [...] o visitante e o hospedeiro voltaram a estabelecer uma certa *cumplicidade* em seu relacionamento, a ponto de haver a obrigatoriedade de vingança nos casos de ofensas e agressões feitas ao visitante [...] (CASTELLI, grifos do autor, p. 64).

Além disso, salienta que foi neste período que se verificou na Europa uma significativa mudança na forma de oferecer hospitalidade, uma vez que este serviço que era, até então, privado, passou a ser público e pago, caracterizando a economia monetária. Isso ocorreu principalmente pela demanda por alojamento ter crescido, já que a economia se desenvolveu e as viagens internacionais se tornaram mais acessíveis e atrativas, o que inviabilizava a hospedagem amigável.

A partir disso, surgiu o embrião da hotelaria moderna, ou seja, a hotelaria como um negócio: o hóspede pagava um valor pelo serviço de alojamento e alimentação que lhe é oferecido. É nesse momento que os meios de hospedagem começam a apresentar uma classificação com relação ao serviço que ofereciam e à categoria social das pessoas que frequentavam cada um e é, a partir desse surgimento dos hotéis, que a história de hospedagem desmembrou outras formas de meios no ramo.

Durante a Renascença, período composto pelos séculos XV a XVII, ainda sob a visão de Castelli (2005), a sociedade europeia apresentou grandes avanços, tanto nos meios de comunicação, como nos negócios, sendo todos fatores que fomentaram viagens e novas hospedagens. Um importante ponto dentro da hospitalidade para esse período foi a questão dos serviços de alimentação. Porém, focando apenas na questão de hospedarias, o período renascentista foi marcado por inúmeras viagens marítimas realizadas principalmente por jovens, artistas e escritores, com foco em

conhecer novas culturas, artes, ciências entre outros, o que ficou conhecido como *grand-tour*. Sendo um período que representou um marco em novos conhecimentos, filosofia e literatura; além da tecnologia que também se tornou importante, e que incluiu a invenção das carruagens, que representaram a facilidade e o início de um maior deslocamento local, sendo este deslocamento e avanços nos meios de transporte muito relevantes para o crescimento do meio hoteleiro, já que estes facilitaram as viagens.

Passando para a Idade Contemporânea, que teve início no fim do século XVIII com a Revolução Francesa e segue até os dias de hoje, é importante citar o avanço nos meios de transporte e comunicação, além do início da era do lazer e da expansão da gastronomia, conforme Castelli (2005).

É nesse período que a viagem turística encontra seu ápice, no qual as pessoas apresentaram maior interesse por conhecer outras culturas, outros povos, fato que foi reflexo da globalização na economia. Com relação à locomoção, o mesmo autor afirma que o surgimento de meios de transportes mais modernos e seguros facilitaram a realização de viagens, independente da distância.

A questão da gastronomia tem relação com os meios de transporte, uma vez que, segundo Franco (*apud* CASTELLI, 2005, p. 75 – 76), com a melhoria das rodovias e o conseqüente crescimento de viajantes, “começam a aparecer restaurantes famosos em aldeias e proximidades de estradas, ensejando o aparecimento de verdadeiras dinastias culinárias, com papel importante na evolução da gastronomia.” Nesse sentido, é necessário apresentar um pouco da questão da gastronomia quando se discute hospitalidade. Para Castelli (2005), os restaurantes surgiram no final do século XVIII e foi a partir do século XIX que se expandiram, tornando-se espaços importantes para a prática do acolhimento, da hospitalidade e de relações sociais.

Cada momento histórico teve sua forma ou tipo de hospitalidade, que se adaptou de acordo com as características e necessidades de vida socioeconômicas de cada época. O autor citado também fala sobre a explosão do turismo em massa das últimas décadas, que foi decorrente de acontecimentos como a industrialização, urbanização, entre outros, com destaque para a ampliação do poder aquisitivo de boa parte da população, que mudaram hóspedes e anfitriões. Ainda aborda a história da hospitalidade voltada ao turismo, defendendo que a hotelaria moderna não exerce a hospitalidade como antigamente, já que essa se tornou um comércio realizado por pessoas sem total conhecimento do que foi o “ser hospitaleiro” nos primórdios da

história. Com base nisso, defende que o conhecimento das raízes hospitaleiras da sociedade contribui para a compreensão dos costumes atuais de cada local.

2.2. DESENVOLVIMENTO DA HOSPEDAGEM NO BRASIL

Campos (2005) apresenta uma completa descrição de como ocorreu e se desenvolveu a hospedagem no Brasil, além de fazer compreender melhor a tão conhecida “hospitalidade brasileira”, decorrente desde os primeiros povos que aportaram na costa brasileira. O desenvolvimento do comércio, assim como dos aglomerados urbanos, foi sempre provisório no início da colonização e o mesmo acabou ocorrendo com a hospitalidade. Quem chegava podia ficar, com a indicação da Côrte, abrigado temporariamente na casa de conhecidos. Já os primeiros abrigos situados no interior do país surgiram a partir das expedições realizadas nas “Entradas e Bandeiras”.

As hospedagens comerciais – que cobravam algum valor - surgiram nos maiores aglomerados urbanos, inicialmente oferecidas pelos jesuítas para pessoas privilegiadas ou recomendadas por autoridades. Porém foi, no final do século XVIII, no Rio de Janeiro, que ocorreu o primeiro grande desenvolvimento da hospitalidade comercial, quando existiam entre 8 e 15 casas de pasto³. Já na segunda metade do século XIX, construiu-se estabelecimentos especialmente voltados para hospedar, que começaram a oferecer também o banho aos hóspedes. Foi no começo do século XX que a cidade costeira ganhou seu primeiro grande hotel, o Hotel Avenida, que possuía 220 quartos.

Segundo Campos (2005), diferente do Rio de Janeiro, São Paulo teve seu grande impulso hoteleiro com a chegada das famílias dos barões do café, posterior ao fim da escravidão em 1888. Seus primeiros grandes hotéis foram inaugurados também no início do século XX.

A mão de obra hoteleira, ainda precária na época, mudou seu cenário com o fim da escravidão, quando os então escravos passaram a constituir um recurso barato e viável para os serviços domésticos.

³ Casas que ofereciam serviços que variavam entre refeições, hospedagem, botequins, armazéns, entre outros. (MACHADO, 2014).

Nos anos 1950 e 1960 o grande crescimento hoteleiro dos maiores Estados estava ligado ao traçado das ferrovias. Isso acontecia porque representantes comerciais precisavam se hospedar por vários dias nas respectivas cidades. Porém, com o desenvolvimento da indústria automobilística o cenário hoteleiro do país decaiu. As empresas adquiriram automóveis para seus funcionários que já não precisavam mais passar dias nas cidades. Os diferentes tipos de telecomunicação, como a chegada da televisão nos anos 60, também fez com que a indústria hoteleira melhorasse seus serviços e os estabelecimentos para se adaptarem aos tempos modernos que chegavam. Foi no fim da mesma década que as bandeiras estrangeiras de hotel começaram a chegar no país. (CAMPOS, 2005, p. 48 – 56).

Para Tuch (*in* CAMPOS, 2005), enquanto estudiosos dizem que a época moderna da hotelaria no Brasil teve começo no início da década de 70, quando foi inaugurado em São Paulo o primeiro empreendimento do ramo com uma bandeira estrangeira – o Hilton Hotel São Paulo, na Avenida Ipiranga – é possível dizer que o real início da era moderna da hotelaria brasileira começou na década de 90, quando houve uma explosão descontrolada de construções de empreendimentos do ramo. Até essa década, pode-se dizer isso por não haver um esforço por parte dos investidores, tampouco uma diferenciação dos produtos oferecidos ao público, de acordo com os diferentes segmentos do mercado. O que causou essa diferença no cenário a partir dos anos 90 foi uma explosão de ofertas hoteleiras que superavam a demanda, o que obrigava os hoteleiros a se destacar para atrair seus consumidores. Estes, por sua vez, se tornaram mais exigentes e o foco atrativo, em uma situação de dúvida, tornava-se o preço. Para não baixar os valores e manter a captação da clientela, os estabelecimentos precisaram criar algum diferencial que lhes trouxessem vantagem dentro do cenário da hotelaria. A partir disso e, com a consequente aparição de outros produtos que não fossem apenas hotéis cinco estrelas – como os *flats*, que atendiam a um público menos exigente -, a hotelaria acabou por se obrigar a abrir seu leque de opções e começar a se adaptar para diversos públicos-alvo.

Dentro das opções surgidas nesta década, os hotéis econômicos foram importantes segmentos para a história da hotelaria, sendo seu sucesso no Brasil explicado pelo projeto com foco em atender as necessidades do consumidor, boas localizações, rede de vendas eficiente e administração competente. Tuch (*in* CAMPOS, 2005) define alguns pontos:

1. Projeto do consumo (engenharia do produto) exaustivamente estudado para atender necessidades, desejos e expectativas do consumidor – na mente do consumidor, deve ser diferente de produtos similares;
2. Localização determinada por um estudo de viabilidade, para determinar o melhor lugar para captar o consumidor;
3. Rede de vendas para divulgar o produto e captar reservas;
4. Administração competente, para fornecer o produto prometido e criar a fidelidade dos clientes.

O mesmo autor também diz que, atualmente, sabe-se que esses são pontos-chave para ter sucesso dentro da hotelaria, porém, na década de 1990, não eram todos que seguiam essas premissas.

Hoje, as redes hoteleiras estão crescendo muito depressa, porque seus empreendimentos têm identidade, captam clientela e dão lucro para seus proprietários. Muitos hotéis independentes estão buscando uma identidade diferenciada [...], para poderem sobreviver à concorrência acirrada da indústria de hotelaria. [...] Para o futuro [...], as indústrias de hospitalidade de alimentos e de serviço continuarão evoluindo, criando novos produtos e oferecendo novos serviços, atendendo mais pessoas. (TUCH *in* CAMPOS, 2005, p. 11-14).

2.3. CLASSIFICAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

Segundo Castelli (2005), os meios de hospedagem podem ser agrupados em dois grandes grupos, os comerciais e não comerciais. Nesta pesquisa, o foco serão os meios de hospedagem comerciais. A *site* do Ministério do Turismo (2016) apresenta uma classificação de sete diferentes categorias de meios de hospedagem, definido como “Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem” (SBClass), que são o hotel, resort, hotel fazenda, cama e café, hotel histórico, pousada e flat/apart hotel.

O hotel, segundo o site, é um estabelecimento com serviço de recepção, alojamento temporário, que pode oferecer ou não serviço de alimentação incluído e ofertados em habitações individuais e exclusivas, mediante cobrança de diária. O resort é um tipo de hotel com espaços e atividades voltados ao lazer e entretenimento, como serviços de estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza no próprio empreendimento. O hotel fazenda é um hotel voltado para o meio rural, que oferece entretenimento e vivência do campo. A vertente “Cama e café” é basicamente uma hospedagem com no máximo três habitações, localizadas em uma residência, voltada para uso turístico e com serviços de café da manhã e limpeza, na qual o dono do estabelecimento resida. Já o hotel histórico é situado em edificação preservada,

em sua forma original ou restaurada; ou, ainda, que tenha sido palco de importantes fatos histórico-culturais. A pousada é um empreendimento de característica horizontal, parecido com um condomínio, que possui no máximo 30 unidades habitacionais e 90 leitos, com serviços de recepção, alimentação e hospedagem temporária, podendo ser em um prédio único com até três pavimentos, ou contar com chalés ou bangalôs. Por fim, o *flat*, ou apart-hotel constitui-se de unidades habitacionais com dormitório, banheiro, sala e cozinha equipada, em edifício com administração e comercialização integradas, com serviço de recepção, limpeza e arrumação.

Há ainda variações dentro dos meios classificados pela SBClass. Campos (2005) mostra alguns, como: hotel superluxo, hotel executivo de luxo, hotel executivo, hotel boutique, hotel econômico, *boatel*, hotel de aeroporto, hotel de charme, hotel de cápsula, *all-suite*, *youth or elder hostel*, fazenda hotel, colônia de férias, clube privado, *jungle lodging*, spa, hotel cassino, hotel em parque temático, hotelaria hospitalar, hotelaria de convalescença e hotelaria de centros assistidos.

Além dessas classificações, existem outros tipos denominados “Meios de Hospedagem Alternativos”, que podem incluir Hostels/Albergues, Motéis, Acampamentos, *Couchsurfing*, *Airbnb*, entre outros, porém, não há uma classificação oficial para esses meios, segundo o Ministério de Turismo (2016).

2.3.1. Meios de hospedagem alternativos

Entende-se por hospedagem alternativa o:

Meio de hospedagem não-convencional que complementa a oferta de leitos nos destinos-turísticos, e tem como característica ser mais econômica que a hospedagem convencional, apresentando grande variação quanto sua prestação de serviços. É de propriedade de pequenos empreendedores e conta com um leque composto de: albergues da juventude, *camping*, acampamentos, residências estudantis, alojamentos esportivos, quartos em residência da população local, pousadas, ônibus-leito, estabelecimentos religiosos, alojamentos de clubes de campo etc. (GIARETTA, 2003, p. 64).

É dentro dos meios de hospedagem alternativos que se encontra o foco desta pesquisa, o albergue ou *hostel*, uma vez que os alberguistas são um público que “foge” do convencional, organizam suas viagens por conta própria e costumam se preocupar com o meio ambiente.

2.4. REGULAMENTO GERAL DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

Segundo o Regulamento Geral dos Meios de Hospedagem (EMBRATUR, 2002), alguns dos padrões comuns a todos os meios de hospedagem com base no Artigo 7º, em relação aos aspectos construtivos, são:

- h) edificações construídas ou expressamente adaptadas para a atividade;
- i) áreas destinadas aos serviços de alojamento, portaria/recepção, circulação, serviços de alimentação, lazer e uso comum, e outros serviços de conveniência do hóspede ou usuário, separadas entre si e no caso de edificações que atendam a outros fins, independentes das demais;
- j) proteção sonora, conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT - e legislação aplicáveis;
- k) salas e quartos de dormir das UH dispor de aberturas para o exterior, para fins de iluminação e ventilação;
- l) todos os banheiros dispor de ventilação natural, com abertura direta para o exterior, ou através de duto;
- m) serviços básicos de abastecimento de água que não prejudiquem a comunidade local, bem como de energia elétrica, rede sanitária, tratamento de efluentes e coleta de resíduos sólidos, com destinação adequada;
- n) facilidades construtivas, de instalações e de uso, para pessoas com necessidades especiais, de acordo com a NBR 9050 – 1994, em prédio com projeto de arquitetura aprovado pela Prefeitura Municipal, como meio de hospedagem, após 12 de agosto de 1987. Em caso de projetos anteriores, o meio de hospedagem deverá dispor de sistema especial de atendimento.

Já com relação aos equipamentos e instalações constados no mesmo Artigo:

- f) instalações elétricas e hidráulicas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT - e legislação aplicável;
- g) instalações de emergência, para a iluminação de áreas comuns e para o funcionamento de equipamentos indispensáveis à segurança dos hóspedes;
- h) elevador para passageiros e cargas, ou serviço, em prédio com quatro ou mais pavimentos, inclusive o térreo, ou conforme posturas municipais;
- i) instalações e equipamentos de segurança contra incêndio e pessoal treinado a operá-lo, de acordo com as normas estabelecidas e pelo Corpo de Bombeiros local;
- j) quarto de dormir da UH mobiliado, no mínimo, com cama, equipamentos para a guarda de roupas e objetos pessoais, mesa-de-cabeceira e cadeira.

Esse regulamento mostra alguns parâmetros já estabelecidos pela Embratur para aplicação no projeto de meios de hospedagem, como questões de isolamento acústico, aberturas para ventilação e iluminação e questões de acessibilidade.

2.5. ORGANIZAÇÕES A NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL

Para melhor compreender os meios de hospedagem, suas origens e seus desenvolvimentos ao longo da história, é importante conhecer e entender a função de algumas instituições nacionais e internacionais que tiveram um papel importante, não só histórico mas para melhor entendimento deste trabalho.

2.5.1. Federação Internacional de Albergues da Juventude ou *Hostelling International* (HI):

Segundo a página da Hostelling International Brasil (2016), a HI é a maior rede de hospedagem do mundo, garantindo a “[...] a forma mais prática, divertida, segura e barata de se viajar.” Atualmente contam com cerca de 3,7 milhões de associados, mais de 4 mil albergues em 80 países, 300 mil leitos e 34 milhões de pernoites a nível mundial. Ainda acrescentam que contribuem com cerca de 1,5 bilhão de dólares por ano para a economia do turismo no mundo. Conforme o *site*, são uma entidade com “[...] normas de convivência, regulamento próprio, padrão internacional de atendimento e controle de qualidade em todos os Hostels - Albergues da Juventude da rede.”

A rede exige algumas premissas dos seus associados, como segurança, higiene, conforto, hospitalidade, bom preço e meio ambiente, sendo esses aspectos que oferecem ao hóspede uma estadia segura e agradável.



FIGURA 2.1 – Hostelling International. **FONTE:** HOSTELLING INTERNATIONAL CUSCO (2016).

2.5.2. Federação Brasileira de Albergues da Juventude (FBAJ):

Organização a nível nacional que tem como objetivo incentivar a implantação de novos albergues da juventude no Brasil, assim como seu desenvolvimento. Também trabalha na divulgação da rede mundial e de redes regionais, buscando apoio, parcerias e garantindo qualidade no serviço. “Como organização nacional, faz o elo entre o movimento alberguista brasileiro e o internacional.” (GIARETTA, 2003. p. 18).

2.5.3. Associação Paulista de Albergues da Juventude (APAJ):

Organização a nível regional que tem como objetivo incentivar o desenvolvimento do alberguismo na cidade de São Paulo, cuidando da qualidade dos serviços e da demanda. “Realiza atividades de divulgação, reservas nacionais e internacionais, promove o conhecimento do Brasil e do mundo aos sócios e oferece demais serviços aos associados paulistas.”

Existem associações de albergues da juventude com função semelhante à APAJ também nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Distrito Federal. (GIARETTA, 2003. p. 18).

2.5.4. Empresa Brasileira de Turismo (Embratur):

Autarquia vinculada ao Ministério do Turismo que atua a nível nacional, que “Trabalha pela geração de desenvolvimento social e econômico para o País, por meio da ampliação do fluxo turístico internacional nos destinos nacionais. Divulga produtos turísticos brasileiros no mercado internacional.” (PORTAL BRASIL, 2013).

2.5.5. Ministério do Turismo

Organização governamental nacional que tem como objetivo principal desenvolver e estimular o turismo. Sua função é também “[...] monitorar, traçar

políticas públicas para proteger a cidade e seus cidadãos, fazer com que a cidade se sinta beneficiada com o turismo [...]” e fazer com que os cidadãos sejam os atores principais desde seu desenvolvimento. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013).

2.6. TURISMO NA JUVENTUDE

Para Tinard (*apud* GIARETTA, 2003), o turismo para os jovens pode ser dividido em sete modalidades: turismo associativo, turismo social, turismo estudantil, turismo de natureza, hospedagens voltadas para jovens e viagens especiais para jovens. Será abordado o turismo associativo, por ser o que aborda os albergues da juventude. É uma modalidade que tem como qualidades principais a animação, capacidade de convivência e união de grupos similares. Em contrapartida, a comercialização nesse meio tem falado mais alto, uma vez que as organizações de albergues têm trocado seus estatutos por contratos comerciais, visando aumentar o marketing cada vez mais. Em resumo, o turismo associativo é desenvolvido por associações com objetivo de organizar e incentivar o turismo através de “[...] centrais de divulgação, reserva, informar o conhecimento técnico e mercadológico para novos empreendimentos e ofertar para uma certa demanda [...]”. (GIARETTA, 2003, p. 17).

Essa mesma modalidade de turismo pode ser de cunho social ou relacionado ao público jovem, como é o caso não só dos albergues da juventude, mas também da Associação Cristã de Moços e Moças, da Associação dos Escoteiros, dos funcionários públicos do Estado de São Paulo e da Associação dos Funcionários do Banco do Brasil. Giaretta (2003) reforça que essas associações possuem um cunho filosófico que as acompanha desde suas fundações até a atualidade. Algumas delas serão citadas ainda nesse capítulo, como a Federação Brasileira de Albergues da Juventude e a Associação Paulista de Albergues da Juventude. Além delas, existe outras associações com foco turístico que também necessitam ser explicadas para melhor compreensão do turismo atual.

Como indica a própria página da *Hostelling International* (2016), “[...] Hostel ou Albergue da Juventude é um meio de hospedagem para pessoas de todas as idades e com espírito de viajante.” São pessoas que estão por dentro do mundo das informações. Estas características tendem ao público jovem, porém, não restringe o

público, estando aberto a qualquer faixa etária disposta a uma experiência “alberguista”.

Pode-se compreender a juventude quando se entende que o termo não é apenas um período etário, mas também um estado de espírito e/ou um estilo de vida. É um grupo que se diferencia dos demais desde os anos 20 e é marcado não apenas biologicamente, mas também socialmente, por sua adaptabilidade, facilidade de lidar com mudanças e reação contra o mundo adulto. (SCHMIDT *apud* GIARETTA, 2003).

De acordo com Percheron (*apud* GIARETTA, 2003, p. 3), “[...] os jovens são o barômetro sensível do estado da opinião e da sociedade.” Para Costa (*apud* GIARETTA, 2003), a juventude é o público visado por algumas modalidades de turismo. Para Oliveira, (*apud* GIARETTA, 2003), esse interesse tem como base o fato de ser um grupo social que procura se divertir sem ser muito exigente, que tende a se atrair por locais com divertimento noturno, com uma capacidade média de consumo e que, mesmo não consumindo muito, se tornam importantes divulgadores dos locais que visitam, uma vez que incentivam com entusiasmo pessoas próximas a visitarem também.

Giaretta (2003, p. 8) define turismo na Juventude como:

Turismo praticado por um grupo homogêneo de jovens, com as características marcadas por período etário, estilo de vida e estado de espírito, que desencadeia uma série de sub-segmentos divididos em vários tipos de turismo, entre eles, educativo (estudantil, intercâmbios, cursos no exterior); associativo fomentado por associações, como Albergues da Juventude, Clube dos Escoteiros, Associação de Moços e Moças; turismo social, promovido por organizações que facilitam o acesso de jovens que ficariam excluídos da prática do turismo convencional; e turismo de natureza (ecoturismo, aventura, esportes radicais, turismo alternativo). (Grifo nosso).

Essa mesma autora também ressalta que o público com características jovens possui traços bem característicos, como auto-afirmação, busca por liberdade, crescimento pessoal e intelectual, os desafios e a busca por exaltação, além do desbravamento como forma de descobrir novos destinos, característica destinada pela autora principalmente aos mochileiros.

2.6.1. Os *backpackers* ou mochileiros

A título de curiosidade, a cultura *backpacker* teve sua origem nos anos 1960, na ideologia *beat*, criada pelo escritor norte americano Jack Kerouac quando escreveu

seu livro *On the road*, em 1957. No livro, ele escreveu sobre sua vida nômade, em um grupo de jovens em busca de emoções, com interesse especial em viagens, festas, literatura, música, sexo e drogas. Este livro alimentou o inconformismo de uma jovem geração, a qual foi instigada a se movimentar e buscar outros rumos. (CARMO, *apud* GIARETTA, 2003).

Para Giaretta (2003), os *backpackers* ou mochileiros são, em geral, pessoas que viajam fora dos esquemas convencionais e que não buscam necessariamente os principais destinos turísticos de um local, mas sim vivenciar diferentes culturas e o sentimento de liberdade que uma viagem pode proporcionar. É um público que busca lugares onde o turismo de massa não chega, além de visitar as grandes cidades, que são onde o mercado convencional se concentra. Os mochileiros costumam viajar sozinhos ou em pequenos grupos. Há ainda a questão do interesse econômico para pequenos empreendedores que esse público desperta, seja nos meios de hospedagem, ramo alimentício e transportes, uma vez que representa um modelo ideal na questão do impacto ambiental e efeitos no destino e comunidade que o recebe.

A autora também esclarece que o público mochileiro não consta nas estatísticas do Embratur e que não são considerados um público-alvo para grandes empresas de turismo, já que não buscam investir seu dinheiro como os hóspedes convencionais, dispensando todos os serviços superficiais que um meio de hospedagem tradicional vem a oferecer.

Outro fator importante que a Giaretta (2003) ressalta é que

[...] o mochileiro, que tem um espírito aventureiro, busca novos desafios, *é um turista ideal, político e socialmente correto, porque busca conhecer de fato o lugar, a cultura, respeita o meio ambiente e consome coisas do lugar, aceita a hospedagem rústica sem mudar os hábitos do morador e incentiva as manifestações culturais locais.* [...] (p.26).

Portanto, os mochileiros são pessoas que buscam um cenário, preferencialmente, com valor socioambiental para se hospedar, o que enfatiza a importância de oferecer uma arquitetura sustentável para esse público.

2.7. O HOSTEL COMO MEIO DE HOSPEDAGEM

Segundo o Dicionário Aurélio (2016), albergue da juventude, nome referente à denominação brasileira de *hostel*, significa:

1. Estabelecimento que fornece alojamento [sic] a preços mais reduzidos do que um hotel;
2. Casa em que alguém se hospeda;
3. Refúgio para pernoitar ou pousar.

Os albergues da juventude, conforme Giaretta (2003, p. 67), foram criados para atender o público jovem, “[...] com o intuito de desenvolver uma rede mundial de hospedagem, que cobrasse tarifas econômicas, possibilitando a participação em viagens para o maior número possível de jovens.” São hospedagens simples que oferecem basicamente o essencial para o conforto dos hóspedes, além de um ambiente seguro e limpo. Possuem quartos coletivos e privados, além de individuais em alguns casos, sendo o valor da diária variável de acordo com o tipo de habitação escolhida. Esse tipo de hospedagem é procurado pela credibilidade que apresentam, pela padronização dos serviços, satisfação no atendimento, facilidade de fazer novas amizades e pelo preço acessível.

A rede de albergues *Hostelling International* [s.d.] diz que os *hostels* ou albergues da juventude

[...] são regidos por suas premissas básicas: Segurança, higiene, conforto, hospitalidade, bom preço e meio ambiente. Esses standards [sic] oferecem ao associado uma hospedagem segura e agradável durante sua viagem. Os *hostels* [sic] se preparam para atender seu público “plugado” no mundo das informações. Desde a década de 90 que os *Hostels* [sic] possuem sistemas de reservas, onde o usuário pode fazer sua reserva e sair com a confirmação através do seu computador. Um *Hostel* [sic] - Albergue da Juventude é um meio de hospedagem para pessoas de todas as idades e com espírito de viajante. (Grifo nosso).

Para Joaquim Trotta (*in* Manual de Abertura de Hostel, 2016, p. 10), “[...] os *hostels* existem para ajudar jovens a viajar, conhecer e amar a natureza e apreciar os valores culturais das pequenas cidades e grandes metrópoles. [...]”. Segundo Oliveira e Falcão (2013), o que define o caráter da hospedagem do tipo *hostel* é a importância da coletividade no espaço e o preço baixo do serviço, justificado pela dispensa de serviços pouco utilizados pelo público alvo. Segundo Oliveira e Falcão (2013) “Dormitórios, cozinha e banheiros são compartilhados entre os hóspedes, a fim de incentivar o convívio e a troca de experiências entre pessoas de diferentes localidades.” (p.87).

Campos (2003) apresenta uma definição similar e acrescenta alguns pontos ao que ele denomina “*youth* ou *elder hostel*”, que explica como sendo “hospedarias de baixo preço para jovens ou idosos”. Segundo ele,

[...] são estabelecimentos baratos, que acolhem diferentes hóspedes num mesmo aposento. Oferecem serviços básicos como camas ou beliches, com roupa de cama modesta e limpa, toalhas e bons chuveiros. [...] Boa parte desses estabelecimentos está localizada em áreas centrais de grandes cidades e de cidades com atrações turísticas. Essa localização visa facilitar o acesso dos hóspedes a transportes coletivos como trens e ônibus. A grande clientela desse tipo de hotel é formada por estudantes que viajam com pouco dinheiro. O mesmo conceito é aplicado aos viajantes da chamada *maior idade*, representados por pessoas que estão acima de 65 anos, e tem as mesmas características do serviço voltado para os jovens. [...] “ (CAMPOS, 2003, p.87, grifo da autora).

2.7.1. História do Movimento Alberguista

Para entender melhor o surgimento do *hostel*, a Hostelling International Brasil (2013) apresenta a história do “Movimento Alberguista” que completou, no ano de 2016, 107 anos de história. Iniciado em 1910, teve como fundador um professor alemão, Richard Schirrmann (figura 2.2), que durante uma de suas visitas de campo com seus alunos, que podiam durar alguns dias, precisou, durante uma tempestade, abrigar todos em uma escola. A partir deste ocorrido, Schirrmann propôs que “As escolas na Alemanha poderiam muito bem serem usadas para fornecer alojamento durante os feriados. Aldeias poderiam ter um albergue da juventude aconchegante, situado a um dia de caminhada de cada um dos outros, para acolher jovens viajantes.” A partir disso, o movimento iniciou e o professor escreveu um ensaio no qual defendeu algumas ideias e propostas, como *layouts* para habitações e como funcionaria a responsabilidade individual de cada jovem, deixando seus pertences limpos e organizados. Dois anos após a noite de tempestade, foi aberto o primeiro albergue da juventude em Altena, na Alemanha (figura 2.3), em um antigo castelo que sofreu adaptações para se enquadrar aos desenhos do professor.



FIGURA 2.2 – Richard Schirrmann. **FONTE:** ALCHETRON (2016).



FIGURA 2.3 – Castelo de Altena. **FONTE:** HI HOSTELS (2014).

Após 1912, “O movimento alberguista cresceu rapidamente. Em 1913, já havia 83 albergues da juventude e 21.000 pernoites foram registrados. Em 1921 o número de pernoites já tinha atingido 500.000 [...]”. Após isso, o movimento se expandiu cada vez mais, sendo levado para diferentes países europeus. Em 20 de outubro de 1932, em Amsterdam, ocorreu a primeira conferência internacional de albergues, na qual nasceu a Federação Internacional de Albergues da Juventude, também conhecida como *Hostelling International*.

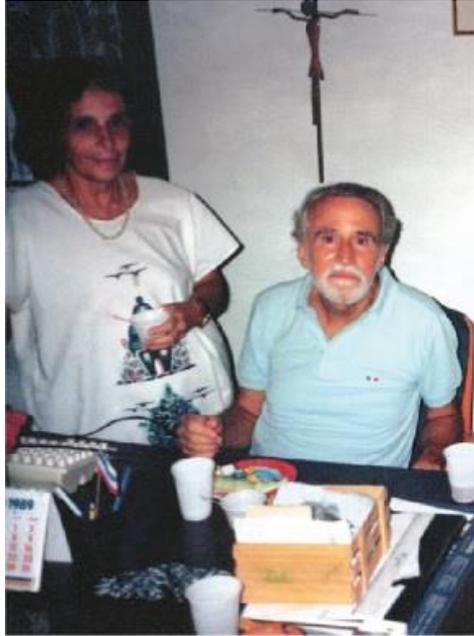


FIGURA 2.4 – Joaquim e Ione Trotta. **FONTE:** TURISMO DA JUVENTUDE (2003).

Diferente da história desmembrada pelo professor Richard Schirrmann, no Brasil, a APAJ [s.d.] explica que o conceito de albergue chegou décadas após o início do movimento na Europa e que foi o casal carioca Joaquim e Ione Trotta (figura 2.4) que trouxe o primeiro *hostel* para o país, após visitarem um na França, em 1956. Com o nome de Residência Ramos, o primeiro estabelecimento brasileiro desse tipo foi instalado no Rio de Janeiro em 1965 e funcionou durante oito anos.

A FBAJ foi fundada em 1971 no Rio de Janeiro e a APAJ em 1984. Em 1986 a Embratur, com seu então presidente João Dória Júnior, foi importante para o incentivo e divulgação do *hostel* como hospedagem, disseminando o conceito por todo o Brasil. Atualmente, a FBAJ apresenta mais de 60 estabelecimentos credenciados, que atendem às suas metas e diretrizes de desenvolvimento estabelecidas. Além disso, mantém contatos com Federações por todo o mundo.

Segundo Giaretta (2003), até 2003, o Brasil ainda apresentava 65 albergues da juventude. Conforme a autora, “[...] O movimento teve início no país em 1971, porém só na década de 1980 é que se expandiu e se consolidou na década de 1990. A oferta de desenvolveu, de fato, a partir da década de 1980 [...]”. (p. 67).



FIGURA 2.5 – Cartaz da primeira grande campanha do Movimento Alberguista no Brasil. **FONTE:** TURISMO DA JUVENTUDE (2003).

Ainda sobre o cenário recente dos *hostels* no Brasil, Campos (2005) diz que em 2004, vários estabelecimentos brasileiros se filiaram à *Hostelling International*. Também explica que a empresa, “[...] emite uma carteira para os interessados, que dá direito à hospedagem nos estabelecimentos filiados e descontos em alguns serviços, facilitando a viagem dos jovens pelo mundo”. (CAMPOS, 2005, p. 87).

2.7.2. Filosofia Alberguista

Giaretta (2003) mostra que a filosofia alberguista se baseia na ideia de que os alberguistas, praticam princípios como “[...] desenvolver o espírito comunitário; solidariedade, ausência de preconceitos e discriminação de raça, nacionalidade, cor, religião, classe social, política e respeito com o meio ambiente [...]” quando dentro dos *hostels*. A filosofia é:

Promover educação para jovens de todas as nações, mas especialmente para jovens com condições econômicas limitadas, encorajando-os ao desenvolvimento do conhecimento, amando e cuidando da região, apreciando os valores culturais nos lugares em todas as partes do mundo, promovendo os Albergues da Juventude sem discriminação de raça, cor, religião, sexo, classe social ou política, desenvolvendo o melhor entendimento entre os homens no seu país e fora dele. (GIARETTA, 2003, p. 103).

Com base nisso, o próprio pensamento defendido pelo público alberguista esclarece algumas questões a serem pensadas para o meio arquitetônico de um *hostel*, como promover espaços igualitários, uma arquitetura sustentável que respeite o meio ambiente e os hóspedes, assim como a promoção de um espaço acessível economicamente e fisicamente.

2.7.3. Aspectos arquitetônicos para abertura de *hostel*

O Manual de Abertura de Hostel da Hostelling International (2016) determina algumas especificações para abertura de estabelecimentos desse tipo de segmento hoteleiro. São previstas normas de qualidade básicas: hospitalidade, bom serviço de recepção, conforto, limpeza, segurança, garantia de privacidade dos hóspedes e conservação do meio ambiente, que garante o máximo esforço para promover a sustentabilidade econômica, social, cultural e ambiental do seu negócio e da região onde se localiza.

No Manual constam informações previstas para cada ambiente de um *hostel*. A recepção deve ter acesso direto ao exterior e ser um ambiente convidativo. Deve-se evitar muitos móveis, deixando o espaço o mais livre possível, afim de facilitar o trânsito de hóspedes. A atmosfera desse ambiente deve ser condizente com seu público. Em grandes cidades, o funcionamento deve ser de 24 horas. Ela deve ter acesso fácil ao espaço de armazenamento de bagagens.

As áreas de convivência são o centro de articulação do *hostel*, por serem o local onde os hóspedes socializam e trocam experiências. Elas podem ser externas ou internas, em forma de pátios, salas, jardins, entre outros. Segundo o Manual citado, o espaço de convívio deve ser “[...] espaçoso, confortável e informal [...]”, afim de garantir que os hóspedes se sintam completamente à vontade, podendo apresentar mobiliários diferenciados com design despojado. É previsto um mínimo de 1,50 m² por leito. Ao mesmo tempo, esse espaço pode abrigar usos como computadores disponibilizados pelo *hostel*, sala de jogos, espaço de música, entre outros.

A cozinha de um *hostel* possui caráter coletivo, o que significa que é acessível ao uso de todos os hóspedes, tanto para armazenar alimentos refrigerados, como para cozinhar. O Manual de Abertura de Hostel (2016) prevê que apresente abertura

externa, e seja ou um único ambiente para uso tanto dos hóspedes como da equipe do *hostel*, ou dois ambientes, sendo um exclusivo dos hóspedes e outro da equipe de serviço, sendo destinada a preparo de refeições, como café-da-manhã. A cozinha deve apresentar elementos básicos, como fogão, pia, bancada, mesa de serviço, geladeira etc. O Manual citado também prevê que próximo a cozinha esteja a despensa, sendo essa estreita e comprida, com refrigerador próprio e de acesso restrito a funcionários.

O refeitório também necessita abertura externa para fins de iluminação e ventilação naturais, além de apresentar uma capacidade para um mínimo de 50% dos leitos, sendo 1,50 m² por leito, apresentando também um espaço para dispor os alimentos do café-da-manhã.

Em relação aos dormitórios e número de leitos, o Manual estabelece que é necessário um mínimo de 40 leitos para garantir boa viabilidade econômica, dispostos em quartos privativos para casais, para família e coletivos. Além disso, devem ser oferecidas opções de quartos separados por sexo. Os dormitórios devem ser, preferencialmente, voltados para o leste, com abertura direta para o exterior, o que garante a iluminação e ventilação naturais.

Já os dormitórios coletivos devem possuir, no mínimo, 2,8 m² por leito. Também necessitam de camas adequadas, cabideiros ou ganchos para que os hóspedes pendurem toalhas ou casacos, lixeira e janelas com elementos que barrem a luz direta. Também são previstos alguns elementos desejáveis, como espelhos de corpo inteiro (principalmente nos quartos femininos), tomadas e pontos de luz (preferencialmente um por leito). A funcionalidade e importância dos beliches nas habitações coletivas também são ressaltadas, estabelecendo algumas normas específicas. Os armários podem ser do tipo “vestiário” ou “gavetão”, sendo o último localizado na parte inferior das camas afim de otimizar espaço.

Os quartos de casal devem apresentar pelo menos 8,0 m² e é aconselhável que possuam banheiro privativo. Já para os quartos para família, indica-se uma cama de casal, duas camas de solteiro ou beliche, totalizando 16m² (4m² por leito). Quanto aos armários, também recomenda-se a existência de pelo menos um fechado para maior segurança dos hóspedes, tanto nos quartos de casal quanto nos para a família.

Em relação às instalações sanitárias, determina-se que a relação de hóspedes/instalações sanitárias é de uma pia, um chuveiro e um sanitário para cada oito leitos. Também são sugeridas instalações de cores claras, por questões de higiene e por

aparentarem amplitude do espaço. Os banheiros podem ser tanto comuns, como estilo vestiários, sendo o primeiro recomendável quando dentro dos dormitórios e o segundo quando com acesso direto ao corredor. Já os do tipo vestiário, devem ser separados por sexo, com abertura para o exterior e peças separadas, garantindo a privacidade durante o uso simultâneo de mais pessoas. Outra opção é criar alas separadas para cada uso (sanitários e chuveiros).

O Manual de Abertura de Hostel (2016) apresenta ainda ambientes de apoio e armazenamento, como depósito para materiais de limpeza e de reposição, rouparia para armazenamento de roupas de cama e de banho (localizada próxima à recepção), lavanderia que se limite à tanques ou máquina de lavar, um escritório para administração e um depósito de lixo que proporcione armazenamento e coleta seletiva para reciclagem.

3. ANÁLISE DE CORRELATOS

Em seguida, serão apresentados correlatos que possuem conceitos aplicáveis a presente proposta de projeto. Foram analisadas quatro obras: uma nacional, o Tetris Container Hostel, por seu conceito de sustentabilidade, sua escala e pelo uso de materiais sustentáveis. Os outros três são internacionais, sendo o Stayokay Hostel Soest escolhido por sua implantação em pátio, conceito de visibilidade e sua setorização; o Albergue iD Town pela qualidade estética, materialidade e relação que o tratamento da fachada permite com o seu entorno e, por último, o Ccasa Hostel, por sua estrutura e pelo uso de diferentes materiais e elementos construtivos, resultando em um conjunto contemporâneo e harmonioso.

3.1. TETRIS CONTAINER HOSTEL

Tetris Container Hostel é um *hostel* inaugurado em 2014, com área total de 497,799m² e localizado no bairro Vila Yolanda, em Foz do Iguaçu. Possui um lote de 969m² e é projeto dos arquitetos Carlos Salamanca e Karin Nisiide. Segundo o *site* oficial do estabelecimento (2016), o *hostel* “[...] é mais do que um meio de hospedagem, é um ambiente de conexões e experiências.” A ideia principal dos arquitetos foi “criar um ambiente receptivo para conectar os hóspedes com pessoas locais e de outras partes do mundo, e transformar a estadia em uma experiência única.”

O conceito do *hostel* foi inspirado no espírito de conexão, o que justifica a escolha do nome “Tetris”⁴, que foi pensado por fazer “alusão aos containers, cores, formas que se encaixam e que permitem que novas estruturas sejam formadas [...]”, assim como é o jogo retratado na figura 3.1. É como se os containers que conformam toda a estrutura do estabelecimento fossem peças coloridas que se encaixassem. Além disso, defende-se que a conexão de diferentes pessoas, cada uma com sua

⁴ O jogo “Tetris” nasceu na antiga URSS, em junho de 1984, e foi desenvolvido pelo cientista russo Alexey Pajitnov no Centro de Computação da Academia Russa de Ciências (Russian Academy of Sciences). O objetivo do jogo é montar um quebra-cabeça encaixando peças de diferentes formatos capazes de girar sobre o próprio eixo em apenas quatro posições diferentes. (BOZZA, 2011).

particularidade e nacionalidade, é possível durante a estadia no estabelecimento, fazendo amizades, desenvolvendo ideias e projetos a serem realizados.

Em entrevista realizada com a arquiteta Karin Nisiide (2016), ela diz que a escolha do conceito “Tetris” foi inspirada pela representação de algo que não tem significado se pensado como peças separadas, mas sim com várias peças juntas formando uma unidade. Também salienta a importância do tratamento dado aos hóspedes como incentivo para acontecer uma maior integração entre eles, por exemplo, oferecer uma bebida para reuni-los nos espaços de convívio simultaneamente e incentivar uma possível troca de experiências. Além disso, a conformação espacial dos espaços sociais facilita esse encontro entre os hóspedes, por ter um espaço principal central de passagem obrigatória, além de outro pequeno espaço conectado a esse principal.

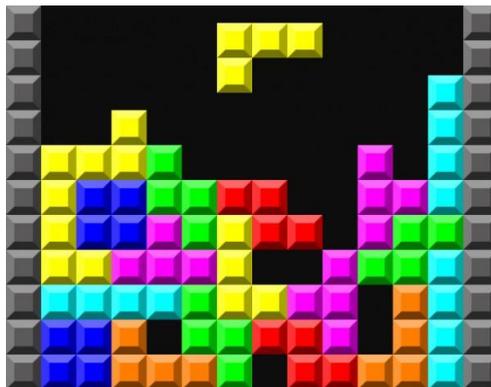


FIGURA 3.1 – Jogo Tetris. **FONTE:** COLLIDER (2014).



FIGURA 3.3 – Espaço externo de convívio e bar. **FONTE:** HOSTELWORLD [s.d.].

Outro aspecto esclarecido pela arquiteta foi em relação ao funcionamento da estrutura em containers. Segundo ela, eles são apoiados entre si e soldados. Como vêm cortados pela empresa que os vendeu, conforme orientação do projeto arquitetônico, quando são feitas aberturas muito grandes eles perdem capacidade estrutural e a própria empresa realizou o reforço interno por meio de vigas para que mantenham a mesma qualidade de resistência.



FIGURA 3.3 – Vista externa do Tetrís Container Hostel. **FONTE:** TETRIS HOSTEL (2016).

Uma das maiores preocupações na concepção do projeto, e o principal motivo pelo qual foi escolhido como correlato, foi a questão da sustentabilidade. Com base na entrevista com a arquiteta, em conjunto com informações da página do estabelecimento, é possível determinar e esclarecer os principais pontos sustentáveis que foram apresentados no *hostel*: aquecimento solar, telhado verde, *containers* reutilizados, móveis reciclados, iluminação de LED, madeira plástica, uso de água da chuva, sistema de tratamento de esgoto por zonas de raízes, isolamento termo acústico com lã de PET e pisos drenantes.

O aquecimento solar é feito a partir de quatro placas solares, sendo três delas destinadas à piscina e uma que funciona com auxílio de energia elétrica para o edifício das habitações. Já o telhado verde funciona em conjunto com uma cisterna de 20.000 litros, armazenando a água da chuva e, posteriormente, a destinando para usos como descargas, irrigação de plantas e lavagem de calçadas, que possibilita assim a economia de água. Este também exerce função de isolante térmico, amenizando as temperaturas internas. O uso de *containers* reutilizados para a estrutura possui um caráter sustentável por ser um material que seria descartado na natureza. Além disso,

é uma proposta que possui grande facilidade, racionalidade e rapidez no manuseio. No projeto em questão, foram utilizados quinze containers do tipo *high cube*. O espaço da recepção é o único que não conforma um container inteiro. Na verdade, ele é um conjunto das chapas restantes dos demais containers que foram reaproveitadas e soldadas para não serem descartadas e fortalecer o caráter de reciclagem do projeto; por esse motivo é o único espaço que foge da modulação padrão, conformando um espaço amplo com pé direito alto (figura 3.4).



FIGURA 3.4 – Recepção. **FONTE:** A AUTORA (2016).

Enfatizando a materialidade como algo funcional, que foi levada muito em consideração no projeto, utilizou-se como piso na área da piscina a madeira plástica, que pode ser observada na figura 3.5. Também foram adotados pisos drenantes no espaço de convivência descoberto (figura 3.3), que possibilitam a absorção de até 90% da água da chuva. Um importante aspecto sustentável do projeto é também o sistema de tratamento de esgoto, feito por filtragem de zonas de raízes de plantas macrófitas, localizadas ao lado da piscina, sendo uma alternativa ecologicamente correta e funcional. Em relação ao isolamento térmico e acústico, foi escolhida a lã de PET, material atóxico, não-inflamável e 100% reciclado e reciclável. Segundo a arquiteta entrevistada, só não é tão comercializada como a lã de rocha e a lã de vidro atualmente por seu valor de mercado, que é mais elevado.



FIGURA 3.5 – Área da piscina. **FONTE:** A AUTORA. (2016).

Um ponto interessante e importante a esclarecer sobre esse *hostel* é que sua estrutura foi, primeiramente, uma mostra de decoração para a cidade de Foz do Iguaçu, o CASAFOZ DESIGN, realizado em 2013. Posteriormente, sofreu algumas modificações para se tornar o Tetris Container Hostel. Porém, esse processo de modificações foi pensado pelos arquitetos desde o início da construção, o que possibilitou uma infraestrutura que atende totalmente um espaço de hospedagem. No geral, foram necessárias apenas a construção de paredes em OSB⁵ ou dry-wall para conformar os novos espaços para os dormitórios.

Em relação à forma do edifício, ela é decorrente dos usos, sendo estes bem setorizados. Os ambientes restritos ao pessoal do serviço são apenas a copa de preparo do café-da-manhã, uma pequena lavanderia para pequenos usos, o interior do bar e o escritório da administração. O *hostel* não apresenta banheiros de serviço, os sociais atendem a todos, o que, segundo Nisiide (2016), é algo que poderia ser melhorado. Já a parte dos dormitórios, que abriga 64 pessoas no total, é separada da área social por um acesso permitido apenas aos hóspedes, fato que possibilita abrir todo o estabelecimento para festas e eventos abertos ao público em geral. Com relação aos dormitórios, todos são únicos. No site descrevem como: quarto feminino (12 camas), privativo double ou twin, quarto misto (10 camas), quarto feminino (4 camas), privativo (até 6 pessoas), quarto misto (12 camas), privativo (até 4 pessoas)

⁵ Segundo o site da Delâminas (2016), OSB (Oriented Strand Board) é um painel estrutural de tiras de madeira 100% reflorestada, orientadas em camadas perpendiculares, unidas com resina resistentes a intempéries e prensadas sob alta temperatura, o que aumenta sua resistência e estabilidade.

e privativo double, totalizando 8 habitações. O aspecto mais relevante dos dormitórios é o desenho do mobiliário, que dialoga com o conceito do estabelecimento tanto em suas formas e linhas, como em suas cores variadas (figura 3.6).



FIGURA 3.6 – Quarto privativo de até seis hóspedes. **FONTE:** TETRIS HOSTEL (2016).

Quanto aos acessos, existem, de acordo com o projeto, três no total. Porém, devido à falta de pessoal para cuidar das três entradas, para evitar aglomeração e problemas com barulho em uma delas, atualmente funcionam apenas duas: a principal e a de serviço. Ambas estão localizadas na mesma via de acesso, na qual também fica o estacionamento do local. O acesso de serviço (figura 3.7) é um portão que dá diretamente ao espaço aberto de convivência, próximo ao bar e à cozinha, o que facilita o abastecimento de produtos. Este mesmo portão, quando são realizadas festas com *food-trucks*, permanece aberto para permitir a entrada dos caminhões e do público. A ideia de abrir o espaço para o público em determinados eventos é também um dos pontos de interesse a serem aplicados no projeto a realizar a partir desta pesquisa.



FIGURA 3.7 – Acesso de serviço. **FONTE:** A AUTORA (2016).

Sobre os desafios de se realizar um projeto deste tipo em uma cidade como Foz do Iguaçu, Nisiide (2016) conta que as maiores dificuldades encontradas durante o processo construtivo foram referentes à construção das partes que não eram pré-moldadas, principalmente por terem sido feitas *in loco*. Também por ser uma proposta considerada nova, a construção do *hostel* não contou com uma mão-de-obra capacitada para esse tipo de projeto, o que gerou alguns imprevistos durante o processo construtivo, com troca de equipes durante o processo, acabamentos mal feitos, imperfeições na montagem, problemas de infiltração, entre outros. A maioria deles, no entanto, foi ou está sendo resolvido. Nas representações gráficas a seguir, podem ser verificadas as setorizações dos diferentes usos em cada pavimento. O mais interessante é o setor de dormitórios, que ocupa parcialmente o térreo, o que já possibilita o uso para pessoas com mobilidade reduzida ou cadeirantes, e dormitórios no andar superior, que se estendem por todo o andar, uma vez que o acesso já está controlado no térreo.

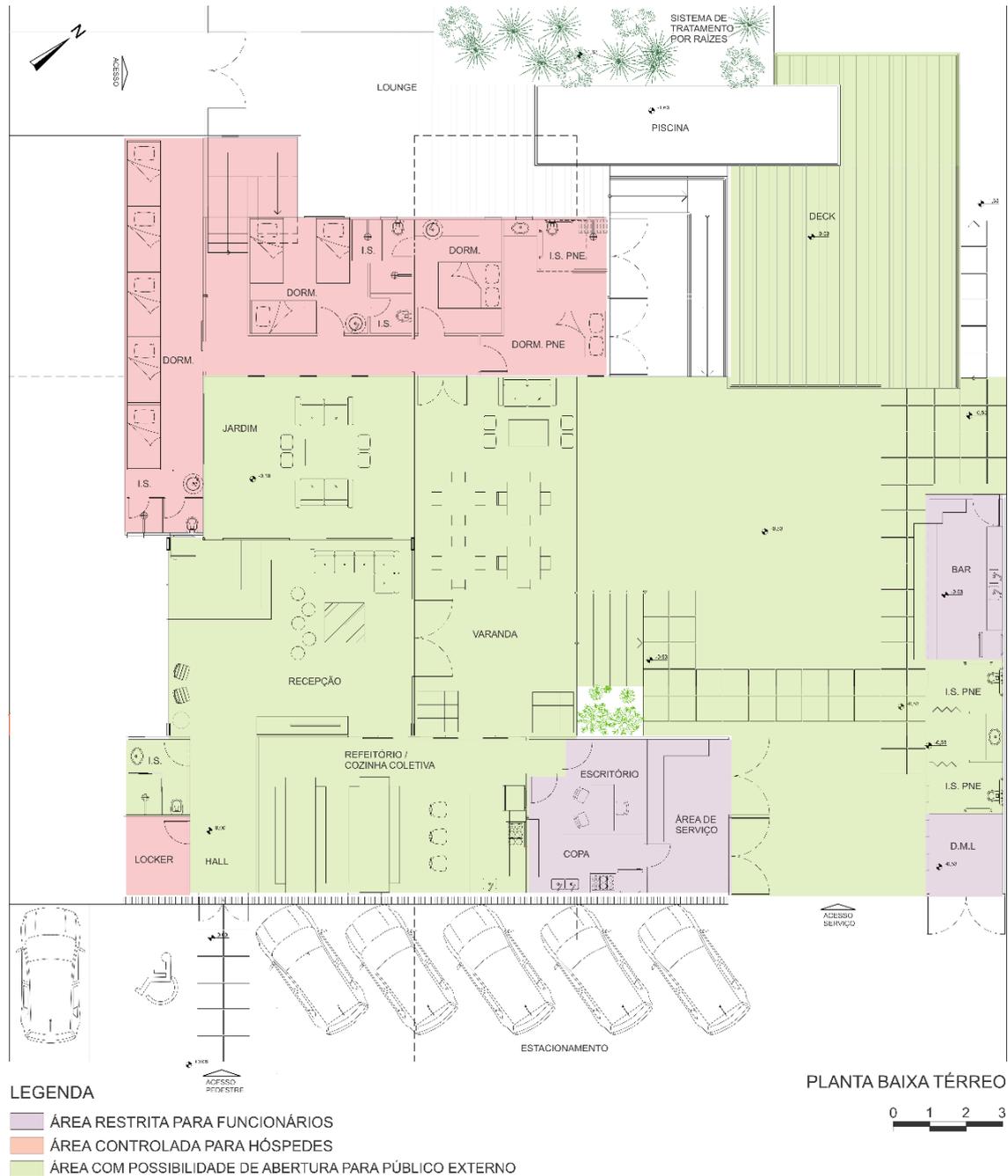


FIGURA 3.8 – Planta baixa térreo do Tetrís Container Hostel. **FONTE:** KARIN NISIIDE (2016, adaptada pela autora).

A maior parte da composição do pavimento térreo é composta por usos sociais, sendo esses acessíveis a qualquer pessoa. A quantidade de dormitórios localizadas no térreo é reduzida, e foi dada prioridade para os quartos menores com banheiros privativos, sendo apenas um deles totalmente adaptado para pessoas com mobilidade reduzida. O interessante seria propor a acessibilidade em todos os ambientes, garantindo a livre escolha do hóspede com deficiência.

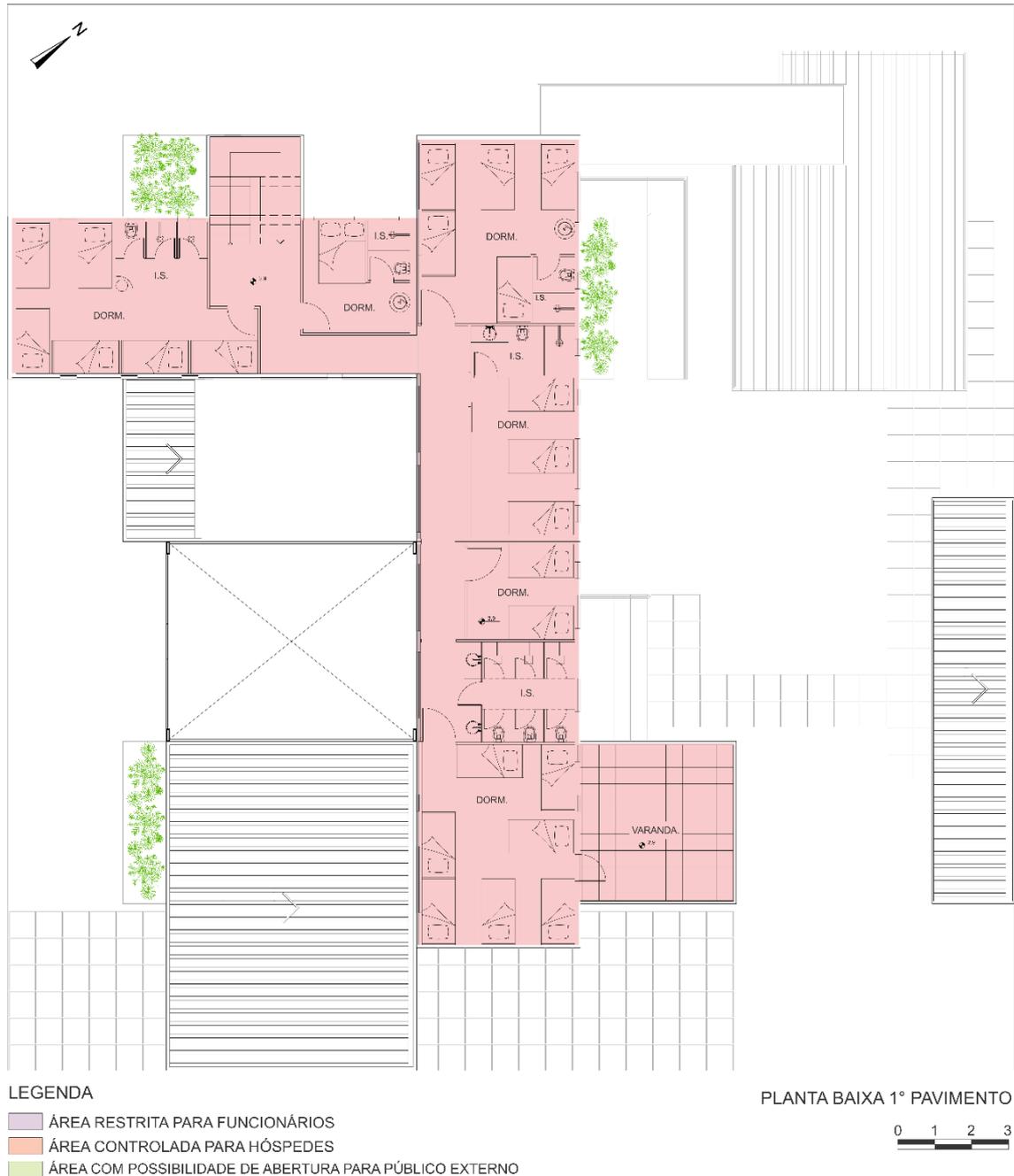


FIGURA 3.9 – Planta baixa do primeiro pavimento do Tetris Container Hostel. **FONTE:** KARIN NISIIDE (2016, adaptada pela autora).

No segundo pavimento também nota-se a presença de vários quartos com banheiro privativo, o que demonstra que a prioridade para total sociabilidade e integração foi dada às áreas sociais, e não à ala de dormitórios.

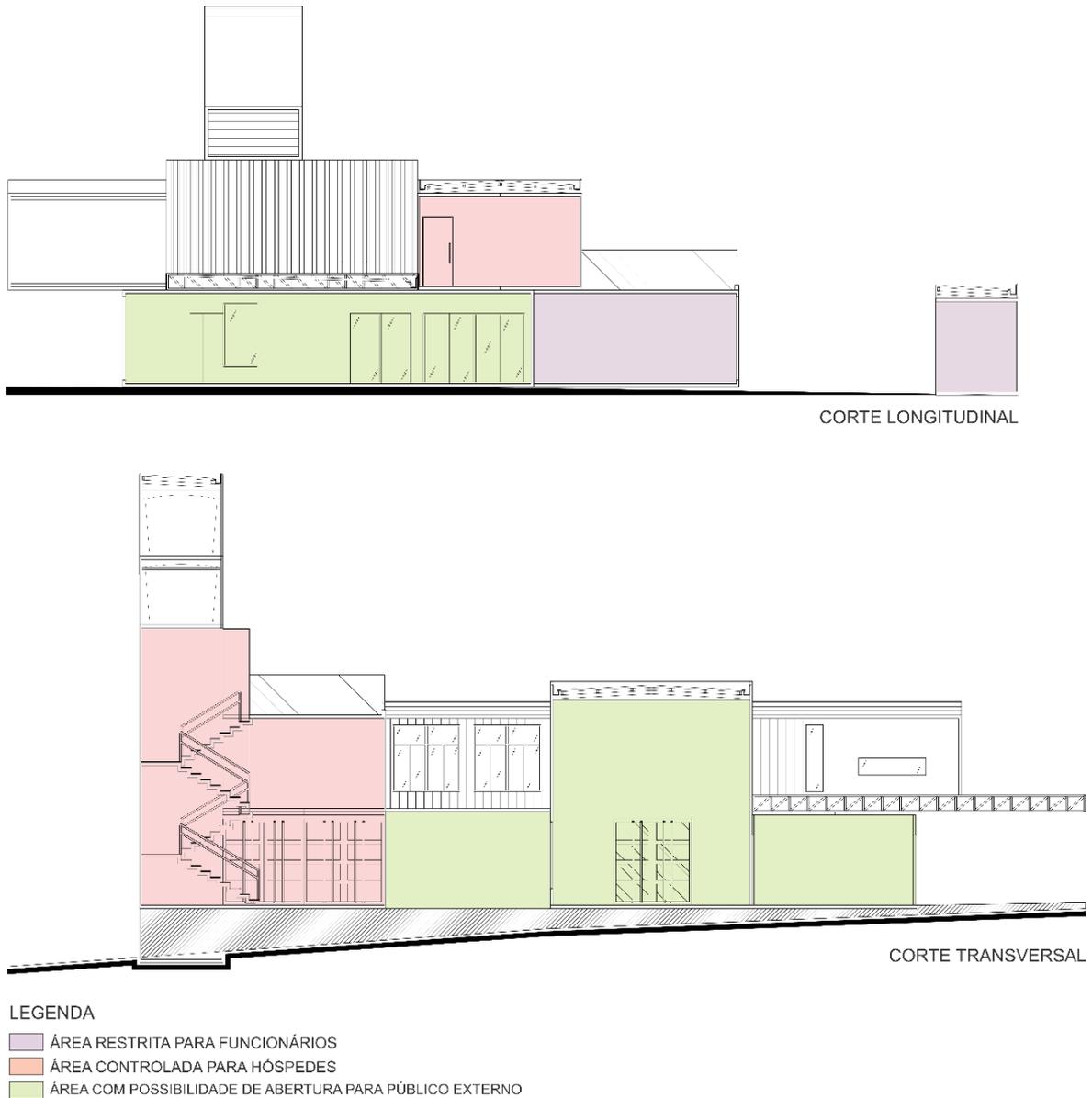


FIGURA 3.10 – Cortes do Tetrís Container Hostel. **FONTE:** KARIN NISIIDE (2016, adaptada pela autora).

No corte é possível verificar a hierarquia dos pés direitos dos ambientes, que destaca o espaço da recepção. É possível compreender isso como a intenção de criar um ambiente o mais receptivo e iluminado possível, afim de deixar o hóspede a vontade em sua chegada.

3.2. STAYOKAY HOSTEL SOEST

Localizado em Stayokay, Amsterdam, o Stayokay Hostel Soest foi totalmente reformado e modernizado em 2012, segundo o site do estabelecimento (2016). O projeto é do escritório Personal Architecture e sua área total é de 1920 m². (ARCHDAILY, 2016).



FIGURA 3.11 – Vista externa do Stayokay Hostel Soest. **FONTE:** ARCHDAILY (2012).

Segundo o site Archdaily (2012), anteriormente à reforma, o terreno abrigava uma escola com sua estrutura composta por diversos períodos, o que implicava em um conjunto desconexo. O terreno possuía uma compartimentação confusa e sua conformação de volumes impedia a visibilidade externa. As reformas feitas resultaram em uma nova implantação que abriga um pátio central (figura 3.12) e otimiza vários aspectos arquitetônicos do local, sendo esse o principal ponto pelo qual esta obra foi escolhida como correlato. O site do escritório Personal Architecture (2016) também acrescenta que o projeto e o pátio valorizam a área arborizada do terreno e que a nova multiplicidade de usos dos espaços propicia um convívio simultâneo de qualidade em uma área menor. Além disso, o pátio serve para encontro de hóspedes e realização de atividades diversas (figura 3.13).



FIGURA 3.12 – Vista geral do pátio central. **FONTE:** ARCHDAILY (2012).

O pátio relaciona todos os usos presentes no projeto. Ele possui pavimentação em grande parte de sua área, o que pode ser compreendido pela demanda de uso do espaço, assim como seu paisagismo é simples, o que também contribui para o favorecimento da visibilidade entre as diferentes alas.



FIGURA 3.13 – Pátio sendo usado para atividades. **FONTE:** ZOOVER [s.d.].

Segundo o Personal Architecture (2016), as modificações e melhorias realizadas na construção pré-existente foram feitas com base em três aspectos: o primeiro tem como base a melhoria dos edifícios existentes; o segundo define a remodelação parcial dos edifícios; e o terceiro é baseado na demolição parcial, construção compacta e reabilitação de demais edifícios.

O antigo edifício central, uma obra mal iluminada dos anos sessenta, foi demolido para abrir espaço e possibilitar iluminação e ventilação nos demais volumes. A retirada dessa construção concedeu mais espaço no centro do terreno e uma forma quadrada foi desenhada para dar espaço a um pátio privado. O *hostel* é composto por um edifício principal e uma nova ala composta por edifício de conferências e de dormitórios, sendo esta quem une o conjunto.

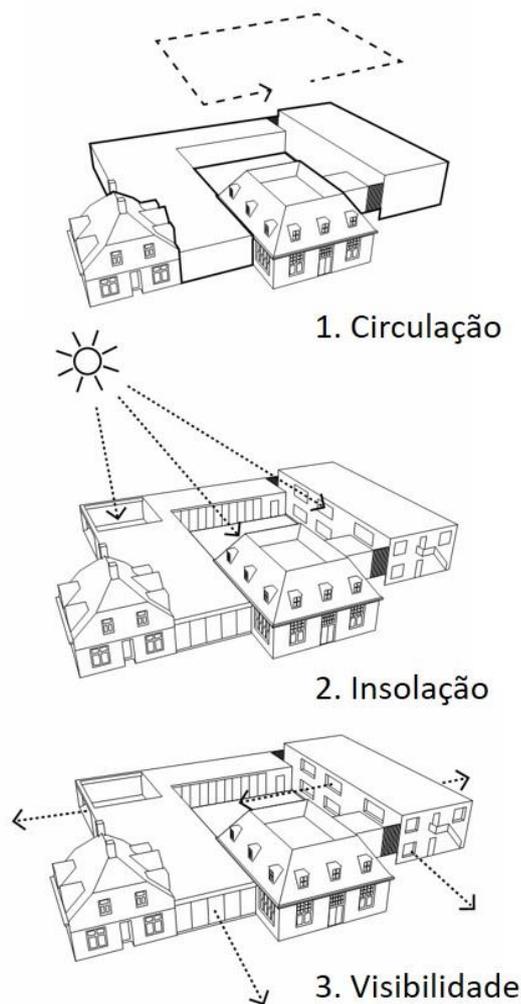


FIGURA 3.14 – Esquemas gerais do Stayokay Hostel Soest. **FONTE:** ARCHDAILY (2012, adaptada pela autora).

Como o site Archdaily enfatiza, um dos aspectos interessantes neste projeto é que cada uma das construções apresenta um tratamento diferente, em termos de construção, tamanho, material e aparência. Para reforçar o caráter de unidade do projeto, todas as fachadas não históricas apresentam revestimento de peças de madeira, como pode ser observado na figura 3.15.



FIGURA 3.15 – Ala de dormitórios do Stayokay Hostel Soest. **FONTE:** ARCHDAILY (2012).

O edifício principal, datado do século XX, foi restaurado e a ele foi dado um pouco de destaque, tanto no aspecto estético como nos usos que abriga, como o acesso principal, recepção, sala, café e cozinha. Um de interesse é a dinâmica que o mezanino configura ao espaço de entrada, melhorando seu aproveitamento do ambiente, assim como sua atmosfera (figura 3.16).



FIGURA 3.16 – Vista interna da entrada principal. **FONTE:** ARCHDAILY (2012).

Outro ambiente interno que possui disposição organizada e funcional é a área do refeitório, que possui acesso da recepção e é diretamente conectado com o pátio

interno, propiciando aos hóspedes a relação interior / exterior durante os momentos de refeição. Além disso, o espaço conta com serviço do tipo “buffet”, que possibilita dispor o café-da-manhã e permitir que os hóspedes se sirvam durante determinado horário.



FIGURA 3.17 – Buffet de café da manhã. **FONTE:** ARCHDAILY (2012).

O *site* do Stayokay Hostel Soest (2016) disponibiliza informações quantitativas sobre o hostel. O projeto comporta 150 hóspedes, dispostos em 34 quartos, sendo 10 habitações duplas, 16 para quatro pessoas e oito para seis pessoas. Os dormitórios possuem banheiros privativos, o que pode ser entendido pelo fato de esse estabelecimento receber muitas famílias e demandar mais privacidade por parte das mesmas. O programa também apresenta espaço de recreação e salas para conferências, o que confere ao estabelecimento um caráter familiar. Possui também um bar interno ao lado da recepção, elemento de interesse para inserção na próxima etapa deste trabalho de pesquisa.

Nas plantas baixas do Staokay Hostel Soest é possível verificar a setorização da área comum e dos dormitórios, que, assim como o Tetris Container Hostel, também possuem acessos próprios.

O pátio central possui acesso por todo o térreo, em grande parte por portas corrediças de vidro que, em conjunto com demais grandes aberturas, permitem aos hóspedes uma concepção completa do edifício, de qualquer parte dele.

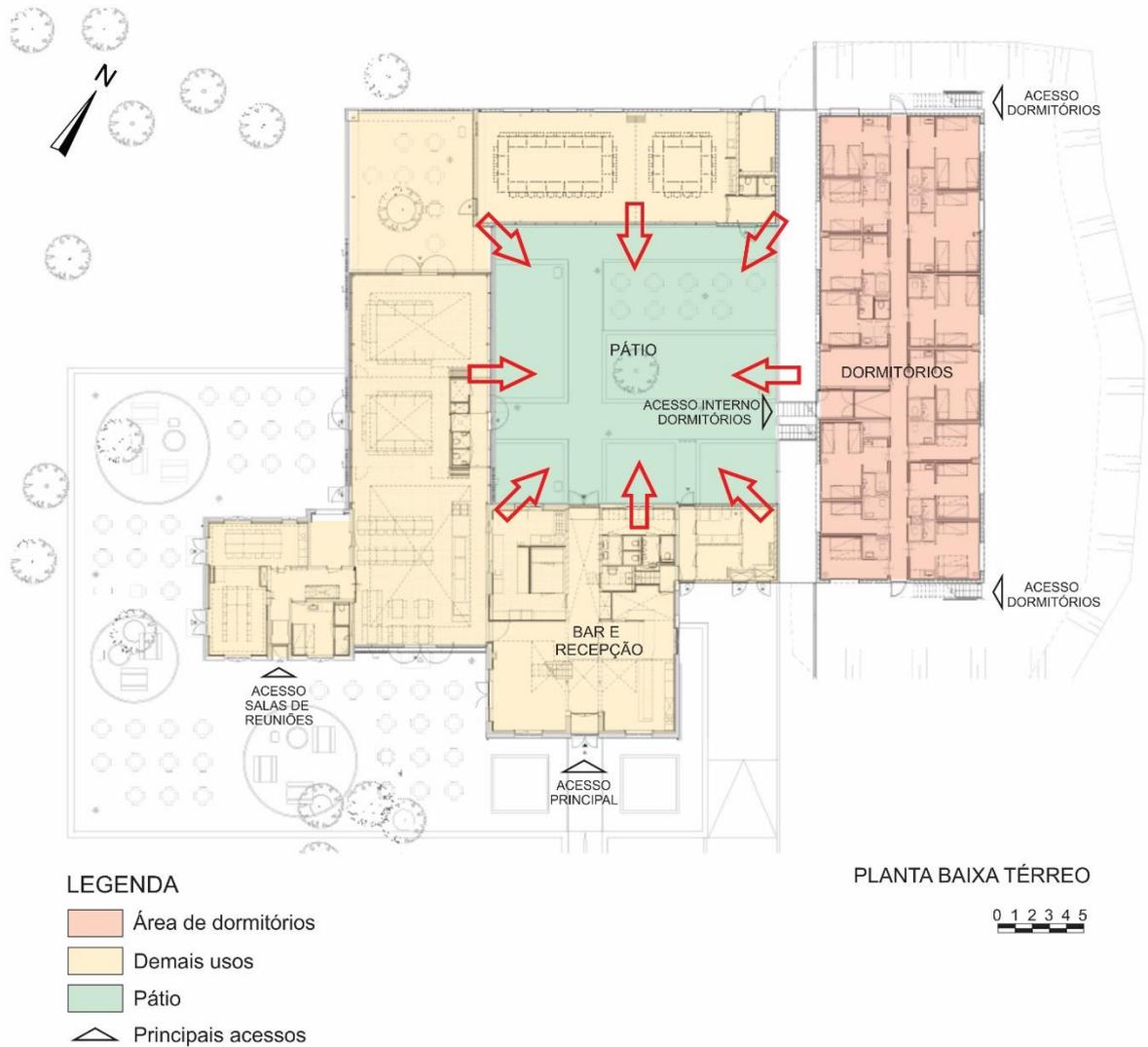


FIGURA 3.18 – Planta baixa térrea do Stayokay Hostel Soest. **FONTE:** ARCHDAILY (2012, adaptada pela autora).

Já separação de uma ala apenas para os quartos facilita a modulação estrutural, a organização de fluxos, a facilidade de manutenção e maior interação entre os hóspedes, mesmo que os quartos sejam privativos.

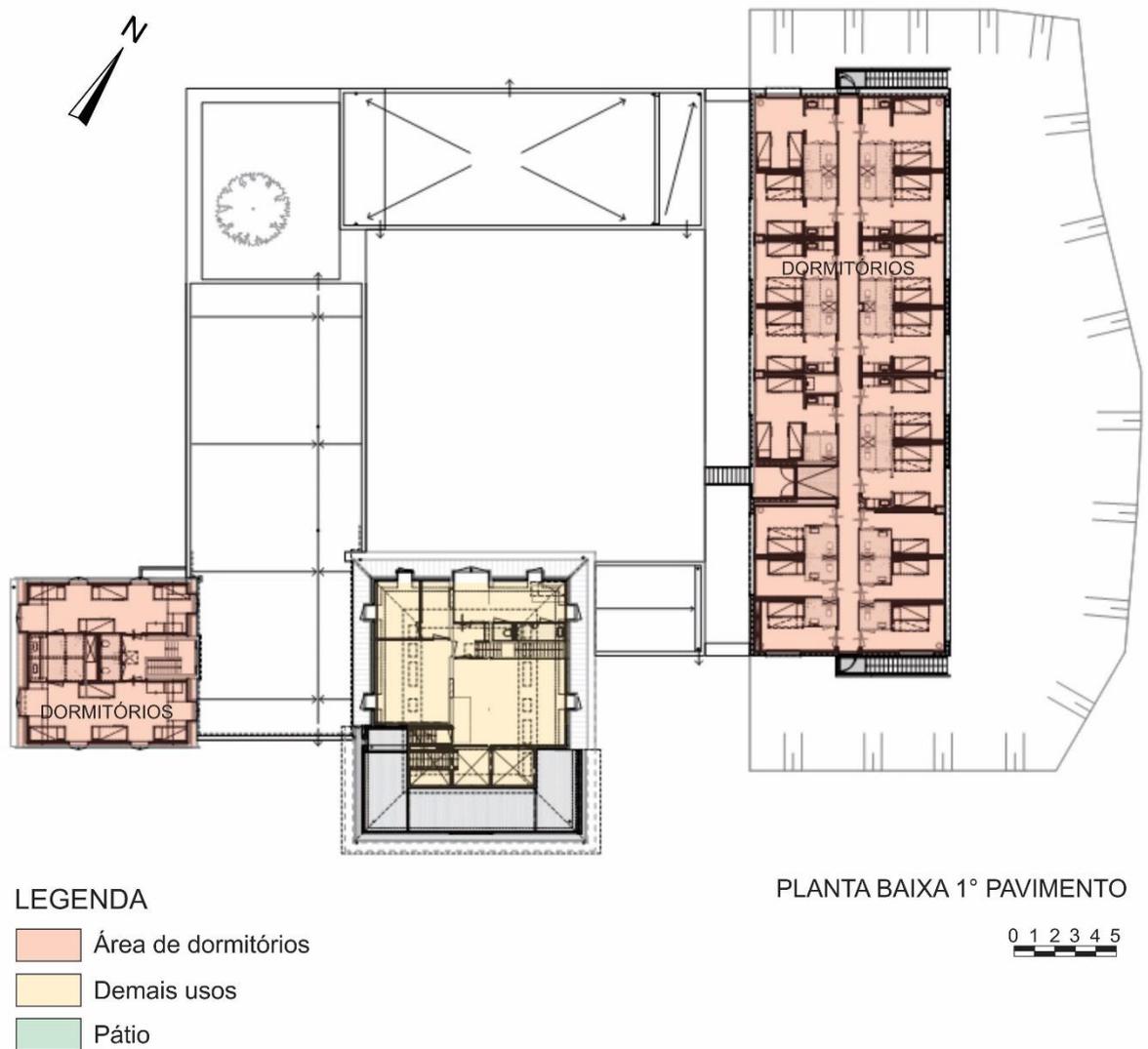


FIGURA 3.19 – Planta baixa do primeiro pavimento do Stayokay Hostel Soest. **FONTE:** ARCHDAILY (2012, adaptada pela autora).

3.3. ALBERGUE ID TOWN

Segundo o Archdaily (2015) e o site Divisare (2016), localizado em Shenzhen, Guangdong, na China, o hostel de 1.800m² é um projeto de 2014 do escritório O-office Architects. Ele é uma reestruturação de um antigo edifício de uma área residencial de uma fábrica da cidade de Shenzhen, localizado em um vale junto ao mar.

O interesse nesse projeto para a pesquisa em questão tem base na sua linguagem estética, sua relação com o entorno, tanto na escala do pedestre como na escala da cidade, e sua materialidade, na qual predominam o concreto aparente, o

aço e o vidro. Como é possível notar na figura 3.20, o projeto apresentou, após sua reforma, uma estética mais atraente e diferenciada. Mesmo com suas linhas retas e sua materialidade rígida, mostra-se uma arquitetura que se mistura na paisagem urbana. O iD Town também é interessante por estar diretamente conectado com a calçada e não apresentar nenhum tipo de proteção, como grades ou muros.



FIGURA 3.20 – Vista externa do Albergue iD Town. **FONTE:** ARCHDAILY (2015).



FIGURA 3.21 – Edifício antes da reforma. **FONTE:** ARCHDAILY (2015).

As modificações do antigo edifício tiveram duas grandes ações principais, sendo uma a instalação da estrutura de um meio de hospedagem em um espaço pré-existente e, a segunda, a abertura da fachada existente como forma de conseguir uma

interação mais dinâmica com o entorno, uma vez que no térreo do projeto estão localizados os usos sociais. Essa interação é permitida através de molduras de aço com painéis de vidro coloridos que remetem a formas de arquétipos variados, as quais possibilitam a compreensão do pedestre sobre o uso interno do edifício e permite ao hóspede a constante sensação de pertencimento à cidade e ao entorno urbano (figura 3.23). As cores também ajudam a criar um caráter lúdico, auxiliando na concepção de um espaço jovial.



FIGURA 3.22 – Aberturas na fachada do *hostel*. **FONTE:** DIVISARE (2016).

As modificações realizadas no térreo (figura 3.24) criam a sensação de aproximação do edifício aos pedestres, uma vez que as aberturas se assemelham a pequenas casas, que se adequam ao campo de visão de quem passa próximo ao edifício. As aberturas superiores possuem uma linguagem semelhante, com a mesma materialidade das do térreo.



FIGURA 3.23 – Espaço social com vista para o exterior. **FONTE:** ARCHDAILY (2015).

Compreende-se que a ideia do projeto, através dessas aberturas térreas, é causar a sensação no pedestre que passa e visualiza os hóspedes nas áreas sociais do *hostel*, de que estão em casa, e não em um estabelecimento comercial.



FIGURA 3.24 – Vista de aberturas no térreo. FONTE: ARCHDAILY (2015).

Em relação à área de dormitórios, segundo o site Designboom (2015), foi totalmente renovada. O piso de concreto que já existia foi polido para ter um aspecto novo e os pisos dos quartos foram substituídos. A linguagem visual do interior é marcada por elementos de aço, como as portas e vidros coloridos que também remetem à linguagem externa do edifício.



FIGURA 3.25 – Corredor dos dormitórios. FONTE: ARCHDAILY (2015).

Os dormitórios também são marcados por uma linguagem pura e simples, que mantém o uso do aço nos detalhes.



FIGURA 3.26 – Dormitório iD Town. **FONTE:** ARCHDAILY (2015).

Como pode ser analisado nas plantas baixas do iD Town, os usos sociais se concentram todos na planta térrea. O edifício é composto por um grande bloco que é longitudinalmente dividido por um corredor, que percorre toda a extensão do edifício. Isso possibilita, no térreo, localizar os principais usos sociais na extensão da fachada principal, garantindo a máxima relação com o exterior possível.

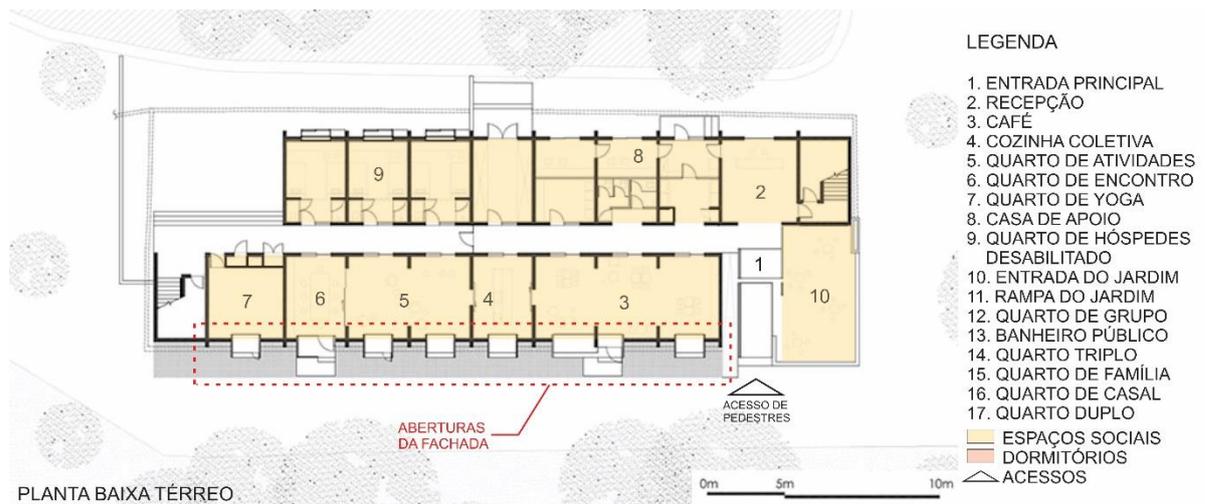


FIGURA 3.27 – Albergue iD Town: planta baixa térrea. **FONTE:** DESIGNBOOM (2015, adaptada pela autora).

Os três pavimentos superiores são destinados unicamente aos dormitórios, diferente do que ocorre nos demais correlatos, que apresentam alas destinadas para esse uso. O *hostel* possui, ao todo, cinco variações de tipologias de quarto.



FIGURA 3.28 – Albergue iD Town: planta baixa primeiro pavimento. **FONTE:** DESIGNBOOM (2015, adaptada pela autora).

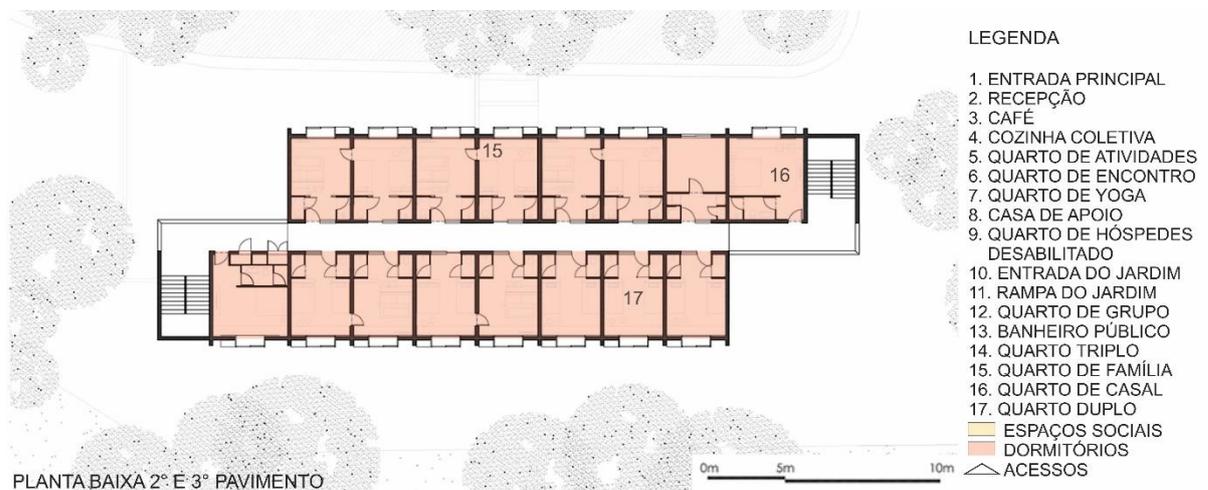


FIGURA 3.29 – Albergue iD Town: planta segundo e terceiro pavimento. **FONTE:** DESIGNBOOM (2015, adaptada pela autora).

No corte é possível perceber o alinhamento estrutural dos pavimentos, o que facilita questões de fundação e modulação.

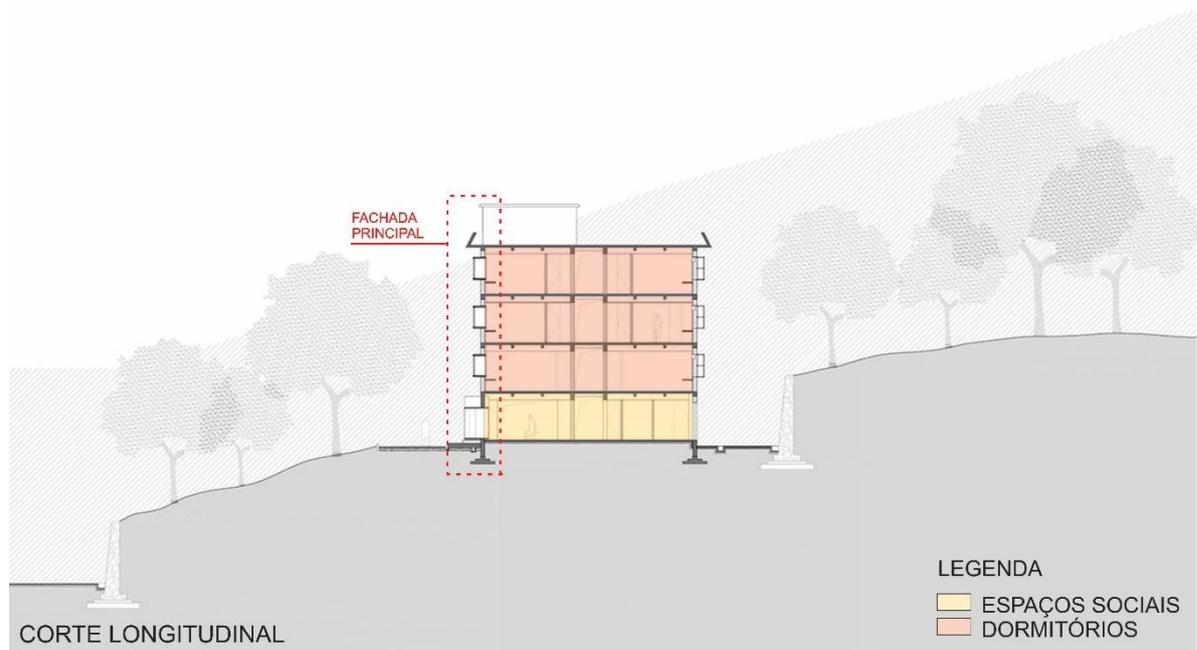


FIGURA 3.30 – Albergue iD Town: corte longitudinal. **FONTE:** DESIGNBOOM (2015, adaptada pela autora)

3.4. CCASA HOSTEL

Ccasa Hostel é um projeto do escritório TAK Architects, localizado em Nha Trang, Vietnam, com área total de 195 m². É o primeiro hostel construído em container no país, o que mostra a busca por uma inovação construtiva na concepção do projeto. Seu conceito é baseado na ideia de que todo o mundo conforma uma grande família, ou seja, seu funcionamento é inspirado na casa familiar. (ARCHDAILY, 2016).

O principal aspecto de interesse neste projeto é sua estrutura, que é, em sua maioria, aparente em aço, aproveitando também o uso do concreto aparente, da madeira e de containers.

Segundo o ArchDaily (2016), os containers abrigam os dormitórios e as áreas compartilhadas são compostas pela cozinha coletiva, área social, pequena área de lavanderia e banheiros. Optou-se por reduzir os espaços para as camas, mas de maneira que garantisse o conforto, para priorizar os espaços de convívio e priorizar a interação entre hóspedes.

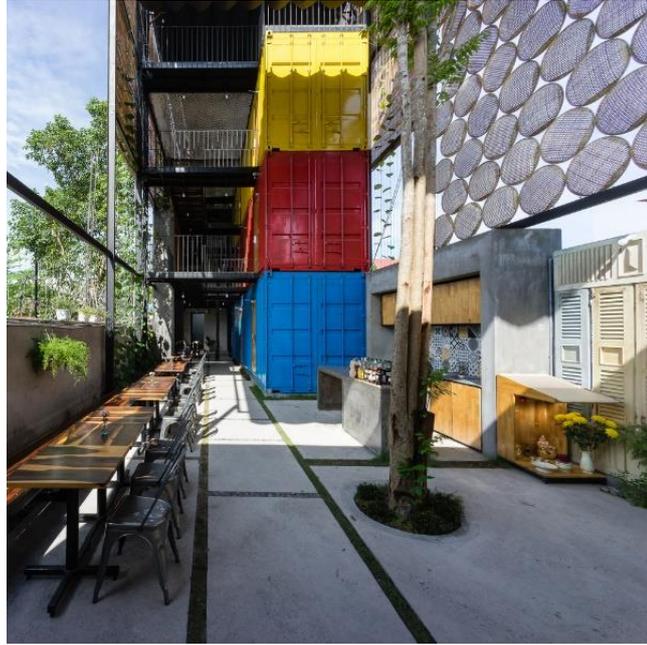


FIGURA 3.31 – Espaço de convívio. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

A divisão funcional do projeto é feita em blocos, separados por serviço, dormitórios e banheiros. Os usos são diferenciados por estruturas e cores diferentes. Como já dito antes, o setor dos dormitórios está disposto em containers, que possuem cores diferentes para identificar a tipologia do quarto. (ARCHDAILY, 2016).



FIGURA 3.32 – Setor de dormitórios. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

A parte de serviços e recepção possuem estrutura em aço aparente e chapas pretas metálicas, que compõem a cobertura desse espaço e marcam diferentes pés direitos.



FIGURA 3.33 – Recepção. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

Por fim, o bloco de instalações sanitárias tem estrutura comum, em concreto com azulejos brancos.



FIGURA 3.34 – Instalação sanitária. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

A conexão de todos os usos é um ponto importante no *hostel*, sendo a responsável pela harmonia do projeto, uma vez que o espaço de circulação se abre para a natureza e promove a conexão entre hóspedes e deles para o entorno. Além disso, a circulação abre espaços que possibilitam a inserção de árvores dentro do ambiente do *hostel*, intensificando a proximidade com a vegetação local (figura 3.35).



FIGURA 3.35 – Circulação com vegetação. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

Conforme o ArchDaily (2016), a circulação de chegada nos dormitórios foi pensada como pontes, para favorecer a iluminação de todo o interior, além de possibilitar uma visão das árvores que recobrem o edifício através de um pergolado, que faz a função de uma segunda pele no edifício, garantindo a ventilação e proteção solar em toda a extensão do *hostel*. O terraço possui grandes redes atirantadas acessíveis, dando a sensação de flutuarem sobre o espaço.



FIGURA 3.36 – Terraço com redes atirantadas. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

A referência à arquitetura antiga vietnamita é feita por meio de azulejos de cimento, janelas de madeira, cimento rústico e fechamentos com cestas, que utilizadas em conjunto com os containers, as vigas de aço e o pergolado, adquirem uma linguagem estética mais industrial. O mobiliário também é diferenciado nas áreas sociais, uma vez que são fixos e construídos em concreto, como uma extensão do próprio edifício. (ARCHDAILY, 2016).



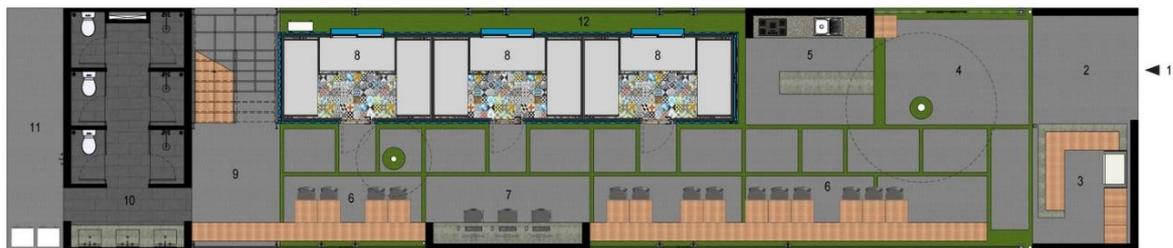
FIGURA 3.37 – Área social. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

Voltando para a questão dos dormitórios, eles são compactos, porém bem aproveitados. Os quartos coletivos possuem uma disposição com os beliches em torno de um único espaço. Isso permite intensificar a relação interpessoal. Ao mesmo tempo, o uso de cortinas e painéis de madeira garantem a total privacidade dos hóspedes. Em contrapartida, a disposição prejudica a ventilação do ambiente, uma vez que o mobiliário está posicionado em frente à janela, o que faz o uso de ar condicionado ser necessário para manter o ambiente termicamente confortável.



FIGURA 3.38 – Dormitório. **FONTE:** ARCHDAILY (2016).

Analisando as plantas baixas do Ccasa Hostel, é possível notar a setorização em um terreno estreito e comprido. O projeto é bastante aberto e acessível pelo público em geral. Seu térreo é totalmente acessível, uma vez que é nivelado.



PLANTA BAIXA TÉRREO

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| 1. ENTRADA | 11. LAVANDERIA |
| 2. HALL DE ENTRADA | 12. QUARTO DE 4 CAMAS |
| 3. RECEPÇÃO | 13. LOCKER |
| 4. ÁREA DE PARKING | 14. CIRCULAÇÃO |
| 5. COZINHA COLETIVA | 15. QUARTO DE SERVIÇO |
| 6. ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA | 16. LOJA |
| 7. COMPUTADORES | 17. QUARTO FAMILIAR |
| 8. QUARTO DE 6 CAMAS | 18. ÁREA DE RELAXAMENTO |
| 9. LOBBY | 19. REDES |
| 10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS | 20. ÁREA TÉCNICA |



FIGURA 3.39 – Planta baixa térrea. **FONTE:** ARCHDAILY (2016, adaptada pela autora).

Analisa-se que a estrutura é resolvida a partir da sobreposição de usos comuns em todos os pavimentos. Também nota-se que a área de convivência possui um grande pé direito, que permite que seja visualizada de qualquer parte do edifício.

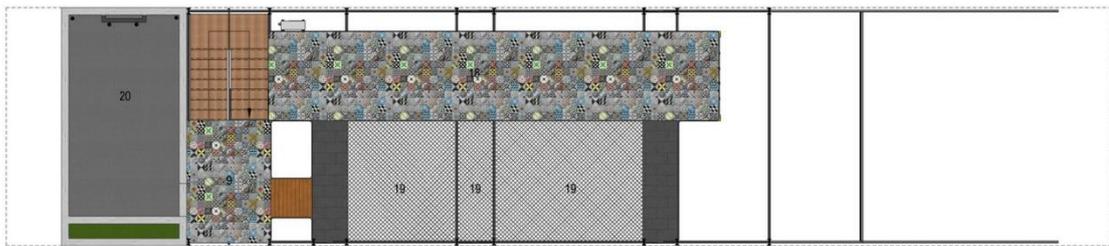


FIGURA 3.40 – Planta baixa do primeiro pavimento. **FONTE:** ARCHDAILY (2016, adaptada pela autora).



FIGURA 3.41 – Planta baixa do segundo pavimento. **FONTE:** ARCHDAILY (2016, adaptada pela autora).

O terraço reúne a área técnica, que fica localizada acima das instalações sanitárias e uma área livre de mobiliário, marcada apenas pelas redes acessíveis, que proporcionam um caráter ousado de lazer para os hóspedes.



PLANTA BAIXA TERRAÇO

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| 1. ENTRADA | 11. LAVANDERIA |
| 2. HALL DE ENTRADA | 12. QUARTO DE 4 CAMAS |
| 3. RECEPÇÃO | 13. LOCKER |
| 4. ÁREA DE PARKING | 14. CIRCULAÇÃO |
| 5. COZINHA COLETIVA | 15. QUARTO DE SERVIÇO |
| 6. ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA | 16. LOJA |
| 7. COMPUTADORES | 17. QUARTO FAMILIAR |
| 8. QUARTO DE 6 CAMAS | 18. ÁREA DE RELAXAMENTO |
| 9. LOBBY | 19. REDES |
| 10. INSTALAÇÕES SANITÁRIAS | 20. ÁREA TÉCNICA |



FIGURA 3.42 – Planta baixa do terraço. **FONTE:** ARCHDAILY (2016, adaptada pela autora).

Nos cortes é possível compreender a diferença entre a altura dos ambientes e a racionalização da estrutura.

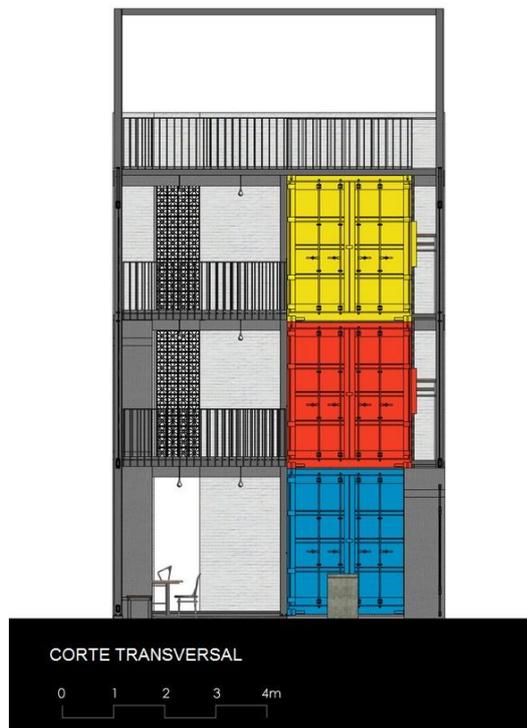


FIGURA 3.43 – Corte transversal. **FONTE:** ARCHDAILY (2016, adaptada pela autora).



FIGURA 3.44 –Corte longitudinal. **FONTE:** ARCHDAILY (2016, adaptada pela autora).

3.5. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS PROJETOS

Com base nas análises de correlatos realizadas, é possível pontuar os aspectos mais significativos levantados, afim de utilizá-los no questionamento sobre futura proposta de projeto.

Em relação ao tetris Container Hostel, enfatiza-se o emprego de técnicas sustentáveis e o reuso de materiais, garantindo menor impacto ambiental do edifício, além da preocupação com a interação entre os hóspedes, propiciada pelas suas áreas sociais. A implantação em torno a um pátio, propiciando insolação, ventilação e permeabilidade visual é o aspecto de maior interesse do Stayokay Hostel Soest. Já com relação ao Albergue iD Town, a relação com o entorno propiciada pela fachada e a localização dos usos sociais próximos, permitindo a conexão entre eles. O Ccasa hostel se destaca pela racionalização de sua estrutura, pelo emprego de elementos referentes ao local no qual está inserido, pela inserção da natureza no projeto e pelo uso de elementos diversificados em sua conformação arquitetônica.

4. ANÁLISE DA REALIDADE

Neste capítulo busca-se apresentar Curitiba e o bairro São Francisco como cenários para a proposta de implantação de um *hostel*, através de dados estatísticos e pesquisas, além do terreno escolhido para proposta do projeto com todas suas características e informações.

4.1. CURITIBA

Curitiba é a capital do Estado do Paraná e, segundo o IBGE (2010), sua população estimada no ano de 2016 era de 1.893.997 habitantes, distribuídos em seus 435,036 km² de área. Com relação à sua economia, “[...] destacam-se a sua localização estratégica, a força das atividades do comércio e serviços, o turismo de negócios, o contínuo desenvolvimento da Região Metropolitana, além do próprio perfil socioeconômico [sic] de sua população.” [THE CITIES, s.d.].

Sobre a faixa etária da cidade, quando comparada com o restante do Estado e com o Brasil, a faixa de idade mais populosa da capital está entre 20 e 29 anos, ainda considerada jovem, como será explicado mais para frente, enquanto no Paraná a faixa mais expressiva é de 10 a 19 anos e no Brasil varia entre 10 e 29 anos.



FIGURA 4.1 – Pirâmides etárias de Curitiba, Paraná e Brasil. **FONTE:** IBGE (2010).

Para compreender melhor a cidade, é importante entender como ela é gerenciada, através do seu sistema de subprefeituras. De acordo com o site da Prefeitura [s.d.], as “Subprefeituras representam a presença do governo municipal em

todos os setenta e cinco bairros, que formam as 10 Regionais [...]”. Elas têm como missão coordenar ações relacionadas com o planejamento de cada localidade considerando as particularidades de cada uma. Além disso, “[...] fomenta a expressão da vontade popular e as possibilidades econômicas, compatibilizando o planejamento da cidade como um todo [...]”. Através delas, o diálogo com a comunidade e seus reais interesses é facilitado.



FIGURA 4.2 – Mapa das regionais de Curitiba. **FONTE:** IPPUC [s.d., adaptada pela autora].

Já com relação às Regionais, são territórios menores que visam facilitar a administração e deixar os serviços mais próximos da população. Para que uma nova regional seja criada, a Prefeitura analisa diversos fatores, entre eles a área das regionais em km², número de habitantes, de equipamentos urbanos, a mobilidade, serviços, renda da população, história do território, entre outros. O sistema de

regionais garante o equilíbrio dessas variáveis em cada espaço. As Regionais são: Bairro Novo, Boa Vista, Boqueirão, Cajuru, CIC, Matriz, Pinheirinho, Portão, Santa Felicidade e Tatuquara. Suas localizações estão representadas na figura 4.2. (IPPUC, s.d.).

4.1.1. O turismo e a realidade dos *hostels* na capital paranaense

Segundo informações disponibilizadas pelo site da Prefeitura [s.d.], Curitiba é uma cidade turística em potencial, grande parte com foco em um turismo de eventos (50% dos visitantes). Foi eleita, pela revista Exame, três vezes como a melhor cidade brasileira para se fazer negócios.



FIGURA 4.3 – Vista aérea de Curitiba. **FONTE:** PARANÁ EM FOCO (2016).

Quanto à infraestrutura, Curitiba, em conjunto com sua região metropolitana, possui aproximadamente 140 espaços para a realização de eventos, além de modernos centros de convenções. Tem-se que, em 2005, quanto à infraestrutura hoteleira, a cidade e seus municípios vizinhos já apresentavam aproximadamente 150 hotéis e flats, totalizando 18 mil leitos. Já quanto à gastronomia, a cidade também oferece um serviço bastante amplo: são aproximadamente seis mil bares e restaurantes, além de 26 *shopping centers* que também oferecem esse serviço.

Com relação ao serviço turístico, a capital paranaense incentiva-o através da busca em ser uma referência de sustentabilidade e criatividade, conforme informações

da página do Instituto Municipal de Turismo [s.d.]. A principal missão da cidade é “Fomentar a atividade turística promovendo o desenvolvimento socioeconômico do destino Curitiba, proporcionando experiências inovadoras para turistas com apoio e participação da comunidade [sic].”

Ainda segundo o site do Instituto Municipal de Turismo, a Administração Municipal da cidade de Curitiba autorizou, em 2005, a criação do Instituto Municipal de Turismo, ou a Curitiba Turismo, que é “[...] uma Autarquia, de administração indireta da Prefeitura Municipal de Curitiba, criada pela Lei nº 11.408 de 10 de Maio de 2005 [...]”. O Curitiba Turismo é voltado apenas para as questões do setor turístico da capital, já que este representa uma importante contribuição econômica, social e cultural, além de gerar empregos e renda. Segundo o site, o órgão tem como objetivos fundamentais “[...] o desenvolvimento sustentável do setor turístico e o estímulo da atividade turística, com ações de fomento, promoção e divulgação do produto turístico Curitiba.”



FIGURA 4.4 – Logo do Instituto Municipal de Turismo. **FONTE:** INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO (2016).

De acordo com o Curitiba Turismo (2012), no ano de 2012 a capital recebeu 3.714.184 turistas. Foi realizada uma pesquisa com 1.336 turistas e excursionistas, além de 1.428 moradores de Curitiba e Região Metropolitana. Para o trabalho em questão se levará em conta apenas os turistas, por serem os principais usuários dos meios de hospedagem, uma vez que permanecem no mínimo um dia na cidade.

Entre os estados brasileiros, dos que mais enviam turistas para a capital, o primeiro é o próprio estado paranaense, com 30,4% dos entrevistados, seguido de São Paulo, com 22,2% dos turistas e Santa Catarina em terceiro, com 14,8%. Os estrangeiros totalizam 5,1% dos turistas na cidade. A maioria dos que visitam Curitiba são homens, sendo a porcentagem destes de 66,3% e dos turistas femininos de 33,7%.

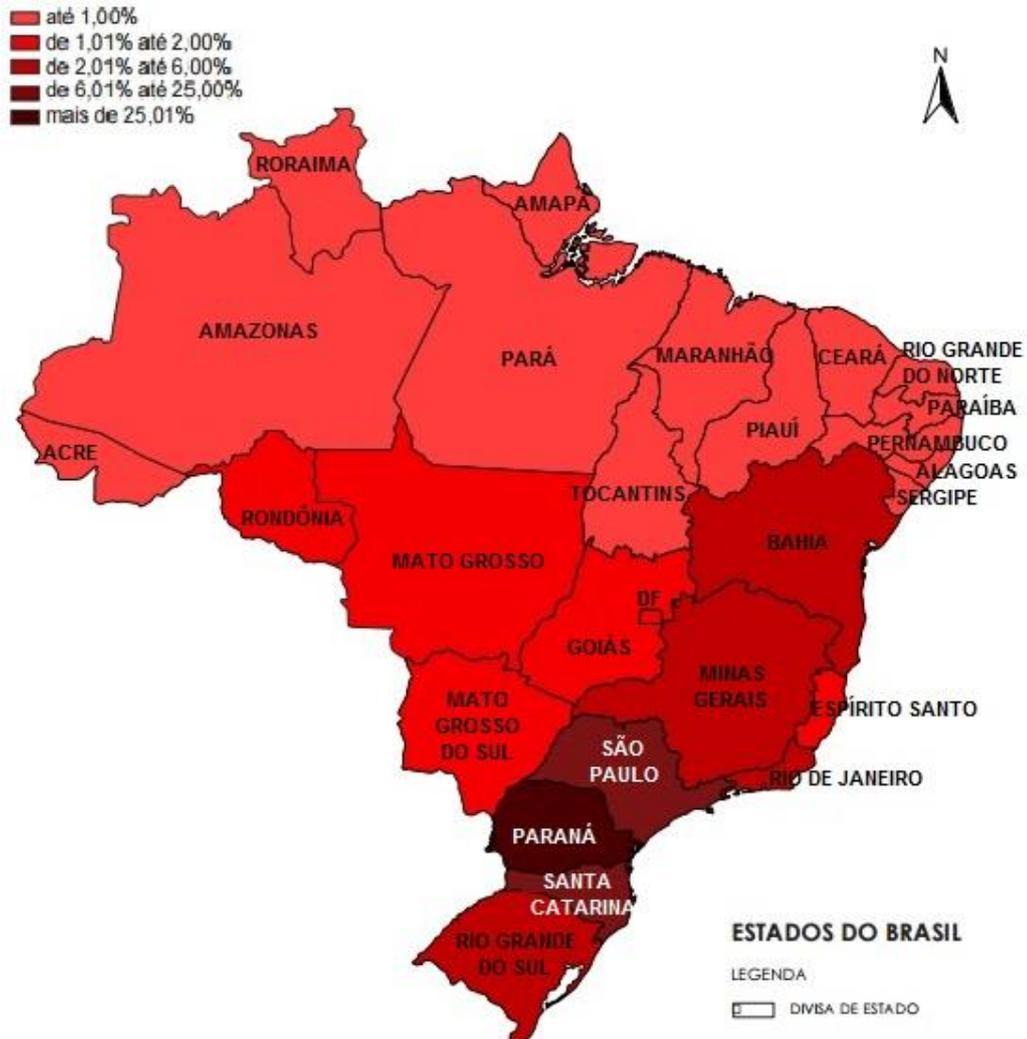


FIGURA 4.5 – Procedência dos turistas receptivos de Curitiba. **FONTE:** INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA (2012, adaptada pela autora).

Importante, para a justificativa de proposta de um *hostel* na capital paranaense, é a faixa etária predominante dos turistas revelada nesta pesquisa de 2012. O público jovem, considerado entre 15 e 29 anos, segundo o Estatuto da Juventude (PREFEITURA BELO HORIZONTE, 2013), representa uma parcela considerável dos visitantes, uma vez que os dados indicados da pesquisa indicam que o percentual entre 15 e 24 anos é de 43,1%.

O principal motivo que leva as pessoas a visitarem Curitiba é por questões profissionais (40,5%), seguido de visita aos parentes e lazer (26,4%) e recreação e descanso (15,8%). Interessante dizer que a grande maioria dos turistas viaja sozinha, totalizando 67,3% dos entrevistados. Este dado também enfatiza a proposta de um meio de hospedagem que possibilite a pessoas que viajam sozinhas ter contato com

outras a um preço mais acessível, ao se considerar que 43,9% dos turistas se hospedam em hotéis.

Sobre a cidade em si, a pesquisa aponta que grande parcela dos entrevistados define Curitiba como uma cidade com qualidade de vida, sendo que mais da metade dos turistas já visitaram a cidade em algum outro momento. As atrações turísticas são também pontos de grande interesse dos visitantes, motivo que auxilia a justificar a escolha de um terreno para implantar o *hostel* em local estratégico e de fácil acesso a grande parte delas.

Ainda com base na mesma pesquisa, Curitiba pode ser considerada pela maioria dos entrevistados uma cidade limpa, segura, com bom serviço de táxi, boa sinalização e vias urbanas, com boa qualidade de internet (importante para o público jovem) e com bom serviço de transporte público. Além disso, a capital é considerada uma cidade com muita área verde, boa conservação das edificações em geral, boa qualidade do ar e baixa poluição sonora. Dentre os itens analisados, o que teve pior apresentação foi o trânsito urbano. Os serviços turísticos, de comércio, gastronômicos e de hospedagem foram todos avaliados positivamente, o que indica que a cidade tem grande potencial na recepção de seus visitantes.

Segundo o Curitiba Turismo (2016), Curitiba possui várias opções consideradas “atrativos turísticos”. Entre elas podem-se citar oito memoriais para visita, dois grandes Mercados (o Municipal e o de Orgânicos), 23 museus, 26 bosques e parques, dois setores históricos, uma torre panorâmica e uma linha de ônibus voltada para turismo. Com relação a compras, a autarquia informa sobre quatro centros de comércio, duas ruas temáticas, 18 Shopping Centers e 28 lojas de *souvenirs*. No setor de cultura e arte, a cidade possui oito grandes bibliotecas, incluindo as das Ruas da Cidadania, 16 cinemas, 13 galerias de arte e 37 teatros. Para os interessados em esportes, existem dois autódromos, oito grandes provas de corrida de rua, quatro estádios e duas hípicas. As feiras existentes são 56, incluindo de antiguidades, artes plásticas, artesanato, especiais, gastronômicas, noturnas e orgânicas. Sobre a vida noturna curitibana, são 48 bares e 18 casas. E, por último, existem 19 roteiros turísticos que incluem roteiros para crianças, artísticos, de bicicleta, de trem na Serra do Mar, entre outros. É importante salientar que essas opções são apenas as registradas no site da Curitiba Turismo, podendo haver mais opções.

Entre as opções voltadas para a gastronomia em geral, a cidade apresenta 327 restaurantes de variados tipos, 95 bares, 53 cafés e 23 cervejarias artesanais, o que

torna a cidade um destino completo para quem procura opções turísticas com boa e variada gastronomia.

Em relação aos meios de hospedagem de Curitiba, como dito anteriormente, 43,9% dos turistas de Curitiba se hospedam em hotéis, o que representa uma parcela considerável e enfatiza a importância do setor de hospedagens na capital. Com base no Instituto Municipal de Turismo (2016), a cidade apresenta ao todo 121 hotéis – variando de uma a cinco estrelas –, 13 *hostels*, 15 flats ou apart hotéis, um hotel histórico, um hotel de lazer e duas pousadas. Como o foco do trabalho são os *hostels*, especificamente, a realidade atual apresentada será relacionada apenas com este tipo de meio de hospedagem. Os estabelecimentos atualmente atuantes na capital estão localizados conforme as figuras 4.6 e 4.7.

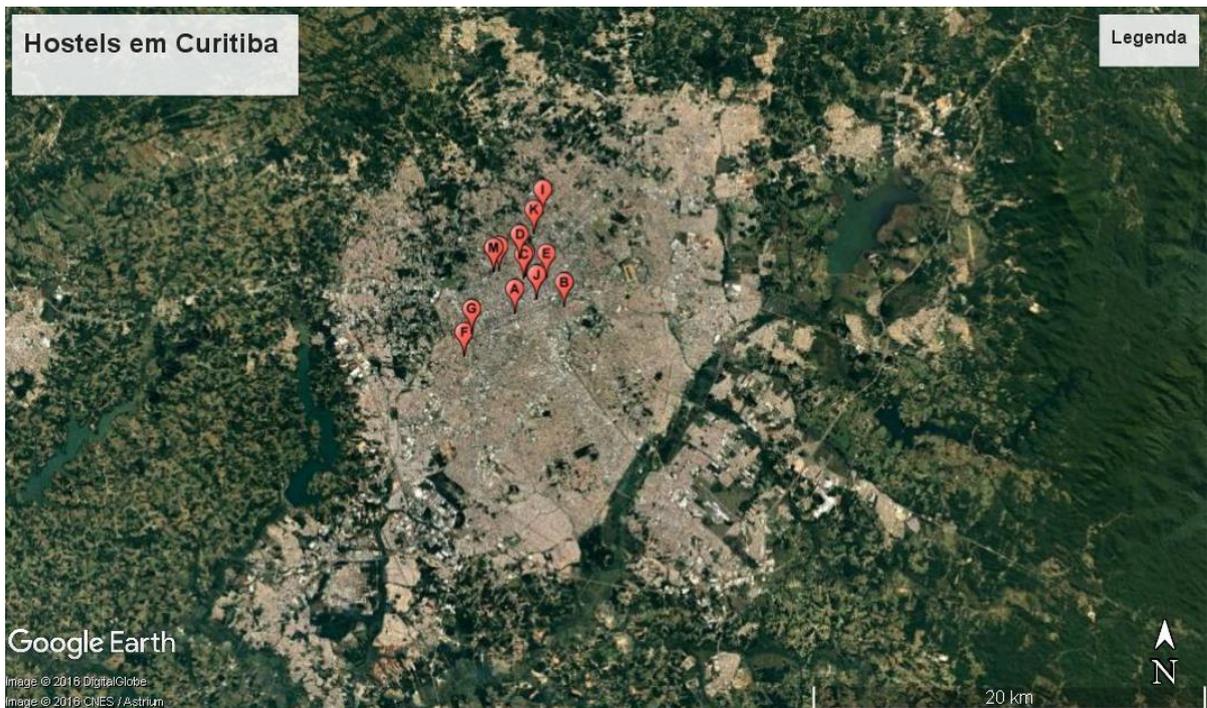


FIGURA 4.6 – Localização dos *hostels* em Curitiba com vista geral da cidade. **FONTE:** GOOGLE EARTH (2016, adaptada pela autora).

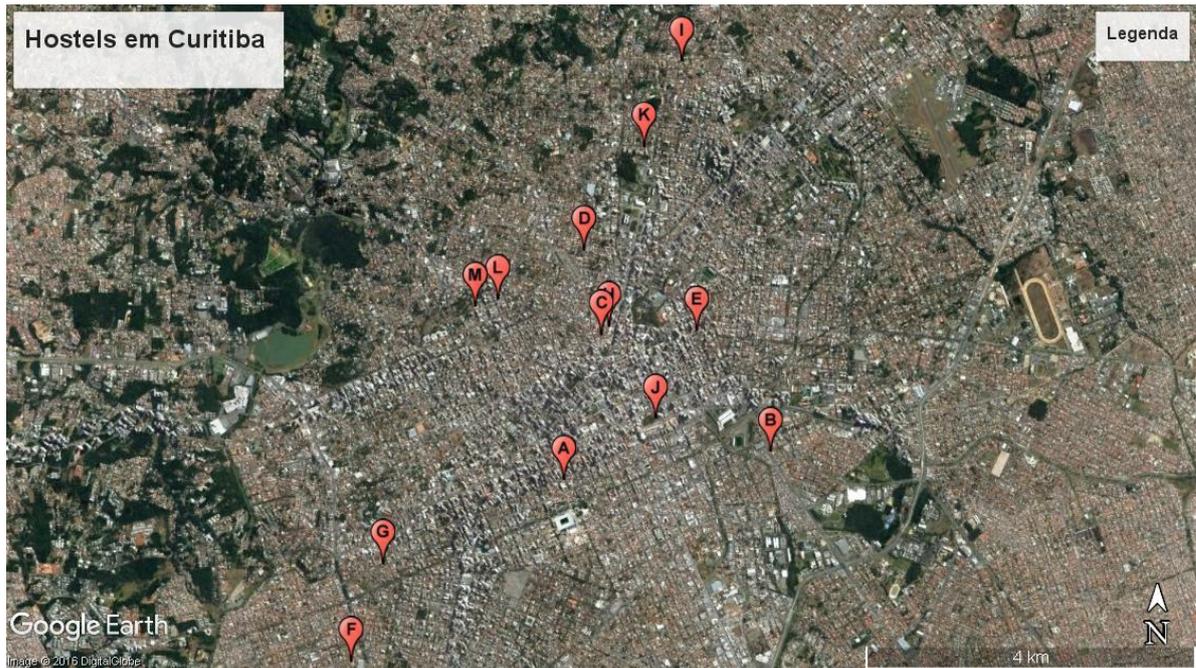


FIGURA 4.7 – Localização dos *hostels* em Curitiba com vista aproximada. **FONTE:** GOOGLE EARTH (2016, adaptada pela autora).

Na figura 4.7 as marcações são respectivamente: A – Che Lagarto Hostel, B – Curitiba Casa Hostel, C – Curitiba Hostel, D – Curitiba Hostel Backpackers, E – Expresso Curitiba, F – Freedom Curitiba Hostel, G – Hostel Batel, H – Hostel Matilda, I – Hostel Pedala Curitiba, J – Hostel Roma, K – Ide Hostel Curitiba, L – Knock Knock Hostel Curitiba e M – Motter Home Curitiba Hostel.

Com base em informações de todos os sites dos *hostels* de Curitiba, é possível afirmar que apenas um estabelecimento apresenta a oferta de um serviço além do de hospitalidade, que é o Expresso Curitiba, que possui um café aberto ao público em geral. O Curitiba Hostel Backpackers também apresenta um diferencial, uma vez que realiza festas para o público em geral. É importante ressaltar que todos os *hostels* da cidade são reformas ou adaptações de edificações com outro uso original, não havendo nenhum projeto arquitetônico construído especificamente para essa finalidade.

4.2. BAIRRO SÃO FRANCISCO

Conforme o IPPUC [s.d.], o bairro São Francisco é um dos bairros mais antigos de Curitiba, localizado na regional matriz (figura 4.8). Ele faz divisa com os bairros Bom Retiro, Centro, Centro Cívico e Mercês, e abriga o setor histórico da capital. Aqui, serão abordados aspectos históricos e estatísticos do bairro que sejam relevantes para a pesquisa e que influenciem na escolha do sítio de implantação da proposta.



FIGURA 4.8 – Regional Matriz e seus bairros. **FONTE:** IPPUC [s.d., adaptada pela autora].

O site Curitiba Space [s.d.] cita alguns importantes destaques do bairro, como o “[...] Largo da Ordem, Museu Paranaense, Praça Garibaldi, Relógio das Flores, Cemitério São Francisco de Paula, Mesquita, o Memorial de Curitiba, Sociedade Garibaldi, Igreja da Ordem, Casa Romário Martins [...]”, entre outros, além da feira do Largo da Ordem, a maior da cidade, e que é realizada todo domingo.



FIGURA 4.9 – Largo da Ordem em 1904. **FONTE:** IPPUC [s.d.].



FIGURA 4.10 – Largo da Ordem. **FONTE:** VIAGEM (2012).

Ainda segundo o Curitiba Space, a história do bairro se desenvolveu paralelamente a da própria cidade. São Francisco é localizado próximo à Praça Tiradentes, marco zero da cidade. O bairro apresenta o novo e o antigo em sintonia, mesclando edificações do século XVII e edifícios novos, representando características arquitetônicas, culturais e sociais curitibanas.

A região também abriga as mais antigas construções da cidade, como a Igreja da Ordem, que foi a primeira Igreja curitibana, inaugurada entre 1752 e 1783 e a Casa Romário Martins, primeira construção da capital, que já foi utilizada como moradia, açougue e armazém de secos e molhados e atualmente abriga um espaço cultural da Prefeitura de Curitiba. Ambas fazem parte do Largo Coronel Enéas, popularmente conhecido como Largo da Ordem.

O bairro recebeu influência tanto na arquitetura, como no comércio, gastronomia e questões sociais, de imigrantes italianos e alemães que habitaram a área em meados do século XIX. No mesmo século, a região ainda sofreu revoluções e conflitos e, na virada do mesmo, começaram as modernizações. Em 1908 foi inaugurado o reservatório de água do São Francisco. Outra importante construção do bairro, mesmo que nunca finalizada, são as Ruínas de São Francisco, que despertam até hoje muitas lendas.



FIGURA 4.12 – Ruínas de São Francisco. **FONTE:** GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA (2003).

O caráter de polo comercial do bairro, ainda conforme o site, teve importante influência na década de 30, quando feirantes de descendências europeias começaram a tomar conta da região. Eles deslocavam-se até o bairro para vender seus produtos, se reunindo no Largo da Ordem e, assim, consolidando o início da mais tradicional feira da cidade. Além disso, ocorreram episódios importantes para a história da região, sendo esse conjunto de acontecimentos históricos o responsável para que o Largo da Ordem fosse considerado Setor de Preservação Cultural, por meio de lei municipal.



FIGURA 4.13 – Feira do Largo da Ordem. **FONTE:** TURISMO CURITIBA [s.d.].

O setor histórico também abriga muitos palácios, sendo um deles o Palácio São Francisco, que atualmente abriga o Museu Paranaense e o Palácio Giuseppe Garibaldi, usado para eventos sociais e festas em geral. Há também o Palácio Wolf, que é o mais antigo de Curitiba, que já funcionou como Fundação Cultural de Curitiba, mas que hoje abriga a Casa de Leitura Dario Vellozo e o Teatro do Piá. O palácio Hauer também faz parte da região, localizado em frente ao Memorial de Curitiba.



FIGURA 4.14 – Antigo Palácio São Francisco, atual Museu Paranaense. **FONTE:** GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA [s.d.].

O *site* do Curitiba Space (2016) salienta que a cultura é, possivelmente, o maior diferencial do bairro, por abrigar três importantes museus na cidade, o Paranaense, Museu de Arte Sacra e o Alfredo Andersen. Também aloja a Cinemateca, que é o principal cinema de rua da cidade, além de realizar trabalhos de pesquisa cinematográfica. O Memorial de Curitiba é uma das construções simbólicas mais

importantes da capital, uma vez que sua arquitetura é inspirada em um pinheiro, árvore típica do Paraná. Ele também é palco de manifestações culturais, além de ser um edifício que mostra o contraste, antes mencionado, que existe entre o antigo e o novo no bairro. A região também recebe outras manifestações de caráter cultural, como a Virada Cultural, o pré-carnaval e o Ano Novo fora de época.



FIGURA 4.15 – Memorial de Curitiba. FONTE: GUIA GAZETA DO POVO [s.d.].

O site Curitiba Space também menciona as três importantes praças do bairro. A mais popular de todas é a Praça Garibaldi que é cenário para o Relógio de Flores, além de ser rodeada de bares e restaurantes, e se localizar no centro da Feira do Largo aos domingos, ou seja, é um importante cartão postal curitibano. Já a Praça João Cândido, segundo o site Curitiba Space, é maior e mais arborizada. Além disso, “[...] é famosa por abrigar o Belvedere, as Ruínas de São Francisco e um palco ao ar livre. O logradouro é tombado como Patrimônio do Estado, e fica em frente ao Museu Paranaense.” A Praça do Redentor, popularmente chamada de Praça do Gaúcho, é cenário para os skatistas da cidade por ter uma das maiores pistas de skate da cidade, mas também recebe curitibanos e turistas em geral.

O bairro São Francisco é também uma região com grande representatividade religiosa, já que abriga importantes templos religiosos da capital: a já mencionada Igreja da Ordem, a 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba, a Igreja do Rosário e a Mesquita Al Imam Ali Ibn Abi Talib e o Templo Hare Krishna de Curitiba.

Com relação a aspectos gerais e dados estatísticos do bairro, serão apresentados comparativos do bairro em relação a Regional Matriz ou em relação à Curitiba, para facilitar a compreensão dos dados.

O IPPUC [s.d.] fornece informações detalhadas sobre a região. A população do bairro era no ano de 2010 de 6.130 habitantes, sendo que o mesmo apresentou uma queda percentual de 0,48% de sua taxa de crescimento anual entre os anos 2000 e 2010, enquanto Curitiba apresentou um aumento de 0,99%, além de uma predominância da população feminina.



FIGURA 4.17 – Demografia de Curitiba e do bairro São Francisco. **FONTE:** IPPUC [s.d.].

Quanto ao zoneamento do bairro São Francisco, o mesmo foi reformulado em 2015, assim como o do restante da cidade. A região é predominantemente zona residencial ZR-3, seguida por ZR-4 e Setor Histórico. Uma pequena parcela pertence à Zona Central. (Figura 4.18).



FIGURA 4.18 – Zoneamento do bairro São Francisco. **FONTE:** IPPUC (2015, adaptada pela autora).

O bairro apresenta uma densidade domiciliar mais baixa que a de Curitiba, o que pode ser justificável por outros fatores, já que em relação à infraestrutura urbana São Francisco é um bairro bem servido de domicílios permanentes com serviço de rede de água, rede de esgoto, coleta de lixo e entorno iluminado por iluminação pública, serviços esses presentes em mais de 99,5% do bairro. Sobre aspectos como a acessibilidade pública, 11,80% dos domicílios do bairro possuem entorno provido de rampas para cadeirantes, enquanto 99,50% possuem entorno provido de calçadas. Já em relação à microdrenagem, 95,17% dos domicílios apresentam entorno com bueiros ou bocas-de-lobo, e 99,5% com meio-fio ou guias, sendo estes elementos que auxiliam na drenagem da água da chuva.

A tipologia das moradias do bairro mostra que a grande maioria é de apartamentos, totalizando 69,17% das moradias locais. Isso mostra que a região é mais verticalizada do que horizontalizada e que há uma pressão pela densificação da mesma, uma vez que é um bairro que já possui toda a infraestrutura para receber novas edificações. Além disso, é importante salientar que o bairro não apresenta nenhuma área de ocupação irregular, nem com condições consideradas insalubres.

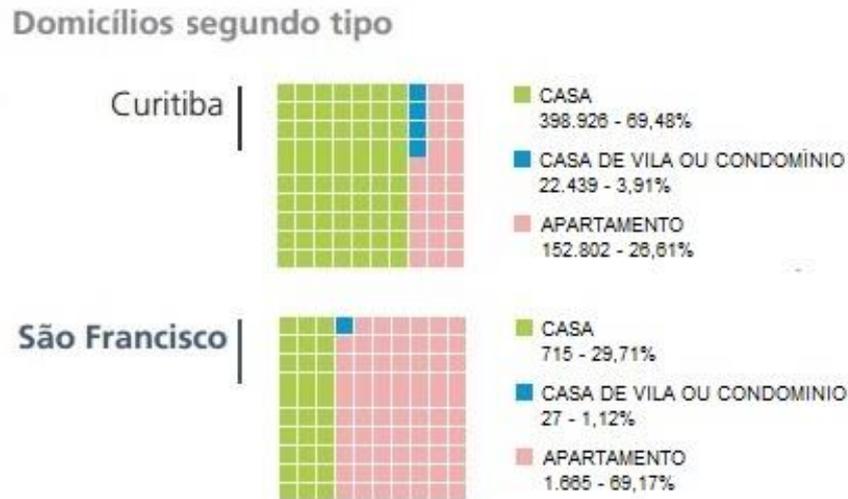


FIGURA 4.20 – Domicílios de Curitiba e bairro São Francisco segundo tipo. **FONTE:** IPPUC [s.d., adaptada pela autora].

Um aspecto importante de ser mencionado é a segurança do bairro São Francisco. O IPPUC [s.d.] mostra que no ano de 2012 ocorreram quatro homicídios dolosos na região e nenhum acidente de trânsito. Já em relação às áreas verdes do bairro, é preciso levar em consideração que é uma região histórica e central e, por isso, apresentava em 2010 uma área verde por habitantes de 26,11m², que é reduzida quando comparada a Curitiba, que apresentava 58,05m², ainda segundo informações do IPPUC [s.d.]. Sobre as áreas verdes públicas, Curitiba apresentava 3,36m² por habitante, enquanto o bairro analisado apresentava 1,27m². Além disso, São Francisco apresenta um número considerável de equipamentos relacionados ao meio ambiente, como praças, jardinetes, largos e núcleos ambientais.

Em relação à alimentação de transporte público, importante na escolha de uma localização para propor um meio de hospedagem, o bairro possui linhas de ônibus que permitem que todos os habitantes da região não necessitem se deslocar mais do que 250m para ter acesso a um transporte público.

Além da rede de ônibus que alimenta toda a região, uma variedade de serviços e comércios locais próximos a um *hostel* permite que os hóspedes abasteçam suas necessidades com facilidade. Nesse aspecto, o bairro, mesmo que relativamente pequeno, possui grande variedade tanto de serviços em geral. Em 2011, ainda conforme o IPPUC [s.d.], São Francisco apresentava 218 indústrias, 952 comércios, 1.656 serviços e 26 serviços de outros tipos.

Como está sendo proposto um tipo de hospedagem, é relevante que o mesmo esteja localizado em uma região com variados equipamentos públicos próximos, como

unidades de saúde, que possam garantir o bem-estar dos hóspedes, principalmente em situações de emergência. Com base nisso, é possível afirmar que em 2013 a região contava com quatro unidades de saúde públicas. Além de unidades de saúde, quando se trata da proposta de uma região para receber um *hostel*, os equipamentos culturais também são importantes, já que é um público interessado nesse tipo de uso, como já visto anteriormente. O bairro São Francisco, como pode ser verificado na figura 4.21, possui uma grande concentração de teatros, museus, bibliotecas, centros de cultura, entre outros.

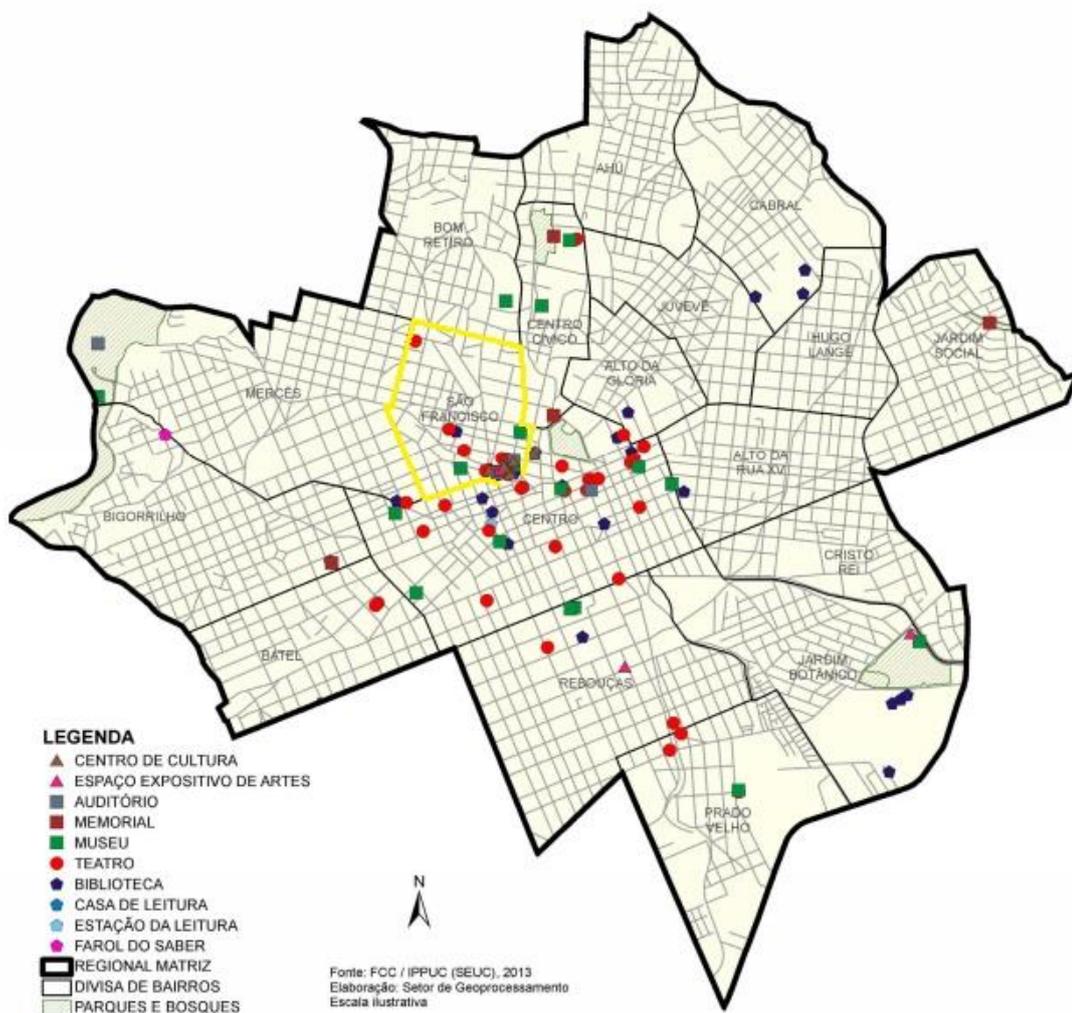


FIGURA 4.21 – Equipamentos culturais na regional Matriz. **FONTE:** IPPUC (2013, adaptada pela autora).

4.3. PROPOSTA DE TERRENO E ENTORNO IMEDIATO

O terreno escolhido situa-se na esquina da Rua Inácio Lustosa com a Rua Almirante Barroso. A região apresenta grande potencial para a inserção de um *hostel*, uma vez que possui infraestrutura completa, comércios e equipamentos públicos a poucas quadras de distância. Além disso, abriga atualmente grande quantidade dos *hostels* da cidade, porque a um raio de 1.500 metros do terreno é possível chegar a seis dos 13 estabelecimentos desse tipo na cidade, o que confere um grande interesse por esse uso no local. (GOOGLE EARTH, 2015).

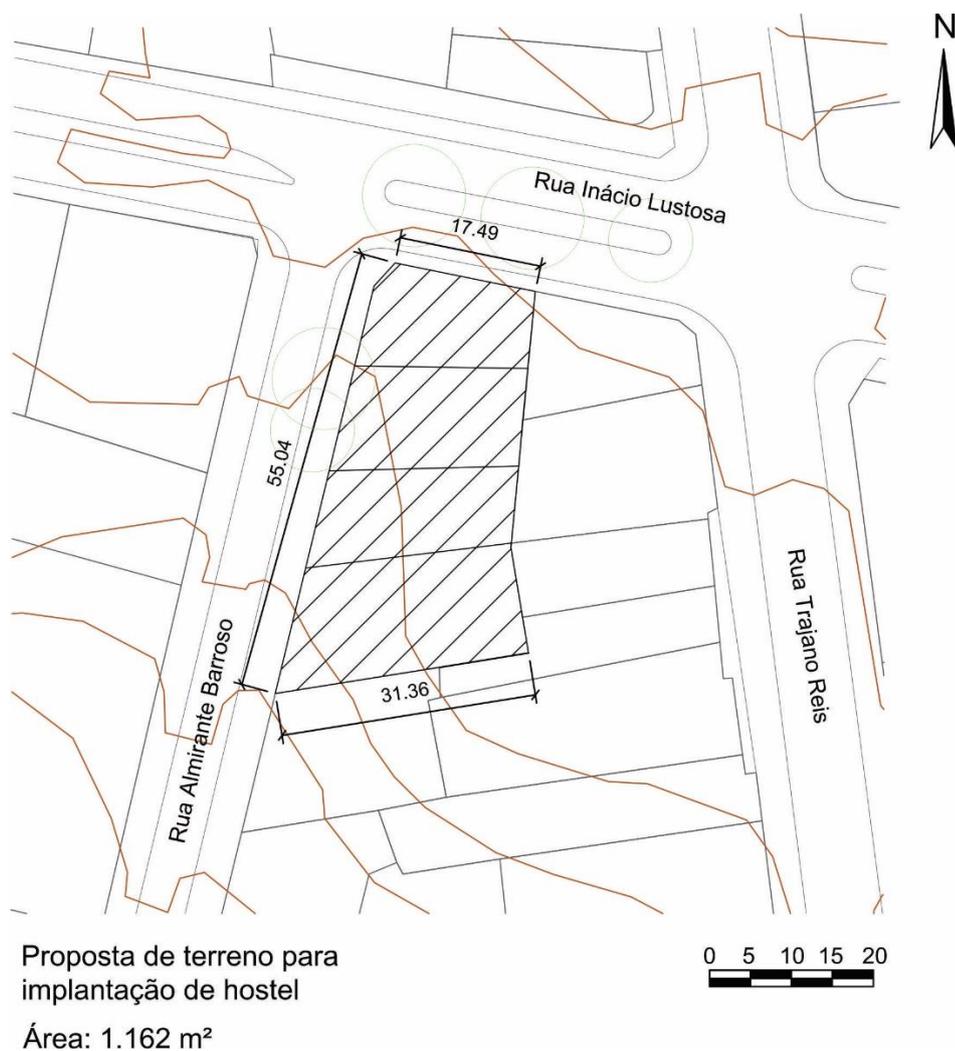


FIGURA 4.22 – Proposta de terreno para implantação de *hostel*. **FONTE:** IPPUC [s.d., adaptada pela autora].



FIGURA 4.23 – Vista aérea do terreno proposto. **FONTE:** GOOGLE MAPS (2016, adaptada pela autora).



FIGURA 4.24 – Hostels inseridos a um raio de 1.500 metros do terreno. **FONTE:** GOOGLE EARTH (2016, adaptada pela autora).

Sobre a zona residencial em que o estabelecimento se encontra, segundo o IPPUC [s.d.], ele está localizado em uma zona residencial ZR-4. Para o Instituto, a ZR-4 propicia densidades habitacionais média-altas. São toleradas habitações coletivas, transitórias e institucionais. São áreas com interesse na verticalização, sendo permitidos até seis pavimentos, desde que sejam obedecidos os recuos mínimos de um sexto da altura do edifício nas divisas laterais e nos fundos do terreno. Exceções são feitas para comércios e serviços, que podem ter porte de no máximo 200m². Já indústrias, apenas de pequeno porte, não ultrapassando os 100m². Conforme o 2030 Studio (2015), o número de pavimentos para usos com foco em habitação pode ser ampliado até oito pavimentos, caso seja aplicada alguma transferência de potencial, assim como o coeficiente que também é ampliado, podendo ser utilizada 2 vezes a área do terreno para o projeto e, conseqüentemente, sua construção.

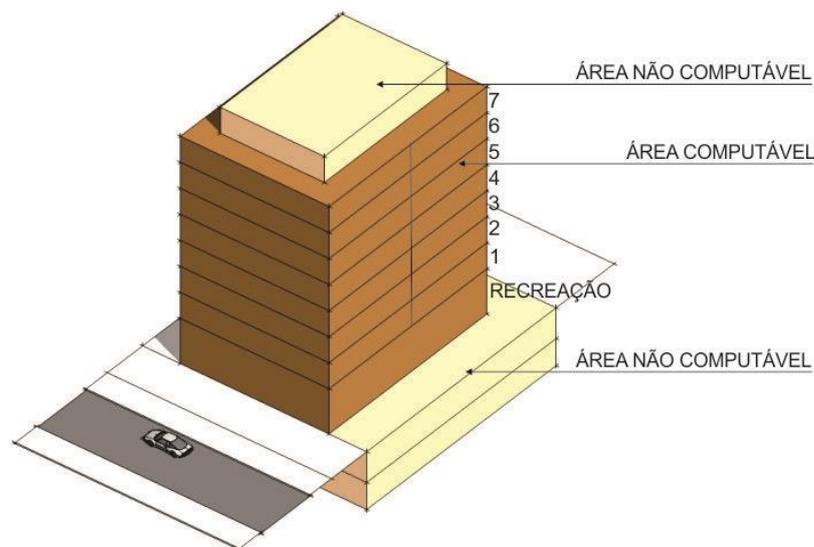


FIGURA 4.25 – Modelo de habitação para ZR-4. **FONTE:** 2030 STUDIO (2015).

As imagens a seguir são, respectivamente, as construções existentes da esquina ao meio de quadra. A construção localizada na esquina (figura 4.26) é cercada por um muro que impede aos pedestres qualquer visibilidade do que existe em seu interior, sendo uma casa antiga sem valor histórico de um pavimento e um espaço aberto, como pode ser verificado na figura 4.23. O uso localizado no centro do

terreno (figura 4.27) é a única construção em bom estado de conservação e funciona como um consultório médico, também de um pavimento. Por fim, o uso que ocupa maior espaço no terreno é um estacionamento privado sem nenhuma área sombreada por vegetação natural.



FIGURA 4.26 – Vista atual da esquina das Ruas Inácio Lustosa e Almirante Barroso. **FONTE:** A AUTORA (2016).



FIGURA 4.27 – Uso atual no lote central da Rua Almirante Barroso. **FONTE:** A AUTORA. (2016).



FIGURA 4.28 – Uso atual de parte do terreno na Rua Almirante Barroso. **FONTE:** A AUTORA (2016).

Levando em consideração o zoneamento local que incentiva o uso de edifícios de maior porte, optou-se pela proposta de retirada dos usos atuais para priorizar a implementação de um novo estabelecimento que melhor atenda ao zoneamento, que traga maior dinamicidade para a região e, conseqüentemente, mais segurança, uma vez que um uso de habitação transitória do tipo *hostel* é dinâmico e apresentará movimentação durante todas as etapas do dia. Além disso, um edifício de caráter e arquitetura contemporâneos permite maior valorização do local. Em relação à vegetação existente, há duas árvores de grande porte e uma de pequeno porte localizadas no passeio, que serão mantidas. As outras árvores dentro dos perímetros dos lotes serão retiradas por não possuírem um porte significativo, e por se concentrarem na testada da Rua Inácio Lustosa, onde se pretende projetar a entrada principal para a proposta do *hostel*.

Com base em análise das Guias Amarelas da Prefeitura de Curitiba (2016), referentes aos lotes do terreno, é possível esclarecer que nenhum dos usos atuais possui qualquer caráter de interesse de preservação, assim como estabelecem algumas características para construção no local. Os usos permitidos são de habitação coletiva, habitação transitória, habitação unifamiliar (com ressalvas), posto de abastecimento e serviços e estacionamento comercial, também com ressalvas. Dentro dos parâmetros da construção, o coeficiente de aproveitamento é 2,0, a taxa

de ocupação é de 50%, a taxa de permeabilidade é de 25% e a densidade máxima é de 80 habitações por hectare, para habitação unifamiliar. O recuo frontal previsto é de 5 metros e acima de dois pavimentos é necessário um afastamento mínimo das divisas de 2,5 metros, atendendo a um sexto da altura total do edifício. O quadro 4.1 mostra as áreas gerais do terreno, com base nos parâmetros estipulados pela guia amarela. Os dados mostram que a área máxima edificável é de 2.324m², somando todos os pavimentos.

PARÂMETROS CONSTRUTIVOS	DADOS APLICADOS AO TERRENO	TOTAL
ÁREA DO TERRENO	-	1.162m ²
ÁREA SEM RECUOS	RECUOS DE 5m NAS TESTADAS E DE 2,5m DAS DIVISAS	665m ²
ÁREA PERMEÁVEL	25%	290,5m ²
TAXA DE OCUPAÇÃO	50%	581m ²
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	2,0	2.324m ²

QUADRO 4.1 – Parâmetros construtivos e áreas gerais do terreno. **FONTE:** A AUTORA (2016).

A escolha do sítio foi feita com base no interesse por uma esquina em via movimentada, que é a Inácio Lustosa e uma via calma que é a Almirante Barroso, pelo potencial comercial que representa e pela visibilidade que essa esquina propicia, além de possibilitar acessos diferentes de pedestres e de serviços, um em cada via.

Um dos aspectos priorizados foi o afastamento de quaisquer estabelecimentos de uso público ou não, aos quais pudessem causar incômodos barulhos advindos das áreas sociais do *hostel*, priorizando a qualidade de vida da vizinhança, assim como uma distância de estabelecimentos que possam prejudicar a qualidade acústica nos dormitórios do estabelecimento. Ao mesmo tempo, buscou-se um sítio que permitisse aos hóspedes usufruir de restaurantes, bares e pequenos comércio próximos, como

o Shopping Müller, localizado a cerca de 350 metros do terreno, a Rua Trajano Reis, importante rua de bares, cafés, lanchonetes e casas noturnas, localizada a uma quadra de distância e o já mencionado Largo da Ordem a, aproximadamente, 450 metros. (GOOGLE EARTH, 2016).



FIGURA 4.29 – Rua Almirante Barroso. **FONTE:** A AUTORA (2016).



FIGURA 4.30 – Rua Inácio Lustosa. **FONTE:** A AUTORA (2016).



FIGURA 4.31 – Rua Trajano Reis. **FONTE:** A AUTORA (2016).

As figuras a seguir ilustram as edificações localizadas no entorno imediato ao terreno.



FIGURA 4.32 – Residências localizadas Rua Almirante Barroso. **FONTE:** A AUTORA (2016).



FIGURA 4.33 – Edifício localizado na Rua Almirante Barroso. **FONTE:** A AUTORA (2016).

As edificações opostas ao terreno na Rua Almirante Barroso são de uso residencial em bom estado de conservação, variando entre um (figura 4.32) e três pavimentos (figura 4.33), sendo a mais alta localizada na esquina oposta, o que permite que seja proposto no terreno um uso com mais pavimentos do que os atuais, sem que se sobressaia diante dos demais e prejudique a harmonia urbana visual da região. Os edifícios vizinhos não apresentam grandes problemas de insolação ou de visibilidade no local escolhido.



FIGURA 4.34 – Bar localizado na Rua Inácio Lustosa. **FONTE:** A AUTORA (2016).



FIGURA 4.35 – Serviços e comércios localizados na Rua Inácio Lustosa. **FONTE:** A AUTORA (2016).

Já na Rua Inácio Lustosa, no entorno imediato do terreno, os usos são comerciais (alguns com residência nos pavimentos superiores) e de serviço, como bares (figura 4.34), sapataria (figura 4.35), comércio de ferramentas hidráulicas e até serviço de lavanderia, sendo este de interesse para a localização do *hostel*, uma vez que esse meio de hospedagem pode terceirizar serviços desse tipo. A altura dos edifícios varia entre um e quatro pavimentos, tendo suas arquiteturas variando tanto entre construções novas e antigas, como na conservação das mesmas. Pela largura da via que os separa do terreno, a insolação no mesmo não é prejudicada.

Por fim, na Rua Trajano Reis, especificamente nos lotes que fazem divisa com o terreno escolhido, localizam-se usos com fins de serviço e comércio, como o Brooklin Café e pequenos bares (figura 4.36). São construções de um ou dois pavimentos. Por serem edifícios baixos, não apresentam risco quanto à iluminação natural que incide no terreno atual pelo período da manhã, uma vez que estão localizados a leste do terreno.



FIGURA 4.36 – Café Brooklyn localizado na Rua Trajano Reis. **FONTE:** A AUTORA (2016).

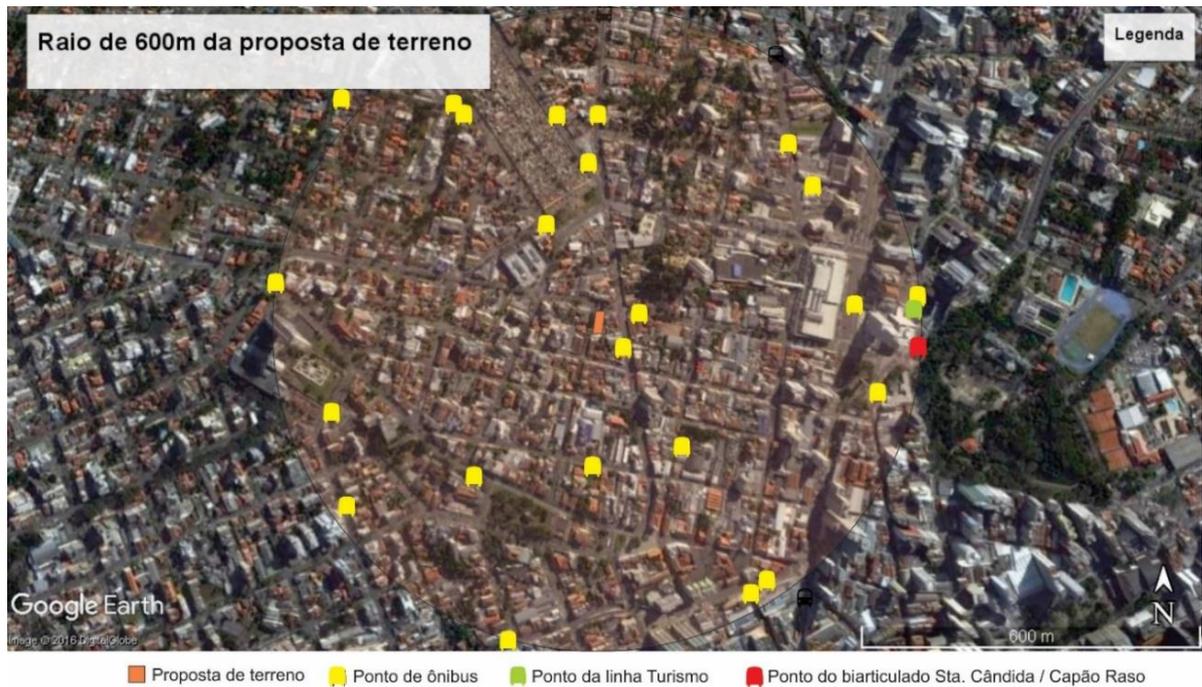


FIGURA 4.37 – Pontos de ônibus localizados a um raio de 600 metros do terreno. **FONTE:** GOOGLE EARTH (2016, adaptada pela autora).

Além disso, a localização permite fácil acesso tanto de automóveis como de ônibus, uma vez que há vários estacionamentos, vagas e pontos de ônibus nas ruas

próximas ao local, incluindo o ônibus biarticulado da linha Santa Cândida – Capão Raso, uma das principais linhas urbanas de Curitiba, a um raio de apenas 600 metros do terreno escolhido, além da linha urbana de Turismo, que possui um de seus pontos no Memorial Árabe, localizado dentro do mesmo raio, como pode ser verificado na figura 4.37. Também está localizada a uma curta distância do Largo da Ordem que, como já foi dito, é um dos principais pontos turísticos de Curitiba (GOOGLE EARTH, 2015). A proximidade e oferta de ônibus próximos ao terreno são relevantes, uma vez que são uma importante opção urbana para turistas se deslocarem pela cidade.

5. DIRETRIZES DE PROJETO

Esse capítulo tem como objetivo apresentar as premissas e os parâmetros de projeto para a proposta de um *hostel* em Curitiba, assim como o programa de necessidades e pré-dimensionamento dos espaços, utilizando como referência obras existentes ou orientações do Manual de Abertura de Hostel da Hostelling International (2016). Além disso, serão apresentados estudos de zoneamento e volumetria.

5.1. PREMISSAS GERAIS

Para melhor compreender a concepção do projeto como um conjunto de fatores, Peter Zumthor (2009, p. 71) ressalta:

Não trabalhamos na forma, trabalhamos com todas as outras coisas. No som, nos ruídos, nos materiais, na construção, na anatomia etc. O corpo da arquitectura, no início, é a construção, a anatomia, a lógica no acto de construir. Trabalhamos com todas estas coisas, olhando ao mesmo tempo para o lugar e para a utilização.⁶

O conceito adotado para a proposta do *hostel* será buscar uma arquitetura que implemente conceitos de sustentabilidade e acessibilidade em todo o edifício, trabalhando uma construção racional, que priorize elementos pré-fabricados e evite desperdício de materiais. Ao mesmo tempo, será proposto um projeto que conforme espaços que permitam e incentivem a sociabilidade entre os hóspedes, além de garantir o respeito ao entorno histórico e suas condicionantes volumétricas e espaciais, utilizando materiais contemporâneos e tradicionais, como o concreto. Também se levará em consideração a adoção de uma plástica que de alguma forma se relacione, dialogue e se comunique com o público prioritariamente jovem a quem deverá atender.

Pretende-se aplicar a sustentabilidade no edifício a partir de sistemas de captação e reuso de águas pluviais, uso de materiais ecologicamente corretos, como a lã de PET, utilizada como isolante térmico e acústico, teto verde, estruturas pré-fabricadas para evitar o desperdício de materiais no meio ambiente, além do máximo aproveitamento de luz solar e ventilação natural.

⁶ Texto traduzido em português falado em Portugal.

5.2. PARÂMETROS DE PROJETO

Com base no Regulamento Geral dos Meios de Hospedagem (EMBRATUR, 2002), no Manual de Abertura de Hostel da Hostelling International (2016) e em referências de projetos existentes, foram ponderados elementos de interesse e especificações para proposta de de um *hostel*.

5.2.1. Recepção

A recepção será um ambiente com acesso direto ao exterior, com uma estética e disposição convidativas ao público jovem, como é previsto no Manual de Abertura de Hostel (2016), além de ter fácil acesso ao espaço de armazenamento de bagagens. É relevante para a autora que esse ambiente apresente um pé direito alto, dando destaque aos espaços e reforçando a sensação de “boas vindas” ao hóspede. Ele também pode funcionar no mesmo ambiente que um espaço de convivência, como no Manga Hostel (figura 5.1), que é no mesmo ambiente que a sala de jogos.



FIGURA 5.1 – Recepção do Manga Hostel. **FONTE:** VIAJANTES APRENDIZES (2016).

Os Generators Hostels possuem bons espaços receptivos: são elegantes, espaçosos e organizados. Por ser o primeiro contato do hóspede com o hostel, é importante que a recepção possua uma linguagem que represente o estabelecimento,

para facilitar a concepção do hóspede sobre o local, como ocorre no Generator Hostel Londres.



FIGURA 5.2 – Recepção do Generator Hostel Londres. **FONTE:** BOOKING (2016).

Esse espaço é capaz de abrigar materialidades diferenciadas e é, também, um espaço que permite o uso de luz artificial, incitando uma estética diferenciada e até mesmo divertida. Nela pode-se “jogar” com cores e luzes sem parcimônia, como é o caso do Generator Hostel Paris.



FIGURA 5.3 – Recepção do Generator Paris Hostel. **FONTE:** GENERATOR PARIS (2016).

5.2.2. Áreas de convivência

As áreas de convivência, como indica o Manual de Abertura de Hostel (2016), podem ser variadas. Para a presente proposta, pretende-se criar mais de um espaço social, em forma de terraços, salas de jogos ou leitura e em um pátio, o qual será o principal espaço de convívio do projeto.

Os espaços conformados em terraços, podem ser conformados em um teto verde, unindo sustentabilidade e sociabilidade, como ocorre no Bee W Hostel de São Paulo, que aproveitou a cobertura permeável para criar um novo ambiente (figura 5.4).



FIGURA 5.4 – Espaço de convívio do Bee W Hostel. **FONTE:** A AUTORA (2016).

Os principais *hostels* de referência para áreas sociais são os da rede europeia Generator. Uma forte característica da Rede é possuir variadas áreas de convívio com usos diferenciados, sendo sempre ambientes ricos em *design* e cores, além de bem integrados, com mobiliários diferenciados, que oferecem aos ambientes um caráter lúdico. Serão mostrados exemplos aplicáveis à proposta de um estabelecimento desse tipo em Curitiba.

O Generator Hostel de Amsterdam possui uma importante área de convivência localizada próxima à entrada principal. Esse ambiente serve tanto como área de convívio, como para atender aos hóspedes que buscam os serviços do bar, diretamente conectado com o espaço.



FIGURA 5.5 – Área de convivência com bar do Generator Hostel Amsterdam. **FONTE:** GENERATOR AMSTERDAM (2016).

Já o Generator de Berlim possui espaços sociais conformados por mobiliários simples (figura 5.6), como *puffs* ou bancos contínuos, o que ressalta a importância da disposição dos móveis, tornando possível até a criação de atmosferas com isso. Também apresenta áreas sociais conformadas por outros usos, como espaços de leitura ou de estudos (figura 5.7).



FIGURA 5.6 – Área de convivência do Generator Hostel Berlim. **FONTE:** GENERATOR HOSTEL BERLIM MITTE (2016).



FIGURA 5.7 – Área de convivência do Generator Hostel Berlim. **FONTE:** GENERATOR HOSTEL BERLIM MITTE (2016).

O Generator de Londres apresenta espaços de convívio em áreas de circulação, mostrando a adaptabilidade desses ambientes afim de otimizar a integração dos hóspedes.



FIGURA 5.8 – Área de convivência do Generator Hostel Londres. **FONTE:** MY SUITES & CO. (2016).

Notam-se características físicas específicas presentes nas áreas dos projetos de referência, com exceção do último caso que está inserido em um espaço de circulação, como pés direitos elevados e tubulações e estruturas expostas. O pé direito elevado garante uma atmosfera mais leve e agradável, passa a sensação de um espaço de “respiro” do *hostel* e possibilita estruturas diversificadas, como

mezaninos, ou independentes como já mencionado. As instalações expostas demonstram um caráter de clareza da concepção do hóspede com a arquitetura que o cerca, reforçando a concepção estrutural de caráter industrial.

5.2.3. Cozinha coletiva

A cozinha coletiva proporciona uma interação única entre os hóspedes, uma vez que faz com que eles preparem seus alimentos na companhia de outras pessoas, compartilhando um mesmo espaço e até alguns alimentos. A comensalidade, ato de partilhar alimentos, é algo que acompanha o homem desde a pré-história. Segundo a nutricionista Sueli Aparecida Moreira (2010), o “[...] comportamento alimentar do homem não se diferenciou do biológico apenas pela invenção da cozinha, mas também pela comensalidade, ou seja, pela função social das refeições [...]”. Ela ressalta que o ato de cozinhar em conjunto favorece as interações sociais.

Boas cozinhas coletivas possuem mobiliários simples e disposições claras, com espaço para circulação de grupos cozinhando refeições diferentes. Grandes aberturas possibilitam melhor iluminação natural no espaço, garantindo boa circulação de ar e um ambiente mais agradável. Também é possível propor portas de vidro com acesso a uma pequena área externa para alimentação ou confraternização, como ocorre na cozinha coletiva do Hostel La Buena Vida (figura 5.9). O uso de materiais laváveis, resistentes e de fácil higiene também são essenciais.



FIGURA 5.9 – Cozinha coletiva do Hostel La Buena Vida. **FONTE:** ARCHDAILY (2012).

Também é de interesse que a cozinha coletiva não seja um espaço de passagem, e sim de permanência, com mobiliário que permita isso e uma área que comporte tanto hóspedes que estão cozinhando, como aqueles que estão esperando, como no Hostel 7 (figura 5.10).



FIGURA 5.10 – Cozinha coletiva do Hostel 7. **FONTE:** CRIS MARQUES (2011).

5.2.4. Refeitório

Refeitórios amplos, com pé direito alto, permitem uma atmosfera mais agradável aos hóspedes. A princípio, se adotará a capacidade de 50% dos hóspedes, prevista no Manual de Abertura de Hostel (2016), podendo variar de acordo com o projeto. Esse ambiente deve se localizar próximo da cozinha, servindo para refeições gerais dos hóspedes e também com horário determinado pelo estabelecimento para o café-da-manhã, que é oferecido por alguns estabelecimentos. O ambiente proporciona o relacionamento dos hóspedes durante suas refeições, assim como ocorre durante o preparo dos alimentos, como analisado pela nutricionista Sueli Aparecida Moreira (2010). Essa mesma profissional também aborda o tema do “comer em grupo”, como veículo para relacionamentos sociais. Para ela, comer é o interesse mais pessoal do indivíduo, que, quando acompanhado por outras pessoas, se torna “um meio de criar uma comunidade”.

O mobiliário do espaço de refeições pode ser decisivo para incentivar a integração entre pessoas. Mesas grandes possibilitam que os hóspedes sentem juntos e se relacionem.



FIGURA 5.11 – Refeitório do Generator Hostel Berlim. **FONTE:** GENERATOR HOSTEL BERLIM MITTE (2016).

5.2.5. Bar

O bar é o principal ambiente de integração de moradores / hóspedes. Ele pode ser aberto ao público em geral e auxilia na viabilidade econômica do projeto. Como já visto no capítulo de análise da realidade, Curitiba não possui nenhum estabelecimento do tipo *hostel* que funcione integrado com um bar estruturado. Também já analisado, foi o interesse do público jovem nesse tipo de estabelecimento.

Segundo Panero e Zelnik (1996), os bares são capazes de proporcionar sociabilidade, o que é propiciado pelas diferenças culturais e pela densidade e aproximação dos assentos, que podem influenciar na interação social dos clientes. Ao mesmo tempo, é necessário um espaço livre adequado para circulação.

O pré-dimensionamento do espaço foi realizado com base em bares já existentes que possuem proporções adequadas ao projeto, como o Bar Flask, do arquiteto Alberto Caiola, localizado em Xangai, na China. Segundo o site ArchDaily (2015), o local de 130 m² (incluindo cozinha e bar de sanduíches) possui diversos detalhes contemporâneos, como mobiliários minimalistas encostados nas paredes sem revestimentos, paredes e pisos de concreto aparente, além de um teto dramático, com uma inclinação assimétrica que cria uma cena pouco convencional e que inspira curiosidade no espaço.



FIGURA 5.12 – Bar Flask. **FONTE:** ARCHDAILY (2015).

A disposição é livre de divisórias, onde todos os clientes podem se encontrar no mesmo local. O acesso à cozinha também é fácil e possibilitaria a integração com outro ambiente de um *hostel*, como o refeitório.

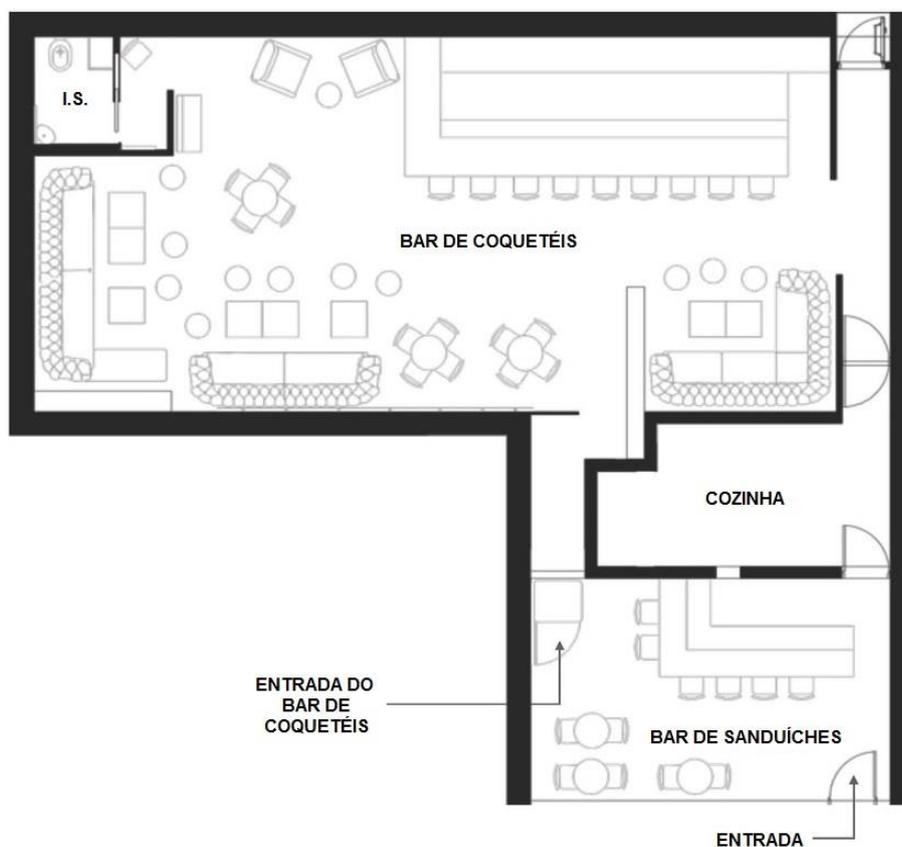


FIGURA 5.13 – Planta baixa do Bar Flask. **FONTE:** ARCHDAILY (2015).

É de interesse da autora para a proposta que o bar possua uma linguagem elegante e ao mesmo tempo informal, com detalhes metálicos, materiais aparentes e iluminação de acordo com a atmosfera desejada, podendo propor locais mais intimistas ou menos, como ocorre no bar do Generator Hostel Paris.



FIGURA 5.14 – Bar do Generator Hostel Paris. **FONTE:** GENERATOR PARIS (2016).

O mesmo cuidado é dado ao mobiliário, para que seja confortável, ergonômico e adequado, assim como pode ser colorido, dando um caráter mais lúdico ao ambiente, como o bar do Generator Hostel Londres.

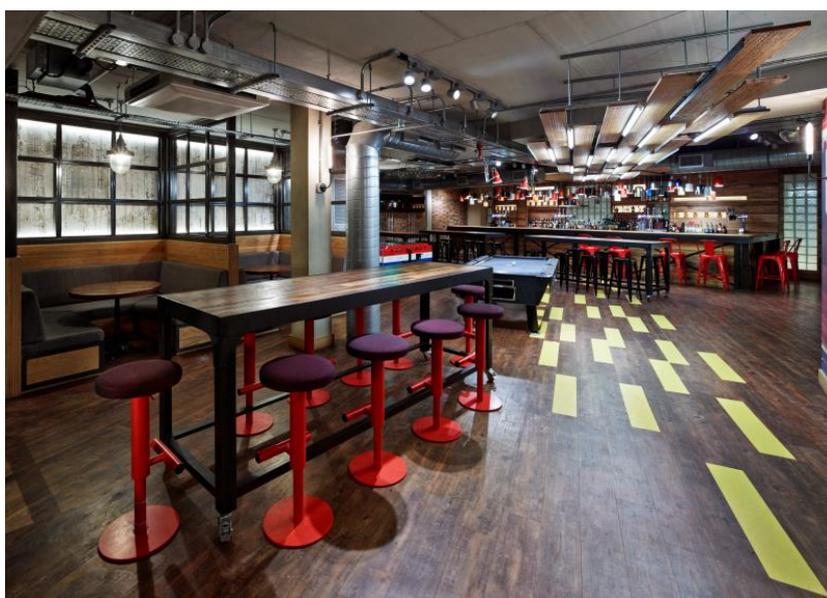


FIGURA 5.15 – Bar do Generator Hostel Londres. **FONTE:** MY SUITES & CO. (2016).

5.2.6. Dormitórios

Como previsto no Manual de Abertura de Hostel da Hostelling International (2016), serão mais de 40, garantindo, assim, a viabilidade econômica do estabelecimento. Além disso, serão propostos dormitórios de tipologias variadas, tanto coletivos como privativos, além de dormitórios divididos por sexo, afim de garantir o bem-estar dos hóspedes. O dimensionamento dos quartos poderá variar das dimensões previstas no Manual, de maneira que se adequem melhor ao edifício, mas garantindo espaço, conforto, fácil circulação e privacidade para os hóspedes. Em relação à iluminação, devem ser voltados para leste ou norte, dependendo da melhor implantação do edifício no terreno.

Os mobiliários dos dormitórios poderão seguir a mesma linguagem da arquitetura do *hostel*, propondo-se peças projetadas especialmente para o projeto, como ocorre nas referências a seguir.



FIGURA 5.16 – Dormitório do Generator Hostel Berlim. **FONTE:** GENERATOR HOSTEL BERLIM (2016).

Na conformação espacial dos dormitórios com banheiro privativo, uma boa maneira de garantir o uso das instalações sanitárias por todos os hóspedes é propor a pia externa ao banheiro, como ocorre no Generator Hostel de Amsterdam. Quanto ao chuveiro e o sanitário, podem ser independentes também, possibilitando que um uso não interfira no outro.



FIGURA 5.17 – Dormitório do Generator Hostel Amsterdam. **FONTE:** GENERATOR AMSTERDAM (2016).

O mobiliário pode ser flexível, como ocorre no Viva Hostel Design em São Paulo. Os beliches são estruturas fixas feitas com blocos de concreto que dialogam com a linguagem geral do *hostel* (figura 5.18), e as camas possuem trilhos de encaixe para divisórias, conforme a demanda de uso (figura 5.19). Isso permite que se tornem camas de casal ou duas individuais.

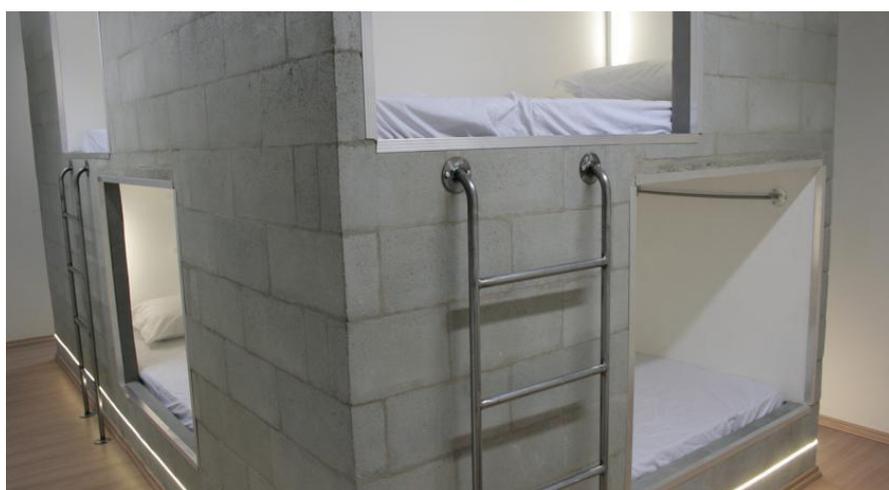


FIGURA 5.18 – Camas do Viva Hostel Design. **FONTE:** BOOKING (2016).



FIGURA 5.19 – Detalhe de camas do Viva Hostel Design. **FONTE:** BOOKING (2016).

Com base nas informações pesquisadas, foram analisadas algumas disposições de mobiliários em dormitórios, afim de definir o que permite maior interação entre hóspedes. A análise de tipologias foi feita com base em um dormitório de seis leitos (três beliches) sem banheiro privativo com a medida prevista por leito no Manual de Abertura de Hostel (2016).



FIGURA 5.20 – Tipologias de dormitório. **FONTE:** A AUTORA (2016).

Buscou-se assinalar as possibilidades de visibilidade e, conseqüentemente, interação entre hóspedes dentro de cada tipologia. Como pode-se verificar, as tipologias 1, 2 e 5 são as que permitem esse maior relacionamento, uma vez que as

camas estão dispostas em volta de um espaço livre central, que unifica o ambiente e mantém a privacidade dos usuários. Tipologias como a 3, 4 e 6 incentivam o isolamento espacial de parcela dos hóspedes, além de, no caso 4, o beliche central possuir menos privacidade que os demais.

5.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O programa de necessidades, em conjunto com o pré-dimensionamento, foi pensado a partir da ponderação de informações contidas no Manual de Abertura de Hostel (2016), das medidas presentes nos correlatos, do livro *Las Dimensiones em los Espacios Interiores* (1996) e do Neufert (2010), adotando medidas mínimas para cada ambiente. Foi separado em três setores e foi acrescentado 10% da área total em circulação.

5.3.1. Espaços sociais

ESPAÇOS SOCIAIS	QUANTIDADE	ÁREA
HALL DE ENTRADA	1	20,00
ÁREAS DE CONVIVÊNCIA	X	81,00
COZINHA COLETIVA	1	12,00
REFEITÓRIO	1	36,00
BANHEIRO SOCIAL	2	3,00
BAR	1	100,00
ÁREA TOTAL		255 + 10% = 280,5m ²

QUADRO 5.1 – Pré-dimensionamento de espaços sociais. **FONTE:** A AUTORA (2016).

5.3.2. Espaços administrativos

ESPAÇOS ADMINISTRATIVOS	QUANTIDADE	ÁREA
RECEPÇÃO	1	4,80
ESCRITÓRIO ADM	1	4,00
ÁREA TOTAL		8,80 + 10% = 9,7 m ²

QUADRO 5.2 – Pré-dimensionamento espaços administrativos. FONTE: A AUTORA (2016).

5.3.3. Setor de dormitórios

Foram propostos 68 leitos, em uma quantidade de dormitórios que poderá ser modificada durante a realização do projeto, afim de se adequar o melhor possível ao edifício como um todo.

SETOR DE DORMITÓRIOS	QUANTIDADE	ÁREA (m²)
QUARTO CASAL COM I.S.	2	8,00
QUARTO DUPLO	2	5,60
QUARTO FAMÍLIA (4 LEITOS) COM I.S.	2	16,00
QUARTO 4 LEITOS COLETIVO	2	11,20
QUARTO 6 LEITOS FEMININO	2	16,80
QUARTO 6 LEITOS COLETIVO	2	16,80
QUARTO 6 LEITOS COLETIVO	2	16,80
QUARTO 8 LEITOS COLETIVO	2	22,50
I.S. COMPARTILHADO FEMININO	2	9,00
I.S. COMPARTILHADO MASCULINO	2	9,00
ÁREA TOTAL		263,4 + 10% = 290 m ²

QUADRO 5.3 – Pré-dimensionamento dormitórios. FONTE: A AUTORA (2016).

5.3.4. Serviços e apoio

SERVIÇOS E APOIO	QUANTIDADE	ÁREA
QUARTO FUNCIONÁRIOS	1	16,80
I.S. SERVIÇO	1	3,80
LOCKER	1	3,50
COZINHA SERVIÇO (COPA)	1	9,00
D.M.L.	1	4,00
ROUPARIA	1	3,50
DESPENSA	1	4,00
LAVANDERIA	1	2,00
BANHEIRO BAR	2	3,00
ÁREA TOTAL		52,6 + 10% = 57,9m ²

QUADRO 5.4 – Pré-dimensionamento espaços de serviços e apoio. **FONTE:** A AUTORA (2016).

5.3.5. Estacionamento

Segundo o Decreto N.º 212/07, Anexo 1, da Prefeitura Municipal de Curitiba, referente ao Regulamento de Edificações, levando em consideração o *hostel* como Habitação Transitória 1, é previsto uma área destinada à estacionamento, sendo uma vaga para cada 120 m² de área construída, com dimensões mínimas de 2,40mx5,00m, sendo uma vaga para deficientes de 3,50mx5,00 para cada 25 vagas normais. As vagas podem estar localizadas no subsolo do terreno, ocupando sua área total, excluídas as áreas de recuo frontal e de permeabilidade mínima.

5.3.6. Área total

A soma de todas as áreas calculadas é 638 m², mais a área destinada a estacionamento que, nesse caso, totalizaria 77,5 m² (5 vagas comuns e uma para deficiente), somando uma área total de 715,5 m². Essa área permite, dentro de um potencial construtivo máximo de 2324 m² (quadro 4.1), uma ampla variedade de alternativas dentro das taxas permitidas para o terreno proposto, como uso de pé

direito duplo em áreas sociais, ampliação de ambientes destinados à convivência, circulações mais espaçosas e até mesmo o aumento do número de dormitórios. Também permite maior dinamicidade na forma do edifício, como, por exemplo, a possibilidade de balanços estruturais. Projetar com uma área referente ao máximo do potencial construtivo implicaria em menos áreas livres e/ou descobertas, em um edifício sem tanto potencial de se abrir para o entorno, além de que o mesmo possuiria uma escala além das construções próximas, indo contra a preocupação de se respeitar a densidade local atual.

5.4. ORGANOGRAMA

O organograma foi formulado com base em projetos pré-existentes, em obras visitadas e na análise dos correlatos.

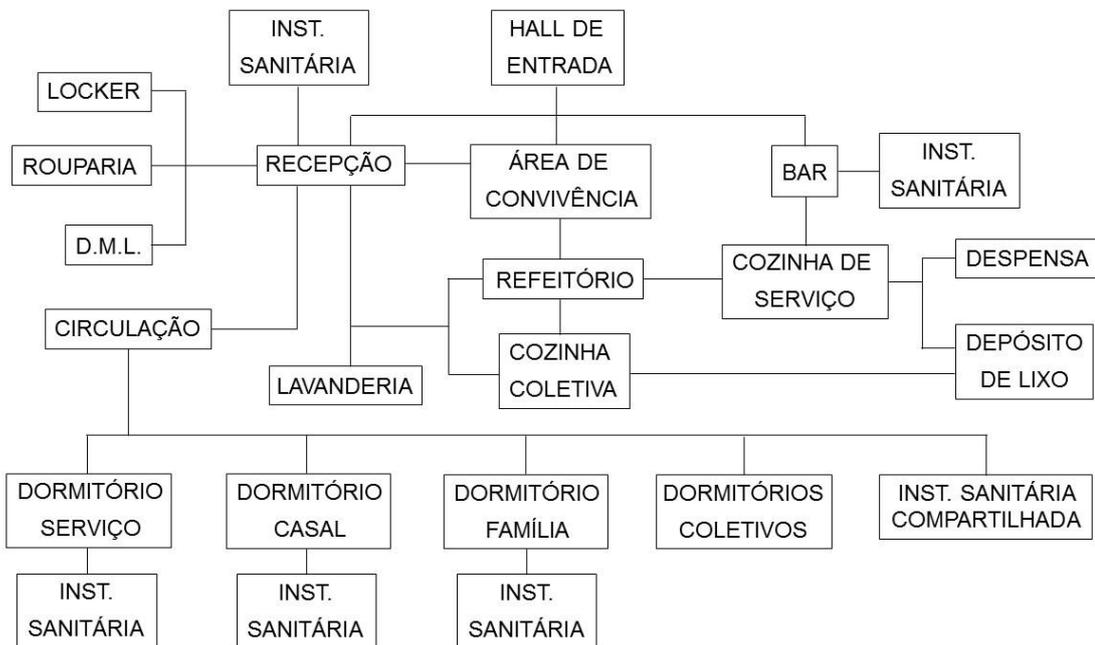


FIGURA 5.21 – Organograma. **FONTE:** A AUTORA (2016).

5.5. CONCEPÇÃO ESTRUTURAL

5.5.1. Estrutura metálica

Em caráter provisório e preliminar, a conformação estrutural pretendida para proposta de projeto futuro se baseia na racionalização. Como pretende-se propor uma estrutura racional com uma estética industrial, imagina-se adotar elementos metálicos modulados, que segundo o Portal Met@lica 2016, “[...] funciona como ferramenta útil a racionalização dos processos de projeto e construção, contribuindo para melhor qualidade dos mesmos.”

Para obter reais benefícios com a estrutura metálica, é necessário conhecer suas propriedades principais. O aço apresenta vantagens em relação a processos construtivos convencionais, como alta resistência a compressão, que é seis vezes maior que a do concreto, alta resistência em relação ao peso próprio, alto módulo de elasticidade, resistência à tração, homogeneidade do produto, entre outras. (PORTAL MET@LICA, 2016).



FIGURA 5.22 – Edifício em estrutura metálica. **FONTE:** PORTAL MET@LICA (2016).

A estrutura metálica permite ser reutilizada e ser expandida. Opta-se por sistemas modulares para que haja o maior aproveitamento possível do produto e barateamento na construção. Sua aplicação é precisa, reduzindo imprevistos na obra ao mínimo. O Portal Met@lica (2016) diz que o Brasil já possui uma qualidade estrutural competitiva do ponto de vista técnico e de custos. Além disso, já existem

produtos com resistência à corrosão e boa aderência à pintura, o que possibilita explorar cores e incrementar o caráter estético da obra.

5.5.2. Fechamento

Também preliminarmente e para garantir a racionalização na obra, foi pensado para o revestimento um elemento pré-fabricado, como os painéis pré-fabricados arquitetônicos de concreto (PPAC).



FIGURA 5.23 – Placas pré-fabricadas em obra. **FONTE:** TÉCHNE (2009).

Os PPAC permitem rapidez na montagem, economia, evita desperdício de material e permite várias formas de acabamento. São fixados na estrutura por meio de dispositivos metálicos. É relevante ressaltar que os painéis podem ser, também, de outros materiais, como placas cimentícias, madeira, metal, PVC ou até mesmo mistura de concretos. Há variações de padrões nos painéis, que podem ser maciços, alveolares, sanduíche ou nervurados. Na proposta em questão, o tipo sanduíche seria o mais indicado, admitir aplicação de isolamentos termo-acústicos. (TÉCHNE, 2011).

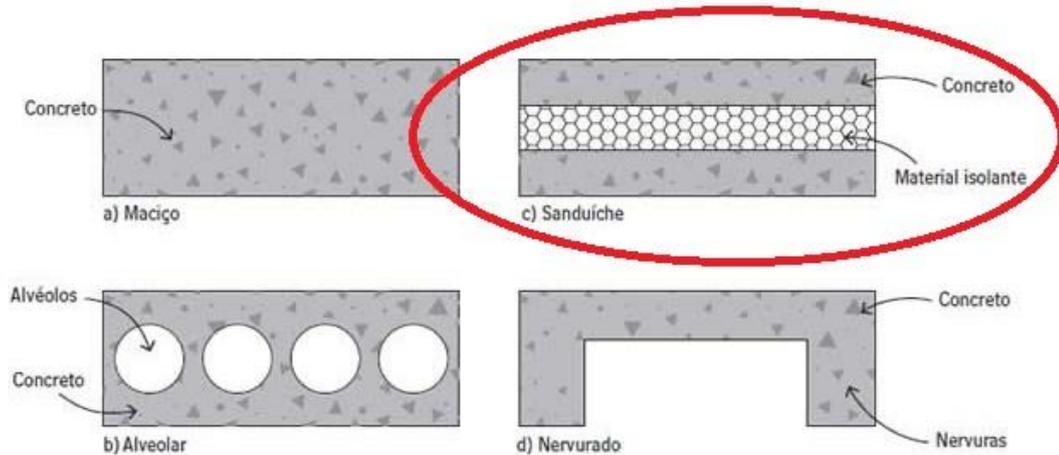


FIGURA 5.24 – Tipologias de painéis pré-fabricados de concreto. **FONTE:** TÉCHNE (2011).

Os painéis podem ser usados sem revestimento, se aproveitando da textura e cor naturais, ou com revestimentos, sendo incorporados ou pintura, aplicados ainda na etapa de montagem. Os cuidados especiais que se deve ter são em relação à planicidade, adaptação às geometrias propostas, resistência a esforços atuantes, resistência termoacústica e leveza, já que é um material consideravelmente estreito em relação às alvenarias, segundo a Téchne (2011). As questões de resistência e segurança do material são determinadas ainda em processo de montagem, por meio de ensaios, o que garante a sua qualidade antes da aplicação.

Como exemplo aplicado dos painéis de concreto em uma estrutura metálica, uma casa de 350 m², projetada pelo escritório Apiacás Arquitetos e projetada em 2014 possui esse sistema construtivo. Segundo os arquitetos, os painéis, que são muitas vezes utilizados em lajes treliçadas, foram empregados como fechamento. Ainda enfatizam que, por serem leves, permitem que os perfis de aço possuam seções menores e, por consequência, diminua o custo da obra. A estrutura metálica utilizada possui perfis “I” e todas suas peças já existem prontas para o comércio, o que facilitou ainda mais a montagem e o preço. [PORTAL MET@LICA, s.d.].



FIGURA 5.25 – Modelo tridimensional de projeto com estrutura metálica e painéis de concreto.
FONTE: PORTAL MET@LICA (2016).

5.5.3. Elementos alternativos

O interesse para a proposta do hostel é trazer elementos para a construção que a diferencie e que ofereça uma estética contemporânea para a mesma. Para isso, a princípio optou-se por trabalhar com a inserção do elemento container, afim de propiciar cor e contraste de elementos.

O container é, segundo o site SustentArqui (2015), um elemento conformado por “[...] uma caixa, feita em aço, alumínio ou fibra, muito bem estruturada para resistir ao uso constante de transporte de mercadorias de diversos tipos. É resistente a chuva, incêndio e outras intempéries [...]”. O site diz que a vida útil da estrutura possui uma média de 92 anos. Segundo a Delta Containers (2016), os containers comercializados para construções são feitos de aço corten, e sua estrutura é projetada para suportar até 190 toneladas.

O caráter sustentável do container está baseado no fato de que existe um excedente deles parado nos portos sem um uso de destino e que, quando reaproveitados na construção, deixam de ser desperdiçados na natureza. Suas vantagens são a redução de entulhos no local de obra, rapidez na construção,

reutilização de matérias, redução de recursos naturais, facilidade de transporte, durabilidade, raramente requer fundações ou terraplanagem e auxilia na permeabilidade do terreno, uma vez que o solo e lençóis freáticos são respeitados. Em contrapartida, é necessário espaço no local para manobrar o transporte dos containers, necessita mão-de-obra especializada, cuidados especiais na qualidade térmica e acústica, deve-se ter cuidado em saber se o material antes transportado não era contaminante, é necessário tratar o material para prevenir ferrugem e é possível que a pintura e selantes usados na fabricação façam mal à saúde. Entretanto, é importante mencionar que muitas empresas que revendem os containers realizam todos os cortes, reforços estruturais e tratamentos térmico e acústicos necessários, além de apenas trabalharem com produtos que não tiveram contato com substâncias prejudiciais. (SUSTENTARQUI, 2015).



FIGURA 5.26 – Containers ainda no porto. **FONTE:** ACIEG (2016).

Segundo o site Hometeka (2014), as medidas costumam ser em pés, variando entre 20 e 40. Os de 20 apresentam 6 x 2,4 x 2,6 metros e os de 40 variam em 12 x 2,4 x 2,6 metros e 12 x 2,4 x 2,9 metros. O encaixe é feito por um sistema de engate, ou podem ser combinados, cortando o piso, paredes ou teto para criar aberturas ou novas conexões. E o limite de resistência estrutural costuma ser de 5 containers, caso contrário, necessitam ser feitos cálculos e reforços estruturais adicionais. Sobre as instalações, são feitas a partir de um sanduíche entre a estrutura original do container

e placas de cimento, OSB ou dry-wall. Entre as duas superfícies são colocados os isolamentos, que podem variados, e todas as instalações necessárias. Os revestimentos internos podem receber os mais variados tipos de acabamentos.

Por fim, é necessário esclarecer que obras com containers possuem uma imensa variedade de volumetrias possíveis, com grandes balanços ou com estruturas cruzadas, elevando o potencial estético e arquitetônico desse elemento, como pode ser verificado nas imagens a seguir.



FIGURA 5.27 – Loja em container. **FONTE:** CONTAINER S.A.



FIGURA 5.28 – Casa e escritório em container. **FONTE:** MINHA CASA CONTAINER (2015).

5.6. POSSIBILIDADES DE IMPLANTAÇÃO

Foram pensadas propostas, ensaios preliminares, para implantação do projeto visando manter a ala de dormitórios voltada para leste ou norte, afim de garantir uma melhor qualidade térmica nos ambientes. Será definido se os dormitórios estarão presentes nos pavimentos superiores e destinar todo o térreo para usos gerais, ou se serão propostos também no térreo, garantindo o acesso de pessoas com mobilidade reduzida sem necessitar do uso de elevadores. Também foram mantidos os acessos para o bar e a entrada principal na Rua Inácio Lustosa, por ser a de maior movimento e visibilidade. Um aspecto que foi determinado para as implantações foi a questão da existência do pátio, como espaço principal de convivência e que garante a melhor percepção do hóspede do edifício como um todo.

Segundo Capitel (2005), o pátio é um elemento que marcou a história da arquitetura, desde a antiguidade até os dias atuais. Também é um modo de projetar universal, que possibilita inúmeras composições e variações. Para o autor, “o pátio, como modo de habitação, como sistema, pode se definir como um tipo e, até mesmo, algo além disso: um arquétipo sistemático e versátil, capaz de propiciar uma grande

quantidade de usos, formas, tamanhos, estilos e características diferentes.” (p.6, traduzido pela autora).

Ainda conforme o autor citado, o pátio centraliza a atenção do edifício, se tornando elemento essencial no ordenamento estrutural. Ele possibilita trabalhar a questão da visibilidade e da relação interior / exterior. Sobre isso, Peter Zumthor (2009) ressalta que o principal trabalho da arquitetura está baseado na relação do indivíduo com o público, que foi o que buscou-se ao propor uma conformação espacial seguindo essas premissas.

5.6.1. Ensaio de implantações possíveis

Na primeira proposta buscou uma implantação em “C” voltada para a rua, que possibilita aumentar a visibilidade do edifício para a mesma e reforçar sua relação com o entorno. Nela, a ala de dormitórios, que possui suas faces voltadas para leste, conectam os demais usos.

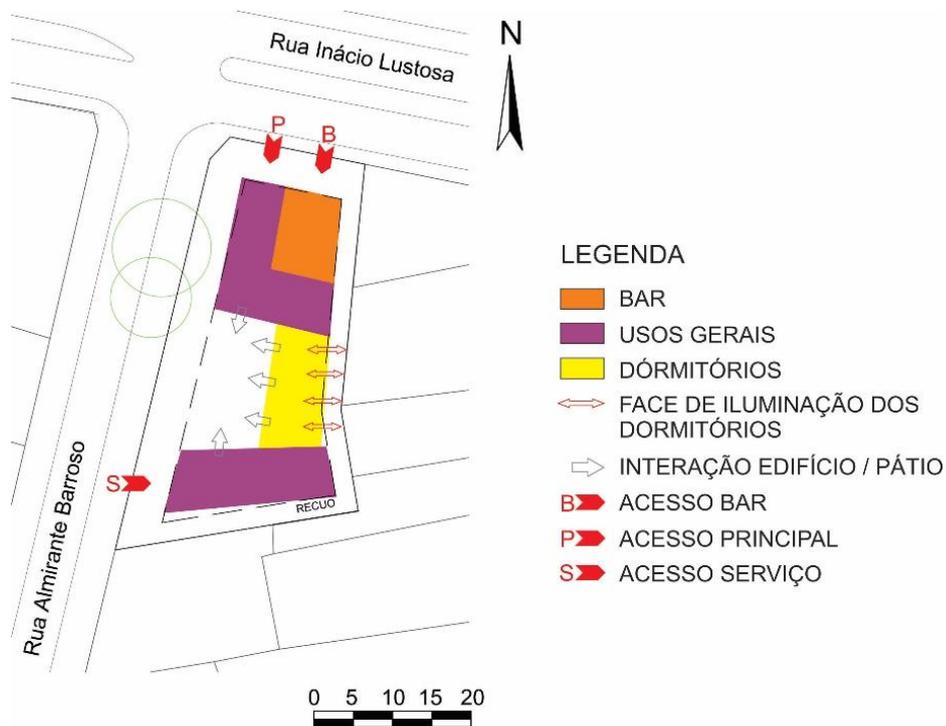


FIGURA 5.29 – Proposta 1 de implantação. FONTE: A AUTORA (2016).

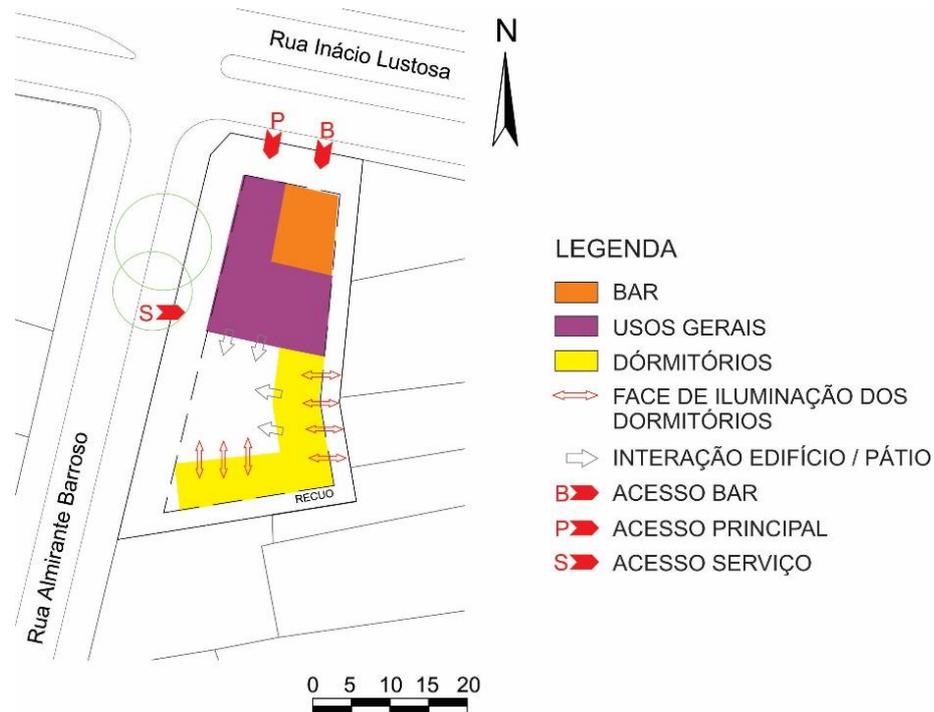


FIGURA 5.30 – Proposta 2 de implantação. **FONTE:** A AUTORA (2016).

A segunda proposta mantém a mesma forma de implantação da primeira, com a diferença de que todos os usos estão localizados em um mesmo setor, o que facilita questões de acessos de serviço. Os dormitórios estão voltados tanto a leste como ao norte. Essa tipologia possibilita uma maior inserção de dormitórios no projeto.

Já a terceira proposta possui uma implantação diferente, com um pátio central fechado pelo edifício. Nela os dormitórios estão voltados para leste e os demais usos circundam o pátio. Essa tipologia, para que fosse mantida a visibilidade e relação com a rua, deveria ter elementos vazado ou até mesmo um bloco suspenso, deixando o terreno da face na rua Inácio Lustosa totalmente livre.

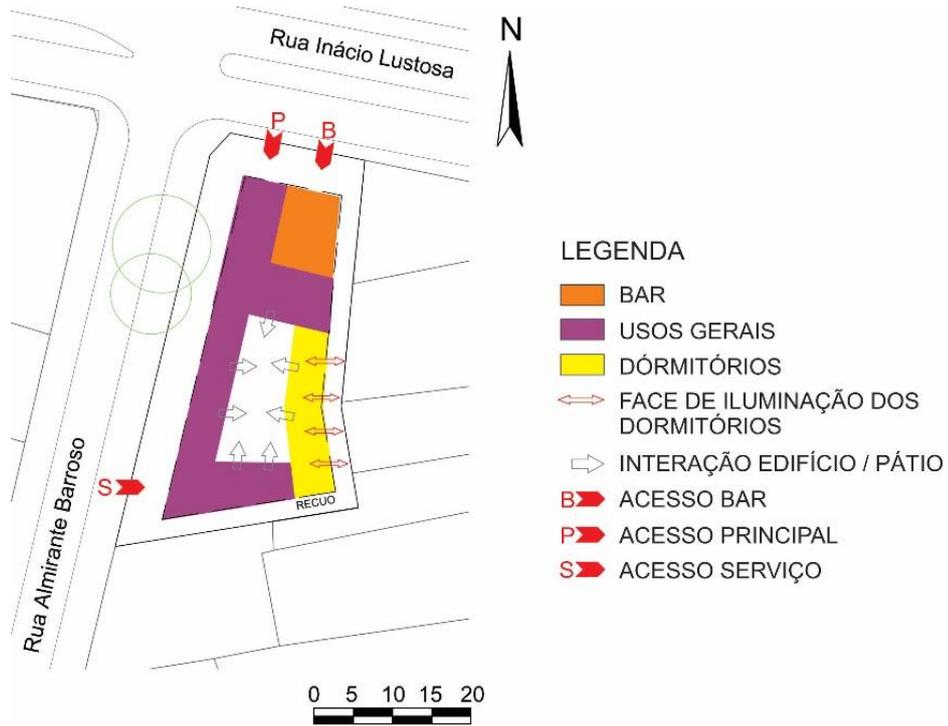


FIGURA 5.31 – Proposta 3 de implantação. FONTE: A AUTORA (2016).

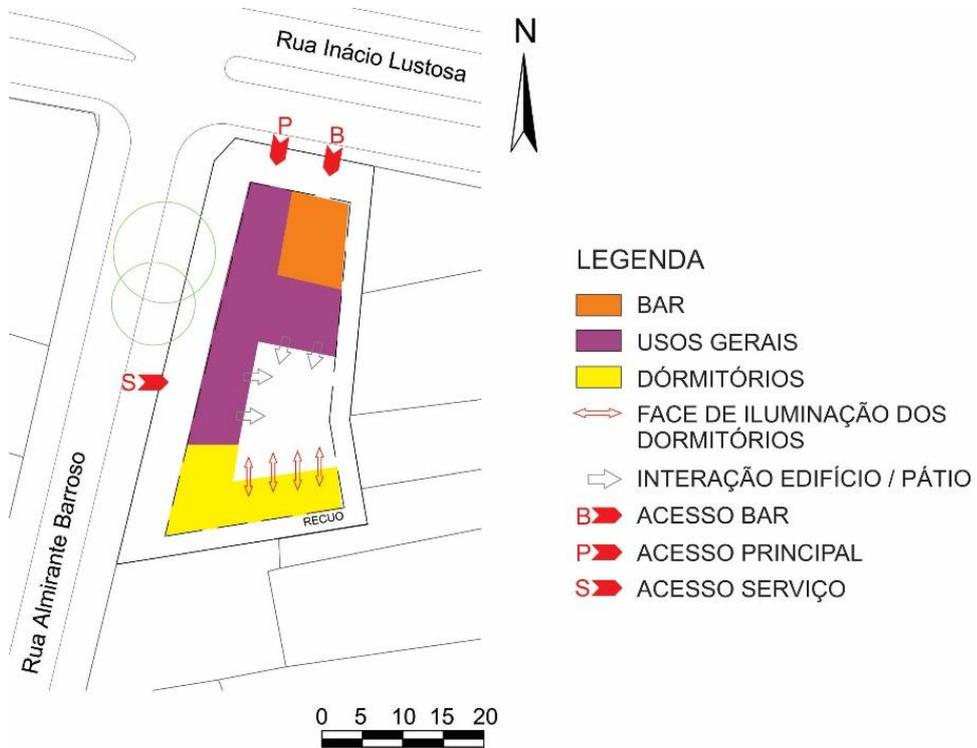


FIGURA 5.32 – Proposta 4 de implantação. FONTE: A AUTORA (2016).

A quarta proposta possui implantação em “C”, porém voltada para oeste. Nesse caso também teriam que ser trabalhados elementos vazados, como dito na terceira proposta. Nele os dormitórios estão voltados para norte e conectam os demais usos, como ocorre no primeiro caso.

Por fim, a quinta tipologia proposta mantém a ideia da ala de dormitórios conectando os demais usos, porém localizadas a oeste do terreno e voltadas para o leste, com vista para o pátio. Essa tipologia permitiria buscar a relação visual dos hóspedes com o entorno permitindo visibilidade da circulação dos dormitórios para a rua.

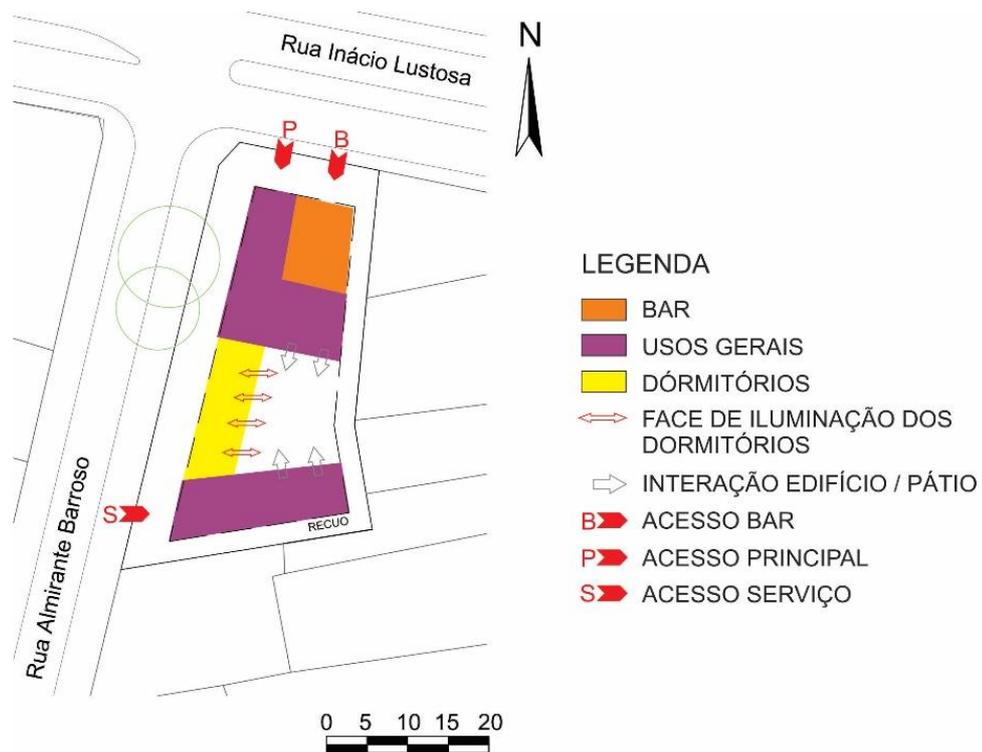


FIGURA 5.33 – Proposta 5 de implantação. **FONTE:** A AUTORA (2016).

5.6.2. Ponderações

Com base nas propostas, é possível determinar seus prós e contras. Quanto ao aspecto de disposição de usos, as propostas que reúnem toda a parte de usos gerais possibilitam maior facilidade na concepção do projeto, sendo as propostas 2, 3 e 4. Isso permite a concentração dos dormitórios em um único setor e, conseqüentemente, a utilização do restante da área utilizável para o restante dos ambientes, favorecendo a conexão entre os mesmos. Já em relação ao acesso de serviço, são mais vantajosas as que permitem seu funcionamento o mais próximo possível na divisa sul do terreno, como ocorre nas propostas 1, 3 e 5. Isso permite que serviços de abastecimento ou carregamentos sejam feitas da maneira mais discreta possível. Ponderações relacionadas à relação com o entorno e iluminação natural serão feitas no item 5.7.2, referente às volumetrias.

5.7. PROPOSTAS VOLUMÉTRICAS

Foram propostos três tipos de volumetria, que partiram de uma ponderação das implantações propostas. Buscou-se representar o edifício em seu estádio mais rígido e com maior potencial construtivo dentro do respeito com o entorno, não considerando nessa etapa aberturas, possíveis balanços ou estruturas pendentes. Peter Zumthor (2009, p. 61) diz: “Uma das ideias preferidas é a seguinte: pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se. [...]”. Essa metodologia pode ser aplicada em etapa de projeto para a presente proposta.

A volumetria foi feita adotando três pavimentos, porém o potencial máximo construtivo do terreno, caso usado em sua totalidade em todos pavimentos, permite até quatro. Se não, permite até seis, o que implicaria em uma volumetria que destoaria do entorno.

5.7.1. Ensaio de volumetrias possíveis

A primeira proposta de volumetria segue a premissa do edifício funcionando em torno de todo o pátio. Essa configuração necessitaria propor elementos vazados e diferenças de alturas entre os blocos afim de permitir a melhor insolação no interior da construção e a melhor circulação de ar.

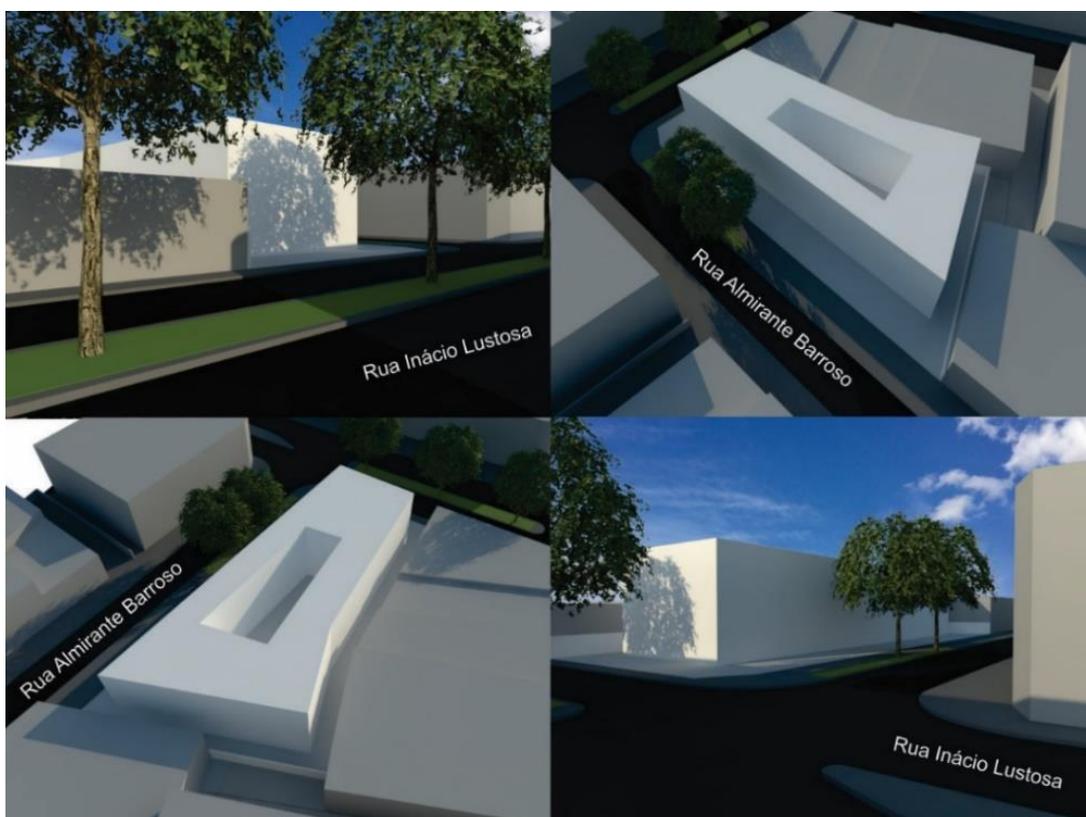


FIGURA 5.34 – Proposta 1 de volumetria. **FONTE:** A AUTORA (2016).

A segunda proposta é com base na configuração em “C” aberta para a rua, na qual o pátio poderia ser visualmente uma extensão da mesma, apenas com elementos que permitissem a segurança do espaço sem ser “agressivas” com o entorno (como muros fechados, grades etc).

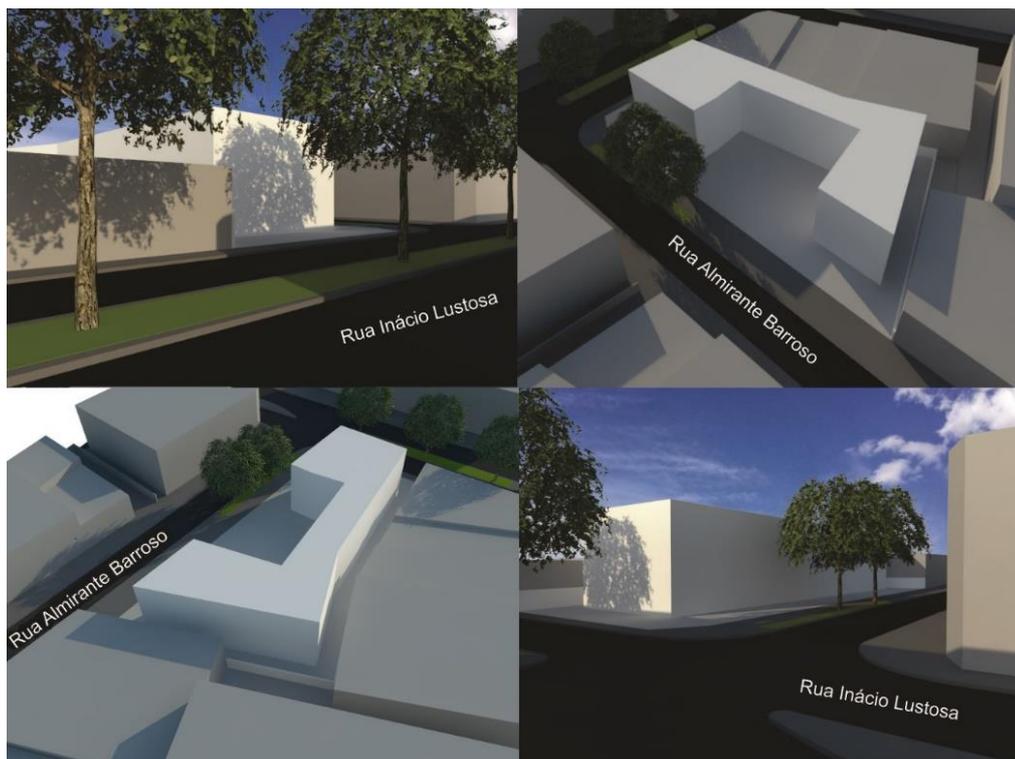


FIGURA 5.35 – Proposta 2 de volumetria. **FONTE:** A AUTORA (2016).

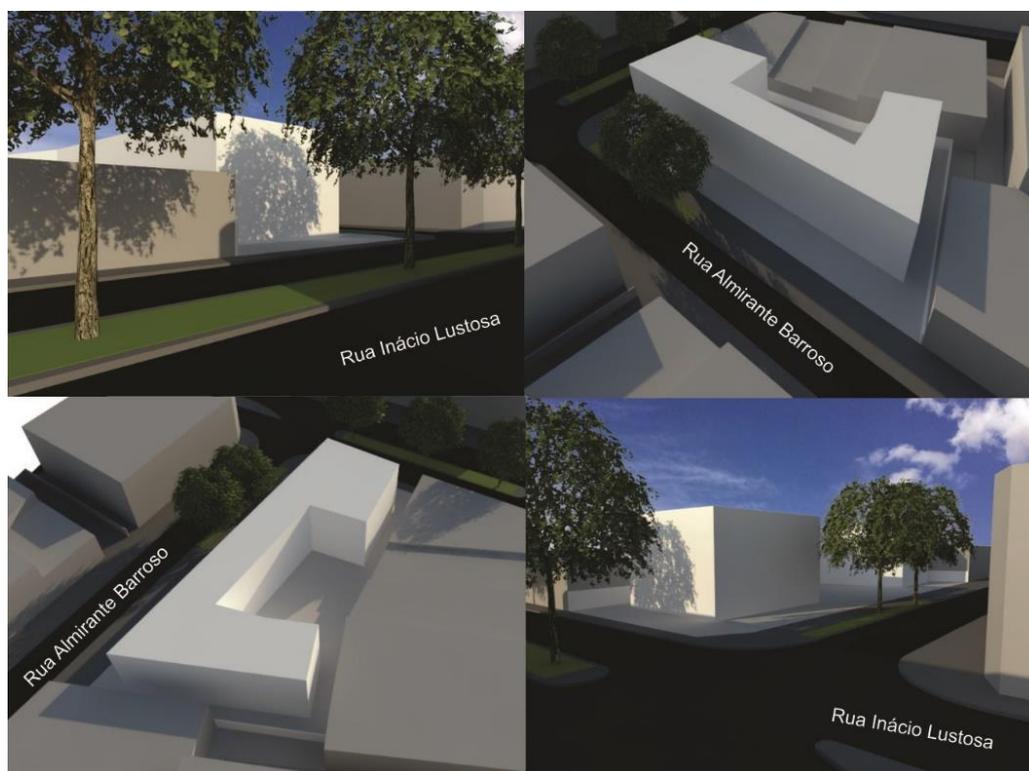


FIGURA 5.36 – Proposta 3 de volumetria. **FONTE:** A AUTORA (2016).

A terceira proposta também possui configuração em “C”, só que voltada para dentro do terreno. Neste tipo de implantação também necessita-se propor elementos vazados ou métodos que permitam uma maior permeabilidade visual.

5.7.2. Ponderações

Sobre as propostas volumétricas, foram feitas ponderações em relação as vantagens e desvantagens que apresentam. A primeira proposta é vantajosa em relação ao número de possibilidades de disposição de usos que possibilita e por reforçar a interação do edifício com o pátio como área social. Em contrapartida, pela área do terreno e a altura do edifício, a iluminação natural pode ser prejudicada. Na segunda proposta, as vantagens estão na permeabilidade visual do terreno e na relação que ela permite do edifício com o entorno. Já na terceira proposta, a iluminação no pátio seria favorecida pela manhã, porém o edifício se torna o divisor do espaço social principal com o entorno.

5.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas durante a pesquisa, foram desenvolvidas as diretrizes apresentadas neste capítulo, afim de fomentar o melhor desenvolvimento de um anteprojeto de um *hostel* em Curitiba, a ser realizado em sequência no próximo semestre, na última etapa do Trabalho Final de Graduação.

6. REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. **Albergue iD Town / O-office Architects**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/763650/albergue-id-town-o-office-architects>>. Acesso em: 04 out. 2016.

ARCHDAILY. **Bar Flask - The Press / Alberto Caiola**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/767041/flask-the-press-alberto-caiola>>. Acesso em: 18 out. 2016.

ARCHDAILY. **Ccasa Hostel / TAK architects**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/799222/ccasa-hostel-tak-architects>>. Acesso em: 06 out. 2016.

ARCHDAILY. **Stayokay Hostel Soest / Personal Architecture**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com/240155/stayokay-hostel-soest-personal-architecture-bna>>. Acesso em: 03 out. 2016.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ALBERGUES DA JUVENTUDE. **História dos hostels**. Disponível em: <<http://www.alberguesp.com.br/historia.asp>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

CAMPOS, José Ruy Veloso Campos. **Introdução ao universo da hospitalidade**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

CAPITEL, Antón. **La Arquitectura del Patio**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade: na perspectiva da gastronomia e da hotelaria**. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 1 ed., 2005.

COLA DA WEB. **Feudalismo**. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/historia/feudalismo>>. Acesso em 17 out. 2016

CURITIBA SPACE. Disponível em: < <http://curitibaspace.com.br/bairro-sao-francisco/>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

DELÂMINAS. **OSB Masisa**. Disponível em: <<http://www.delaminas.com.br/loja/products/OSB-Masisa.html>>. Acesso em: 16 out. 2016

DELTA CONTAINERS. **Dúvidas frequentes**. Disponível em: <<http://www.deltacontainers.com.br/duvidas-frequentes>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

DESIGNBOOM. **O-office renovates immigrant dormitory into colorful youth hotel**. Disponível em: <<http://www.designboom.com/architecture/o-office-youth-hotel-1-11-2015/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. **Significado de Albergue**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/albergue>>. Acesso em 24 set. 2016.

DIVISARE. **O-office Architects / Youth Hotel at iD Town**. Disponível em: <<https://divisare.com/projects/281262-o-office-architects-youth-hotel-of-id-town>>. Acesso em: 04 out. 2016.

EMBRATUR. **Perguntas frequentes**. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/perguntas_frequentes/categorias.html>. Acesso em: 24 set. 2016.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da Juventude**. Barueri, SP: Manole, 2003.

EMBRATUR. **Regulamento geral dos meios de hospedagem**. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/anavelasque/regulamento-geral-dos-meios-de-hospedagem>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

HOMETEKA. **8 dicas de arquitetura e construção com containers**. Disponível em: <<https://www.hometeka.com.br/inspire-se/8-dicas-de-arquitetura-e-construcao-com-containers/>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

HOSTELLING INTERNATIONAL ARGENTINA. **O que são hostels?**. Disponível em: <<http://po.hostels.org.ar/Faq/Que-son-los-Hostels>>. Acesso em: 16 out. 2016.

HOSTELLING INTERNATIONAL BRASIL. **Associações estaduais e FBAJ**. Disponível em: <<http://www.hihostelbrasil.com.br/associacoes.html>>. Acesso em: 24 out. 2016.

HOSTELLING INTERNATIONAL BRASIL. **Manual de Abertura de Hostel**. 6 ed., 2016.

HOSTELLING INTERNATIONAL BRASIL. **Movimento Alberguista, 104 anos de história**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/hi-hostel-brasil/movimento-alberguista-104-anos-de-hist%C3%B3ria/286662774809680/>>. Acesso em: 16 out. 2016.

IBGE. **Paraná**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410690&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 31 out. 2016.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. **Pesquisa de demanda turística, perfil e opinião**. Disponível em: <<http://multimedia.turismo.curitiba.pr.gov.br/2014/10/pdf/00000328.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2016.

IPPUC. **A cidade que queremos**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/planodiretor2014/arquivos/oficinas/MZ%20-%20A%20CIDADE%20QUE%20QUEREMOS_opt.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2016.

IPPUC. **Mapas - Regionais**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=351&idioma=1&liar=n%E3o>>. Acesso em: 31 out. 2016.

IPPUC. **Nosso Bairro/São Francisco.** Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/02-S%C3%A3o%20Francisco.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

MACHADO, Flávia Carvalho. **Casas de Pasto: Presença na Proto-História do Turismo no Rio Grande do Sul.** Publicado em: Rosa dos Ventos. Vol. 4, no. 2. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2635/pdf_252>. Acesso em 17 out. 2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem.** Disponível em: <<http://www.classificacao.turismo.gov.br/MTUR-classificacao/mtur-site/Entenda?tipo=1>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

MOREIRA, Sueli Aparecida. **Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos.** Publicado em: Ciência e Cultura. vol. 62, no.4. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400009>. Acesso em: 18 nov. 2016.

NEUFERT, Ernst. **Neufert: arte de projetar em arquitetura.** 17 ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

NISSIDE, Karin. Arquiteta responsável pelo Tetris Container Hostel. **Entrevista concedida à autora.** Foz do Iguaçu, 01 out. 2016.

OLIVEIRA, Isadora Decorato; FALCÃO, Adriano da Silva. **O “Hostel” como um novo meio de hospedagem e sua vertente sustentável.** Publicado em: Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria. p. 49 – 56, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/821/763>>. Acesso em: 19 out. 2016.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Las Dimensiones en los Espacios Interiores.** Mexico: Gustavo Gili, 1996 [1979].

PERSONAL ARCHITECTURE. **Stayokay Soest**. Disponível em: <<http://www.personal-architecture.nl/projecten/077/index.html>>. Acesso em: 03 out. 2016.

PORTAL BRASIL. **Empresa Brasileira de Turismo (Embratur)**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/conteudos-excedentes/empresa-brasileira-de-turismo-embratur/entidades/empresa-brasileira-de-turismo-embratur>>. Acesso em: 16 out. 2016.

PORTAL EDUCAÇÃO. **O papel do Ministério do Turismo enquanto Organização Nacional Pública**. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/turismo-e-hotelaria/artigos/33866/o-papel-do-ministerio-do-turismo-enquanto-organizacao-nacional-publica>>. Acesso em: 25 set. 2016.

PORTAL MET@LICA. **Lar novo lar**. Disponível em: <http://www.metlica.com.br/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=88&id_jornal=6467&id_noticia=10212>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PORTAL MET@LICA. **Modulação Arquitetônica para Projetos em Estruturas Metálicas**. Disponível em: <<http://wwwo.metlica.com.br/modulacao-arquitetonica-para-projetos-em-estruturas-metalicas>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PREFEITURA BELO HORIZONTE. **A questão da idade no Estatuto da Juventude**. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=99028&pIdPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 29 out. 2016.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Subprefeituras e Bairros**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/o-que-sao-subprefeituras/80>>. Acesso em: 31 out. 2016.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Consulta para fins de alvará de construção, subdivisão ou unificação.** Acesso em: < http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/gam_form.asp>. Acesso em 30 out. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Decreto n.º 212, de 29 de março de 2007, Aprova o regulamento de edificações.** Prefeitura de Curitiba, Curitiba, PR, 29 mar. 2007, p. 41. Anexo 1.

SÓ HISTÓRIA. **As cruzadas.** Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/cruzadas/>>. Acesso em: 17 out. 2016.

STAYOKAY HOSTEL SOEST. Disponível em: <<https://www.stayokay.com/en/hostel/soest>>. Acesso em: 03 out. 2016.

2030 STUDIO. **Como entender as regras básicas da arquitetura em Curitiba.** Disponível em: <<http://2030studio.com/arquitetura-em-curitiba/>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SUSTENTARQUI. **Construção em contêiner: Vantagens e desvantagens.** Disponível em: < <http://sustentarqui.com.br/dicas/construcao-em-conteiner/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TÉCHNE. **Fachadas montadas.** Disponível em: < <http://techne.pini.com.br/engenharia-civil/179/artigo285916-1.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TÉCHNE. **Painéis estruturais pré-moldados de concreto armado.** Disponível em: < <http://techne.pini.com.br/engenharia-civil/149/artigo287677-1.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TECHTUDO. **A história do Tetris.** Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/08/historia-do-tetris.html>>. Acesso em: 16 out. 2016.

TETRIS CONTAINER HOSTEL. Disponível em: <<http://tetrishostel.com.br/tetris/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

THE CITIES. **Economia de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.thecities.com.br/Brasil/Paran%C3%A1/Curitiba/economia/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**: Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 1 ed., 2009.

7. FONTES DE ILUSTRAÇÕES

ACIEG. **Exportações brasileiras lideram queda em 2014.** Disponível em: <<http://acieg.com.br/exportacoes-brasileiras-lideram-queda-em-2014-entre-30-principais-economias/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

ALCHETRON. **Richard Schirrmann.** Disponível em: <<http://alchetron.com/Richard-Schirrmann-1236423-W>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

ARCHDAILY. **Albergue iD Town / O-office Architects.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/763650/albergue-id-town-o-office-architects>>. Acesso em: 04 out. 2016.

ARCHDAILY. **Bar Flask - The Press / Alberto Caiola.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/767041/flask-the-press-alberto-caiola>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ARCHDAILY. **Ccasa Hostel / TAK architects.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/799222/ccasa-hostel-tak-architects>>. Acesso em: 06 out. 2016.

ARCHDAILY. **Hostel La Buena Vida / ARCO Arquitectura Contemporánea.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/271652/hostel-la-buena-vida-arco-arquitectura-contemporanea>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ARCHDAILY. **Stayokay Hostel Soest / Personal Architecture.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/240155/stayokay-hostel-soest-personal-architecture-bna>>. Acesso em: 03 out. 2016.

BOOKING. Generator Hostel London. Disponível em: <http://www.booking.com/hotel/gb/thegenerator.pt-br.html?aid=318615;label=Portuguese_Brazil_PT_BR_29561967145-irx7NXmmfofTxKvqWR0F4wS113415665665%3Apl%3Aa%3Ap1%3Ap2%3Aac%3Aap1t1%3Aneg%3Afi%3Atiaud-146342138710%3Adsa-206308680745%3Alp1001634%3Ali%3Adec%3Adm;sid=9f44d74a0905e9f59847dc9bab575214;dest_id=-2601889;dest_type=city;dist=0;room1=A%2CA;sb_price_type=total;srfid=896c13997048cf4c73f893d36498663105c6edc5X1;type=total;ucfs=1&>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BOOKING. Viva Hostel Design. Disponível em: <<http://www.booking.com/hotel/br/viva-hostel-design.pt-br.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

COLLIDER. Tetris. Disponível em: <<http://collider.com/tetris-movie/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

CONTAINER S.A. Loja Container da Puma. Disponível em: <<http://www.containersa.com.br/2014/03/loja-container-da-puma-5-modelos-e.html>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CRIS MARQUES. Hostel: opção de viagem que permite interação com outros viajantes. Disponível em: <<http://www.dentrodomochilao.com/2011/02/hostels-opcao-hospedagem-permite-interacao-outros-viajantes/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

DESIGNBOOM. O-office renovates immigrant dormitory into colorful youth hotel. Disponível em: <<http://www.designboom.com/architecture/o-office-youth-hotel-1-11-2015/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

DIVISARE. O-office Architects / Youth Hotel at iD Town. Disponível em: <<https://divisare.com/projects/281262-o-office-architects-youth-hotel-of-id-town>>. Acesso em: 04 out. 2016.

GENERATOR AMSTERDAM. **Generator Amsterdam**. Disponível em: <<https://generatorhostels.com/pt/destinos/amesterda/?section=gallery>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GENERATOR AMSTERDAM. **Generator Amsterdam**. Disponível em: <<https://generatorhostels.com/pt/destinos/amesterda/?section=rooms>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

GENERATOR BERLIM MITTE. **Generator Mitte**. Disponível em: <<https://generatorhostels.com/pt/destinos/berlim/mitte/?section=gallery>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

GENERATOR BERLIM MITTE. **Generator Mitte**. Disponível em: <<https://generatorhostels.com/pt/destinos/berlim/mitte/?section=rooms&type=female-shared>>. Acesso em: 12 Nov. 2016.

GENERATOR PARIS. **Generator Paris**. Disponível em: <<https://generatorhostels.com/pt/destinos/paris/?section=gallery>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da Juventude**: Joaquim e Ione Trotta. Barueri, SP: Manole, 2003, E3.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

GUIA GAZETA DO POVO. **Memorial de Curitiba**. Disponível em: <<http://guia.gazetadopovo.com.br/c-exposicoes/memorial-de-curitiba/1008/>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

GUIA GEOGRÁFICO DE CURITIBA. **As Ruínas de São Francisco**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/ruinas.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

GUIA GEOGRÁFICO DE CURITIBA. **Museu Paranaense**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/museu-paranaense.htm>> Acesso em: 05 nov. 2016.

HI HOSTELS. **Hostelling International blog**. Disponível em: < <http://blog.hihostels.com/2014/05/hi-just-gets-better-with-age/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

HOSTELLING INTERNATIONAL CUSCO. Disponível em: < <http://www.hostellingcusco.com/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

HOSTELWORLD. **Tetris Container Hostel**. Disponível em: <<http://www.brazilian.hostelworld.com/hosteldetails.php/Tetris-Container-Hostel/Foz-do-Iguacu/92439>>. Acesso em: 17 out. 2016.

IBGE. **Paraná >> Curitiba >> infográficos: evolução populacional e pirâmide etária**. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?codmun=410690&search=parana%7Ccuritiba%7Cinfograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria&lang=>>. Acesso em: 20 out. 2016.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Disponível em: < <http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/>> Acesso em: 21 out. 2016.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. **Pesquisa de demanda turística, perfil e opinião**. Disponível em: <<http://multimedia.turismo.curitiba.pr.gov.br/2014/10/pdf/00000328.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2016.

IPPUC. **A cidade que queremos**. Disponível em: < http://www.ippuc.org.br/planodiretor2014/arquivos/oficinas/MZ%20-%20A%20CIDADE%20QUE%20QUEREMOS_opt.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2016.

IPPUC. **Mapas - Regionais**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/mostrarpagina.php?pagina=351&idioma=1&liar=n%E3o>>. Acesso em: 31 out. 2016.

IPPUC. **Curitiba: Zoneamento consolidado**. Disponível em: <http://ippuc.org.br/geodownloads/PDF/MAPA_ZONEAMENTO_20000_201512.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2016.

MINHA CASA CONTAINER. **A casa e o escritório container da Carla Dadazio.** Disponível em: < <http://minhacasacontainer.com/2015/12/01/a-casa-e-o-escritorio-container-da-carla-dadazio/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MY SUITES & CO. **Design hotels we love: Generator Hostel London.** Disponível em: <<http://www.mysuitesandco.com/design-hotels-we-love-generator-london/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

NISIIDE, Karin. **Planta baixa térrea do Tetris Container Hostel.** Arquivo digital cedido pela arquiteta.

NISIIDE, Karin. **Planta baixa do primeiro pavimento do Tetris Container Hostel.** Arquivo digital cedido pela arquiteta.

NISIIDE, Karin. **Cortes do Tetris Container Hostel.** Arquivo digital cedido pela arquiteta.

PARANÁ EM FOCO. Disponível em: < <http://www.paranaemfoco.com/vista-aerea-curitiba-20030522-original/>> Acesso em: 21 out. 2016.

PORTAL MET@LICA. **Lar novo lar.** Disponível em: <http://www.metlica.com.br/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=88&id_jornal=6467&id_noticia=10212>. Acesso em: 23 nov. 2016.

PORTAL MET@LICA. **Modulação Arquitetônica para Projetos em Estruturas Metálicas.** Disponível em: < <http://www.metlica.com.br/modulacao-arquitetonica-para-projetos-em-estruturas-metalicas>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

2030 STUDIO. **Como entender as regras básicas da arquitetura em Curitiba.** Disponível em: <<http://2030studio.com/arquitetura-em-curitiba/>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

TÉCHNE. **Fachadas montadas**. Disponível em: < <http://techne.pini.com.br/engenharia-civil/179/artigo285916-1.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TÉCHNE. **Paineis estruturais pré-moldados de concreto armado**. Disponível em: < <http://techne.pini.com.br/engenharia-civil/149/artigo287677-1.aspx>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

TETRIS HOSTEL. Disponível em: < <http://tetrishostel.com.br/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

TETRIS HOSTEL. **Quartos**. Disponível em: < <http://tetrishostel.com.br/rooms/>>. Acesso em: 02 out. 2016.

TURISMO CURITIBA. **Feira do Largo da Ordem a Maior de Curitiba**. Disponível em: < <http://www.guiaturismocuritiba.com/2010/10/feira-do-largo-da-ordem.html>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

VIAGEM. **Roteiro de 48 horas em Curitiba, com museus, parques e restaurants**. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/48-horas-em-curitiba#5>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

VIAJANTES APRENDIZES. **Os 10 hostels mais descolados do Brasil**. Disponível em: < <http://viajantesaprendizes.com/10-hostels-mais-descolados-do-brasil/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

ZOOVER. **Foto`s Hostel Staokay Soest**. Disponível em: < <http://www.zoover.nl/nederland/utrecht/soest/stayokay-soest/hostel/fotos>>. Acesso em: 03 out. 2016.